REVISTA DA SEMANA



O CÃO, ÊSSE AMIGO VERDADEIRO

•

INGRID BERGMAN FELICÍSSIMA!

•

GAFIEIRA-BOITE DAS DOMÉSTICAS


Uma cutis
impecável


maderas de oriente
MYRURGIA

Pó de Arroz
e Rouge
MADERAS
DE ORIENTE


MADERAS
ORIENTE
MYRURGIA

MYRURGIA



«Bob Lee of Blue Sea», — em cima — de propriedade do sr. Phelippe Cavalcanti Mello, conquistou a taça de campeão da raça (cocker americano). Em baixo — miniatura pinscher campeão «Trump Card de Geddesbury», do sr. Luiz Hermanny Filho — o melhor do grupo.



O QUE SÔBRE ÊLES DISSE THOMAS MANN ★ A 36.º EXPOSIÇÃO DO BRASIL KENNEL CLUB ★ PRESENTES O RAJÁ DE MANDI, O PRÍNCIPE CZARTORRYSKI E O MUNDO ELEGANTE DO RIO DE JANEIRO ★ UM JUIZ BRASILEIRO, UM INGLÊS, UM ALEMÃO ★ APURAR A RAÇA... NÃO É RACISMO...

Reportagem de AMELIA DE OLIVEIRA **Fotos de HANS NEUHOF**

«Acaricio-lhe o ombro e lhe dirijo umas poucas palavras de encorajamento. E então êle fica de pé, me fita diretamente e ouve, percebendo pelo tom do que digo que aprovo francamente a sua existência o que com tanto trabalho eu procurava lhe comunicar. De súbito, atira a cabeça para a frente, abrindo e fechando a bôca muito depressa, e avança para o meu rosto como se quisesse me arrancar o nariz. É um gesto de retribuição às minhas declarações, que sempre me faz retrair o corpo, rindo, como Bashan já sabia prèviamente o que ia acontecer. E um beijo no ar, meio carícia, meio provocação, um jeito de brincar que tem desde pequeno e que eu jamais constatei em nenhum de seus antecessores. Imediatamente pede perdão pela audácia, pondo-se de rastros, abanando a cauda e se mostrando ridìculamente embaraçado.

. . . .

«Quando me sento para ler a um canto do muro do jardim, ou no gramado, com as costas apoiadas na árvore predileta, gosto de interromper minhas preocupações intelectuais para falar e brincar com Bashan. E que lhe digo? Quase só o seu nome, as duas sílabas que são do maior interêsse pessoal porque se referem a êle e têm um efeito elétrico sôbre todo o seu ser. Desperto e estimulo

O CÃO, ÊSSE AMIGO VERDADEIRO



«Tempo's Trueluck Joe», do Canil Imutá, sendo apresentado pelo dr. Tobias Rothier. Joe foi em 1951 e em 1952 o melhor cão da Exposição e lhe é atribuído o valor importantíssimo de duzentos mil cruzeiros!

O CÃO, ÊSSE AMIGO VERDADEIRO



Na foto aparece «Absinthe de Samoslaye», da senhora Ethel B. Neele, poodle campeão da raça e melhor do 6º grupo. A 36ª Exposição do Brasil Kennel Club foi uma demonstração do homem pelo seu amigo, o cão.

a consciência do seu ego fazendo-o compreender — variando de tom e de ênfase — que êle é Bashan e que Bashan é o seu nome. Insistindo, provoco nêle um estado de êxtase, uma espécie de intoxicação de sua própria identidade, de modo que êle se põe a girar sôbre si mesmo e a atirar para o céu latidos exultantes, do fundo da pesada dignidade que guarda no peito. Ou às vêzes nos divertimos, eu lhe batendo no focinho, êle abocanhando minha mão como se fôsse uma mosca. Isso nos faz ambos sorrir, sim, Bashan sorri também; e eu, enquanto me rio me admiro do que vejo, o mais estranho e comovedor espetáculo do mundo. É emocionante ver como por minha provocação suas finas bochechas e os cantos de sua bôca tremem, como passa por sua sombria máscara animal a expressão de um sorriso humano, ou pelo menos a sua cópia deformada e patética. Essa expressão dá lugar a um ar de embaraço assustado, e mais uma vez aparece novamente transformando o seu rosto.»

Essas palavras, entre muitas outras sôbre o mesmo assunto, são de Thomas Mann, referindo-se ao cão que mais amou.

O homem ama o cão, não há dúvida. É um sentimento de oferta e retribuição, como todo o amor verdadeiro, pelo nobre animal de inteligência penetrante, de sensibilidade sutil, que sabe fazer companhia e demonstra prazer em ser compatível em qualquer situação. E justamente os sêres humanos de atributos mais perfeitos se dão a êsse afeto pelos caninos. Que degenerados os há em tôdas as espécies animais, como é o caso de uma senhora que ouvimos manifestar: «Um cachorro para mim?! Que horror! Detesto trabalho. Pois, se nem desejei ter filhos...». Como se as alegrias e compensações da vida pudessem jamais caber em suas medidas máximas aos egoístas, que pensam se poupar e apenas se privam do melhor que há nesta terra.

A 36ª Exposição do Brasil Kennel Club foi uma extraordinária demonstração de apreço do homem pelo seu amigo o cão. Teve lugar nos amplos gramados e pistas da Sociedade Hípica Brasileira, convenientemente preparados para a ocasião. Foi freqüentada por visitantes ilustres dentre a sociedade carioca, figuras da administração do país e membros do corpo diplomático. Dêstes últimos, mostraram-se muito interessados o Rajá de Mandi, embaixador da Índia, e príncipe Czartorryski, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da Ordem Soberana de Malta.

Os expositores foram solicitados a chegar às 8 horas da manhã, a fim de se

«Mi-lu» pequinês, propriedade da senhora Maria Rondon. As três centenas de animais expostos tiveram a avaliação de cêrca de dez milhões de cruzeiros. A 36ª Exposição teve a participação de pessoas ilustres.

Na declaração de nascimento do bebê canino a côr declarada não poderá ser castanho, que não faz parte do arco-íris dos pêlos com pedigree, mas sim marron, ou dourado, ou mel, ou fígado...

porem a postos nos tablados que lhes haviam sido designados, marcados com o número de inscrição do cão a apresentar. E viram-se casos curiosos, em que a dona do bicho — quando se tratava de algum de pequenas proporções e muito mimo — se deixava ficar em pé para sentar o cãozinho na cadeira fornecida com o estrado e melhor abrigá-lo do sol sob o guarda-sol de praia por ela levado.

Um juiz brasileiro, um inglês e um alemão — Srs. Dr. Erwin Waldemar Rathsam ou Dr. Paulo Santos Cruz, Dr. Aubrey Ireland e Joseph Chatean — foram incumbidos de selecionar os melhores exemplares de cada raça, o melhor de cada grupo, o melhor da exposição, o melhor importado e o melhor de criação nacional. Todos os cães qualificados com **ótimo**, **muito bom**, **bom** ou **regular** obtiveram diplomas e medalhas de ouro, prata ou bronze, além da súmula de anotações do juiz. Dois cocker spaniels irmãos, propriedade de mãe e filha, elogiados em casa, pela observação demorada, um por «seu belo sorriso claro» e outro por seu olhar inteligente, tiveram anotados pelo juiz, respectivamente, os «ótimos dentes» e «o olhar invulgar».

Às seis horas da tarde eram conhecidos todos os resultados e se fazia em muito



A 36ª Exposição do Kennel Club foi freqüentada por visitantes ilustres dentre a sociedade carioca, figuras da administração do país e membros do corpo diplomático. Aqui vemos a representante do Paquistão.



Um juiz brasileiro, um inglês e um alemão — foram incumbidos de selecionar os melhores exemplares de cada raça, cada grupo e da exposição. Na foto vemos Maria de Figueredo com «Titã», belo animal premiado

O CÃO, ÊSSE AMIGO VERDADEIRO

boa ordem a distribuição de diplomas, prêmios ou simplesmente a devolução dos pedigrees. O melhor do primeiro grupo, também o melhor da Exposição (e o melhor importado), foi Tempo's Trueluck's Joe, pointer inglês, de propriedade do Dr. Spencer Rothier. O do segundo grupo foi o campeão Jager von der Sauhatz, pertencente a D. Hertha Stessel. O do terceiro, o campeão Jeep de Iguassu, também o melhor de criação nacional, de criação e propriedade do Dr. Adib Nicolau Aun. O do quarto grupo foi o Scottish terrier Hattonrigg Hebridean, cujo dono é o Sr. José Luiz de Andrade. O do quinto, o miniatura pinscher campeão Trump Card de Geddesburg, do Sr. Luís Hermanny Filho e o do sexto o poodle Absinthe de Lamorlaye, da Sra. Ethel B. Neele. (Cont. na pág. 51)



Na foto aparecem os srs João Álvares de Assis e Ernesto Itessel, respectivamente, presidente e secretário do Brasil Kennel Club — fundado a 10 de novembro de 1922 por um grupo de vinte e sete amigos do cão

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 46 ★ 15-11-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

O cão, êsse verdadeiro amigo (Amélia de Oliveira) 3/ 6
Garôto — Gafanhoto da cidade (Leonel C. Ferreira) 10/11
O drama da caverna San-Martin 17/21
Ingrid Bergman, felicíssima 27/29
Um cigano com duas mães 32/33
Gafieira — «boite» das domésticas (Potyguar Dymacau) 54/57

LITERATURA

O 29 de outubro, um conselho de Pombal (Generoso Ponce Filho) 7
O chapèuzinho (Didi Fonseca) 23/46
E que não se fale mais nisso (Maurice Ciantar) 26/46
Semana Literária (Edmundo Lys) 34

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana (Eisenhower) 9
Lido... visto... ouvido... (Jim) 14/15
Puxe pelo cérebro (Renato Cartaxo) 20
Passatempo 21
Conta-me teus sonhos (Maria Paula) 22

ROMANCE

Memórias do Príncipe Yussupoff 24/25

FOLHETINS

Arabelle (Vania Laurez) 47
Filho, meu filho (conclusão) 48/49

FEMININAS

Jacques Fath 35
Últimas criações de Paris 36/37
Chapéus, grandes e pequenos 38
Ser mulher é o diabo (Isolete) 42
Rotina de beleza 43
A saúde do bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 44

CURIOSIDADES

Quase devorado pelo hipopótamo 30/31
A vida de Noel Rosa (Almirante) 39/41

CARICATURA

Êste mundo e o outro (Darcy) 16

ÚLTIMO FLASH

Flores para os pracinhas 58
CAPA — Susan Ball (Foto Universal-International)

O 29 DE OUTUBRO E UM CONSELHO DE POMBAL



SILVIO Romero foi grande, a despeito da grande dose de paixão dos seus juízos, fruto de temperamento impetuoso. Foi grande, apesar dos verdadeiros dispautérios que escreveu e que não resistiram à crítica corrosiva de Lafayette Rodrigues Pereira, naquele imenso opùsculozinho — **Vindiciæ**, que o helênico estilista assinou com o pseudônimo de Lobieno. Sílvio não deixou de ser o magnífico autor da monumental História da Literatura Brasileira. Apesar da sua classificação de ciências, na qual cometeu a cincada de incluir até as quase ciências... êrro de que se penitenciou, mais tarde, dizendo que a classificação era meramente humorística... não deixa de ter mérito a sua «Filosofia do Direito». Apesar das suas contradições, de que se defendeu com galhardia, em **«Minhas Contradições»**, não perdeu o direito de ser chamado inolvidável. E' que por ser de porte excepcional o seu valor, nem por isso perdeu as características de criatura humana, com todos os claros escuros, refulgências e deficiências do extraordinário ser, que Deus fêz à sua imagem e semelhança, o que poderá justificar aos ateus nas suas críticas contraditórias ao ser cuja existência êles próprios negam.

Ora, se assim somos nós, o pobre barro humano, a que um sôpro divino dignificou e deu vida, porque nos remordermos, exatamente, numa das atividades mais sujeitas às paixões e seus torvelinhos, como é a política e num país como o nosso, em plena fase telúrica de sua formação, em procurar pôr em xeque as atitudes alheias, buscando contrastes e contradições que sòmente podem aumentar nas massas, às quais hão de faltar o senso crítico, como o das perspectivas históricas, seu desencanto e falta de confiança em tudo e em todos?

Por que quiseram os deputados comemorar o 29 de Outubro, querendo pôr em xeque um homem, a quem o povo, usando dos direitos em cujo nome se realizou aquêle movimento, reconduzira ao poder? Tôda a nossa vida pública, uma vez que as circunstâncias vão mudando e estas é que condicionam as atitudes dos homens, é um tecido em cujas malhas não será nunca difícil encontrar as idas e vindas, as voltas e reviravoltas, que afinal fazem a própria contextura da nossa vida política?

Ruy Barbosa, com muita sabedoria, recomendava sempre que não se rebuscasse muito no passado dos homens públicos, nem demasiadamente se apegassem às cartas e documentos do passado, inflamados pelas paixões transitórias do partidarismo.

Não quer isso dizer que devamos louvar os trêfegos, nem animar os versáteis. Mas temos problemas demasiadamente sérios nesta tremenda conjuntura do mundo contemporâneo, para que nos entredevoremos na arena política.

Esta é a hora de repetirmos o gesto de Sebastião José de Carvalho, o grande marquês de Pombal, naquela famosa e última corrida de touros em Salvaterra, quando êle, punindo assim a severidade do espetáculo dava as costas ao anfiteatro e dizia a el-rei d. José: — «Portugal não tem assim tantos homens que os possa estar sacrificando aos divertimentos trágicos e fúteis como êste.»

GENEROSO PONCE FILHO

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..... Cr$ 200,00
Seis meses ..... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano ..... Cr$ 230,00
Seis meses ..... Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ..... Cr$ 350,00
Seis meses ..... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4.00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50.

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Redator-chefe
GENEROSO PONCE FILHO

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS** — Desenhos de **ALBERTO LIMA**

Redator-chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha, Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA, R. Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Diretor **GRATULIANO BRITO** — Assistente **RENATO DE ALENCAR**

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lonrenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tóda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

A REVISTA há 50 anos

16 DE NOVEMBRO DE 1902

OS THEATROS — Julião Machado e Baptista Coelho leram, na segunda-feira, aos artistas do theatro Recreio Dramatico, uma comedia dramatica original em 3 actos — **Culpa Antiga** — já lida dias antes em casa do sr. Arthur Azevedo, com assistencia do autor destas linhas. A peça além de escripta com grande elegancia litteraria, é theatralmente muito bem feita, conduzida com lógica e tendo em cada acto, pelo menos uma situação empolgante. E' trabalho de fólego, capaz de acreditar os comédiographos que lhe descobriram e encheram a "charpente". Nenhum delles é um desconhecido no mundo theatral. Julião Machado alcançou um successo com a sua comedia **O Primo Alvaro**; Baptista Coelho tem em mãos de Dias Braga um original em 3 actos — **O 116** — a que em tempos nos referimos largamente. Dias Braga e os seus artistas receberam da leitura a melhor impressão. A peça será montada a capricho e distribuida de accordo com o grande valor dos respectivos papeis.

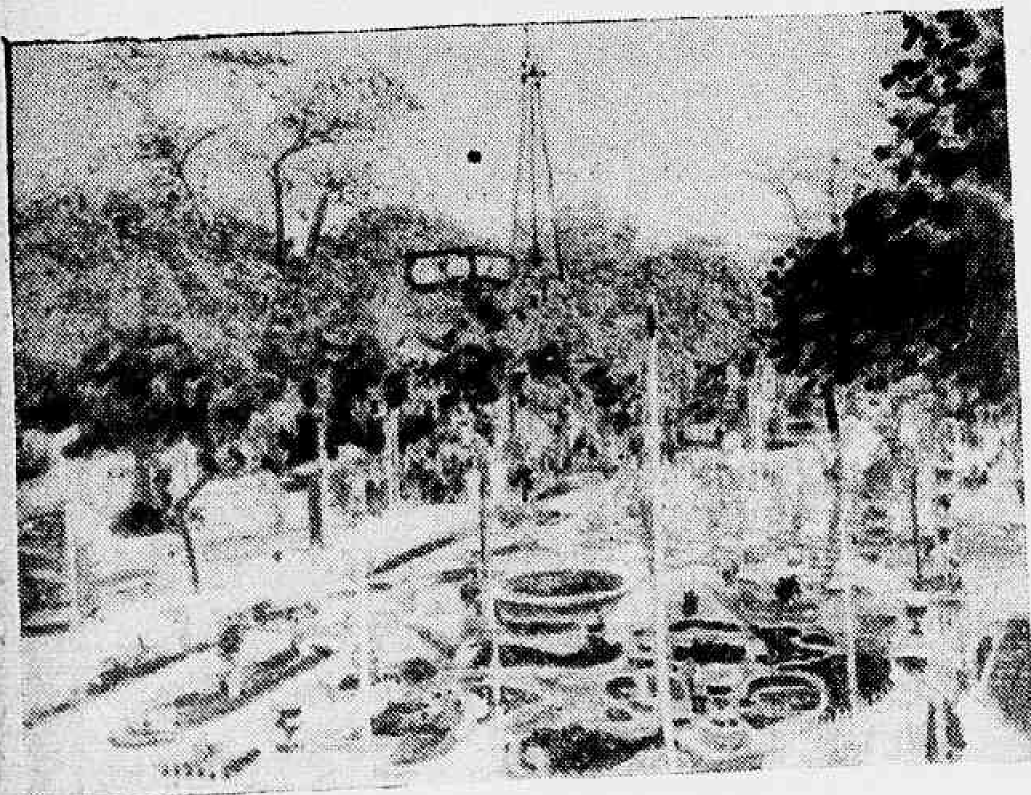
A seguir aos **Lobos na Malhada**, o distincto actor Ferreira de Souza fará a sua festa artistica com a peça em 3 actos, de Arthur Azevedo — **Retrato a oleo** — critica a uma das manias indigenas mais typicas e mais... ridiculas.

No Apollo, a empreza Milona-Rotoli, admiravelmente coadjuvada pelos seus excelentes artistas, continua de vento em pôpa, a attrahir grande concurrencia. O cartaz é sempre renovado e a opera ligeira alterna com a grande opera, sempre com desempenho egual e discreto. Cada dia se evidenciam mais os creditos do barytono Vinci e pena é que uma imprudencia do tenor Montignani nos tenha impedido de ouvir por alguns dias o intelligente interprete do Rodolfo n'**A Bohemia**. Orbellini, Aifos e Costa continuam tambem a agradar em toda a linha. Spangher, Bartolomasi, Ella Prossnitz e Rosarita Salgado, cooperam efficazmente para o conjuncto.

Terça-feira ultima, no Recreio, festejou-se o meio centenario e o encerramento da primeira serie de representações do drama **O Martyr do Calvario** que tanto successo alli alcançou. Subiu á scena na quinta-feira, no mesmo theatro, a comedia em 3 actos **Juiz... sem juizo**, original de Bisson e traducção de Fran Paxeco e A. Lobo. Do resultado obtido por essa peça diremos na proxima chronica.

Estão a terminar as importantes reformas por que passou o theatro Variedades, que foi agora denominado theatro S. José. A inaugural-o, deve chegar brevemente, vinda de Buenos Aires, uma companhia de zarzuela, que, pelo elenco publicado, parece regular, tendo tambem regular repertorio.

A peça de costumes portuguezes — Lobos na malhada — original de Cunha e Costa, está sendo enscenada e vestida com grande propriedade. No acto da romaria algumas cantadeiras apparecerão com trajos authenticos de Vianna do Castello, expressamente mandados vir por Dias Braga. O scenario é todo novo: o do 1.º e 3.º actos, pintado por Marroig; o do 2.º, por Affonso Silva. A musica reproduzirá as verdadeiras chulas e rondas minhotas, cantadas por um grupo de genuinos cantadores e cantadeiras. Os Lobos na malhada subirão á scena em 1.º de dezembro, com a seguinte distribuição: Padre João, Ferreira de Souza; Fr. José, Barbosa; Eduardo de Albuquerque, Eugenio de Magalhães; Antonio da Felismina, Dias Braga; Manuel Artilheiro, Grijó; João Canada, Bragança; Chico das Bichas, Eduardo Vieira; Zé da Lorna, Rangel; Bento Zabumba, Marzulo; Raymundo Pancada, Olympio; O brasileiro do Arco, Raposo; Bernardo Foguete, Ramos; André da Beçada, Ernesto Silva; Treme-Terra, Alfredo Silva; Um moço de lavoura e um estafeta, Cecilio; Um mordomo, Linhares; Sra. Quiteria, Elisa de Castro; Ritinha, Maria de Oliveira; Tia Anna da Beçada, Georgina Vieira; Rosa do Atalho, Maria Piedade; 1.ª Cantadeira, Granado; 2.ª Cantadeira, Emilia; 3.ª Cantadeira, Pepa; 1.º Camponeza, F. Louro.



ESTADO DO CEARÁ — Fortaleza — Passeio e jardim Sete de Setembro — Praça do Ferreira

A Semana

Que frango, seu Oswaldo!



O Sr. Geraldo Barros e sua Senhora Maria Lourdes Ferreira, quando mais acesa estava a disputa do primeiro turno do nosso futebol metropolitano, muito se interessaram por um frango sensacional. Muita gente estava comendo gambá por galinha. Quando se falava em frango, vinha à memória os belíssimos frangos do atual campeonato. Mas não se tratava de frangos de futebol, e sim de um frango que é uma mina de pedras semipreciosas. Seu papo, que fôra feito para digerir milho, continha considerável quantidade de pedras que valem dinheiro, e na moela, que é a moenda que tritura os alimentos galináceos, também havia dessas gemas que a Natureza pródiga espalhou aí pelos serrotes e grotas de Minas Gerais e adjacências. O Sr. Geraldo, funcionário da Alfândega, depois de gozar umas férias muito úteis lá pelo interior das Alterosas, preparou-se para a volta do Rio. Como sempre sucede, sua senhora abateu um frango para as refeições durante a viagem. E... surprêsa! Dentro do penoso havia grande número de pedras semipreciosas. No espírito do Sr. Geraldo surgiu logo a idéia de contrabando; mas não era possível. Aqui era mesmo um fenômeno. De onde procedia o galináceo? E êle está agora interessado em localizar a fazenda em que foi adquirido o bichinho, que era pobre por fora mas muito rico intestinalmente. Talvez seja melhor garimpar com frangos do que discuti-los no futebol...

Quebrou-lhe o nariz



OS problemas do tráfego não se limitam à terra, aí pelas ruas e avenidas, praças e becos. Com o grande desenvolvimento da aviação, também nos ares o problema é cada vez mais grave. A única diferença é que, enquanto à superfície da terra, os acidentados podem esperar o socorro de pronto, lá nas nuvens, uma vez atropelado, não há cura possível, e o acidentado tem mesmo que vir de ventas ao chão. E não é sòmente o indivíduo humano que sofre dêsses desastres. Também as aves, os passarinhos e... os urubus. Malandro ou não, êles pagam seus tributos ao progresso do homem. Vejam o que acaba de suceder com o avião WD-987, «Canberra», recém-chegado da Inglaterra num cruzeiro de amizade pelas repúblicas sul-americanas. Êsse bombardeiro a jacto sempre se **jactou** de sua fortaleza, de sua segurança em vôo, de sua invulnerabilidade a balas. Só mesmo o obus de um canhão antiaéreo seria capaz de abatê-lo ou danificá-lo a ponto de forçá-lo a descer visivelmente enfêrmo. Pois, senhores, um pachorrento urubu malandro, dêsses que se libram elegantemente nos espaços azuis do nosso céu, chocou-se com um «Canberra» a 800 quilômetros a hora, lá em São Paulo, estilhaçando-lhe o nariz de ferro, aço e vidro inquebrável. O impacto foi tão grande que o WD-987 procurou refugiar-se em Congonhas, e, não sendo possível, rumou para o Galeão. E baixou hospital. Êsse urubu será algum espião iraniano?...

Em Revista

Eternamente penhorado

SABIA o leitor que, durante a semana que foi de 25 a 31 de outubro dêste ano, a Carteira de Penhores da Caixa Econômica, devolveu, sem despesa alguma para seus clientes, os objetos de uso pessoal ali depositados em garantia de pequenos empréstimos? Sabia que essa generosidade da grande instituição de crédito popular foi em homenagem ao Dia dos Penhores? Aí está um acontecimento que dignifica uma administração. No período acima aludido, os que já estavam com seus objetos escalados para o leilão fatal, foram beneficiados com a liberação de seus valores, num ato presidido pelo próprio diretor da Carteira de Penhores, Sr. Jeronymo de Castilho, tendo o titular dêsse departamento dado início às entregas, pessoalmente. O primeiro mutuário a receber seu objeto «pendurado» foi o Sr. Guilherme Fernandes Júnior. Que empenhara êle? Um guarda-chuva. E veio na horinha H: chovia de desmanchar paralelepípedo. E o Sr. Fernandes Júnior, ao receber o seu protetor amigo, imediatamente o utilizou, podendo enfrentar a chuva. E houve uma senhora que resgatou sete cautelas: capa, bôlsa, toalhas, blusão, lençóis, tudo no valor de 710 cruzeiros. E muitos outros, com suas cautelinhas de 200 e 300 cruzeiros, felizes por terem reconquistado seus objetos. Apesar de livres dos penhores, confessaram-se eternamente penhorados...

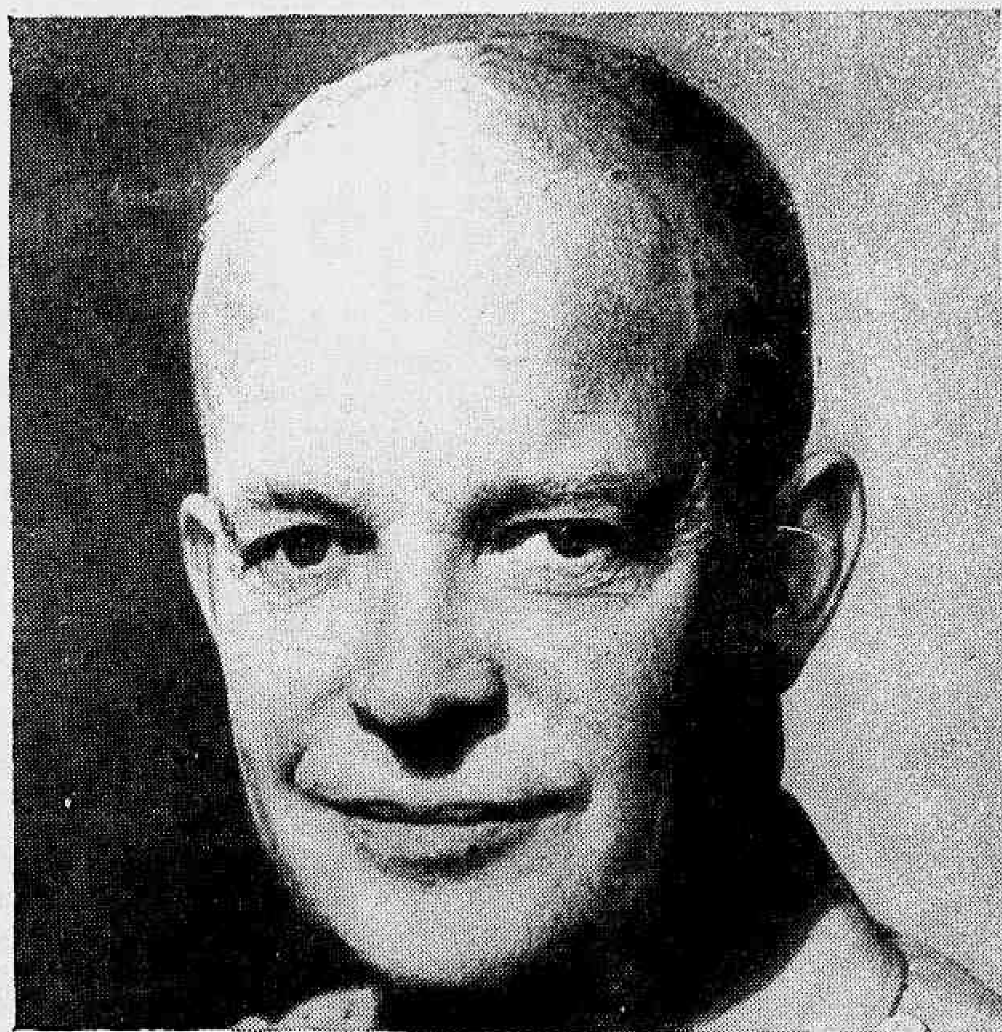


Desmancham a biblioteca



O Primeiro secretário da Câmara dos Deputados, em obediência a determinações da Mesa, vai endereçar a cada senhor deputado que levou livros da biblioteca, uma cartinha amável solicitando que sejam devolvidos os volumes dali retirados e até agora, apesar do enorme tempo já decorrido, ainda não repostos. O fenômeno não é de agora. Desde que a biblioteca foi instalada, os assíduos freqüentadores do recinto se habituaram a levar volumes e mais volumes, mas sempre se esqueceram de devolvê-los. E o assunto continua absolutamente insolúvel. Em certa vez, quando certo deputado fluminense foi procurado pelo encarregado da biblioteca, e êste lhe pediu que devolvesse os volumes requisitados já havia muito tempo, o licurgo se perfilou e respondeu muito concho: — Mas eu sou um deputado... — Sim senhor, sei disso, respondeu o funcionário; mas é que os livros devem voltar às prateleiras. — «Sim, porém, eu tenho imunidades!» E deu as costas com tôda a convicção de que estava defendendo os altos interêsses da Pátria amada. E provável que isso não passe de anedota dessas inventadas pela «oposição»; mas que os livros da grande biblioteca do Palácio Tiradentes estão tirando o sono do bibliotecário, lá isso é verdade. E que se vote uma lei regularizando o assunto, isto é, tornando cada volume propriedade do deputado, quando a obra não encontrar mais o caminho de volta...

A PERSONAGEM da SEMANA



Dwight Eisenhower está eleito presidente dos Estados Unidos. Um pleito que empolgou o mundo, dividindo-o em dois campos, o dos que por êle simpatizavam e se batiam e os dos partidários fervorosos de Stevenson, deu-lhe a vitória. A popularidade imensa do general empolgou o povo norte-americano. Dois grandes candidatos, o único ponto que seria fraco no lado do general vitorioso, seria o da possibilidade de dominarem sôbre seu espírito os isolecionistas da velha guarda republicana. Contra isso milita, porém, o passado de Ike.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* Gesteira é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que freqüentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* Gesteira.

A acção que o *Regulador* Gesteira exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* Gesteira o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

«Ó que saudades que eu tenho...» E os garotos que não sabem versos, fazem poesia sem saber, jogando gude e subindo nas árvores...

GARÔTO - GAFANHOTO DA CIDADE

A CRIANÇA, ESSA DESCONHECIDA... ★ UM MONUMENTO E UMA INTERPRETAÇÃO MALÉVOLA ★ TRÊS PRAGAS: O MOLEQUE, O CACHORRO E O CIGARRO ★ OS PEQUENINOS VÂNDALOS ★ EMPINANDO "PAPAGAIOS" E JOGANDO "GUDE"

Texto de LEONEL FERREIRA **Fotos de CLÉO NOVARRO**

A criança é criança em tôda parte. Suas peraltices povoam a existência do pequeno mundo em que se agitam. Só lhes cativa o espírito as mil travessuras entremeadas de pequenas ou grandes alternativas. Quem ao chegar à idade adulta não se recorda dos bons tempos em que «de camisa aberta ao peito, pés descalços e braços nus» — corria pelas campinas de nosso lírico poeta, «atrás das asas ligeiras das borboletas azuis...»

No entanto a criança continua sendo um ser desconhecido para a maioria. Culpam-nas de erros quando o maior êrro é serem elas sinceras mesmo para consigo. E dentro desta franqueza agem os pequeninos, à espera que a mão paterna lhes indique a senda do dever e da honra. Todavia falta-lhes tudo hoje. Sem as ternuras do lar o menino encontra na liberdade das ruas o colega de suas primeiras descobertas no mundo curioso que lhe acena. São êsses meninos que nos preocupam: os meninos da rua.

Um monumento na cidade gaúcha de Rio Grande representa um menino com um cigarro nos lábios e um cãozinho ao lado. Dizem as más línguas que ali estão as três pragas de uma cidade: o moleque, o cachorro e o cigarro. Na encantadora metrópole de São Sebastião do Rio de Janeiro encontramos a realidade que significa aquêle monumento. Crianças desamparadas, cães vadios e cigarros petulantes.

É o problema da criança da rua, um dos mais

graves do Brasil. Meninos que deviam estar nas escolas vagabundam pelos nossos parques e jardins. Devastam tudo. Remexem no lixo, disputam os restos das feiras aos cães famintos. Aprendem a custo de privações os mais feios vícios em troca de migalhas que lhes saciem o estômago. Por onde passam deixam o traço muitas vêzes inconsciente de um estrago. São os acrídios da sociedade em que vivem.

Os lugares preferidos pelos pequeninos vândalos são justamente os que lhes despertam certo e determinado interêsse. As praias lhes oferecem a aventura perigosa dos banhos. Os lagos artificiais de nossas praças dão-lhes a satisfação de uma pesca fácil. Os mais afoitos mergulham nos lagos estragando as plantas e jogando lôdo nos companheiros descuidados. Os bulevares são invadidos pelos peraltas que porfiam na pontaria dos abajures.



Êste monumento — tão natural que parece verdadeiro — enfeita um recanto da cidade do Rio Grande e é injusto colocando o garôto como uma das três pragas...

Há, no entanto, os garotos mais acomodados. São os que se divertem empinando «papagaio», jogando «gude» com a bolinha de vidro, rodopiando pião ou colecionando figurinhas e moedas. Há ainda os que por dever ou imposição são obrigados a ir à escola, carregar marmita, dar recado e fazer compra. Todos êles, porém, se confundem na hora da brincadeira. Basta um convite tentador para uma traquinagem para unir o bando disperso dos vadios.

O jôgo é o maior responsável pelas diabruras dos pequeninos craques da pelota de borracha ou de pano de meia. De todos êles o que mais estrago produz é o futebol das ruas. Quebrar vidraças, arrebentar pára-brisa de automóveis ou, às vêzes, acertar em cheio num pacato transeunte, é o destino da bolazinha, quando não entra nas «traves» improvisadas.

O problema da criança abandonada vem despertando a consciência pública para um outro ângulo mais perigoso da vida: a desenfreada vagabundagem que é sempre a mãe da licenciosidade. Descem dos morros os garotos desocupados e vêm se encontrar nas praças com os meninos ricos. O hábito nocivo da falta de vigilância cria, imediatamente, o esquadrão dos peraltas. Saem a campo em dois tempos depredando e estragando tudo. Nessa vida de perigosa liberdade quantos que sucumbem vítimas de sua imprudência, debaixo de um veículo em velocidade.

O caso é tão sério que chega a impacientar à todos aquêles que têm uma pequena ou grande responsabilidade na formação do povo. O estudo torna-se uma brincadeira, porque «gazear» aula é uma coisa simples e boa. As cenas de morte vistas nos cinemas, as situações de crime são fielmente reproduzidas pelos improvisados «cowboys» de nossas ruas.

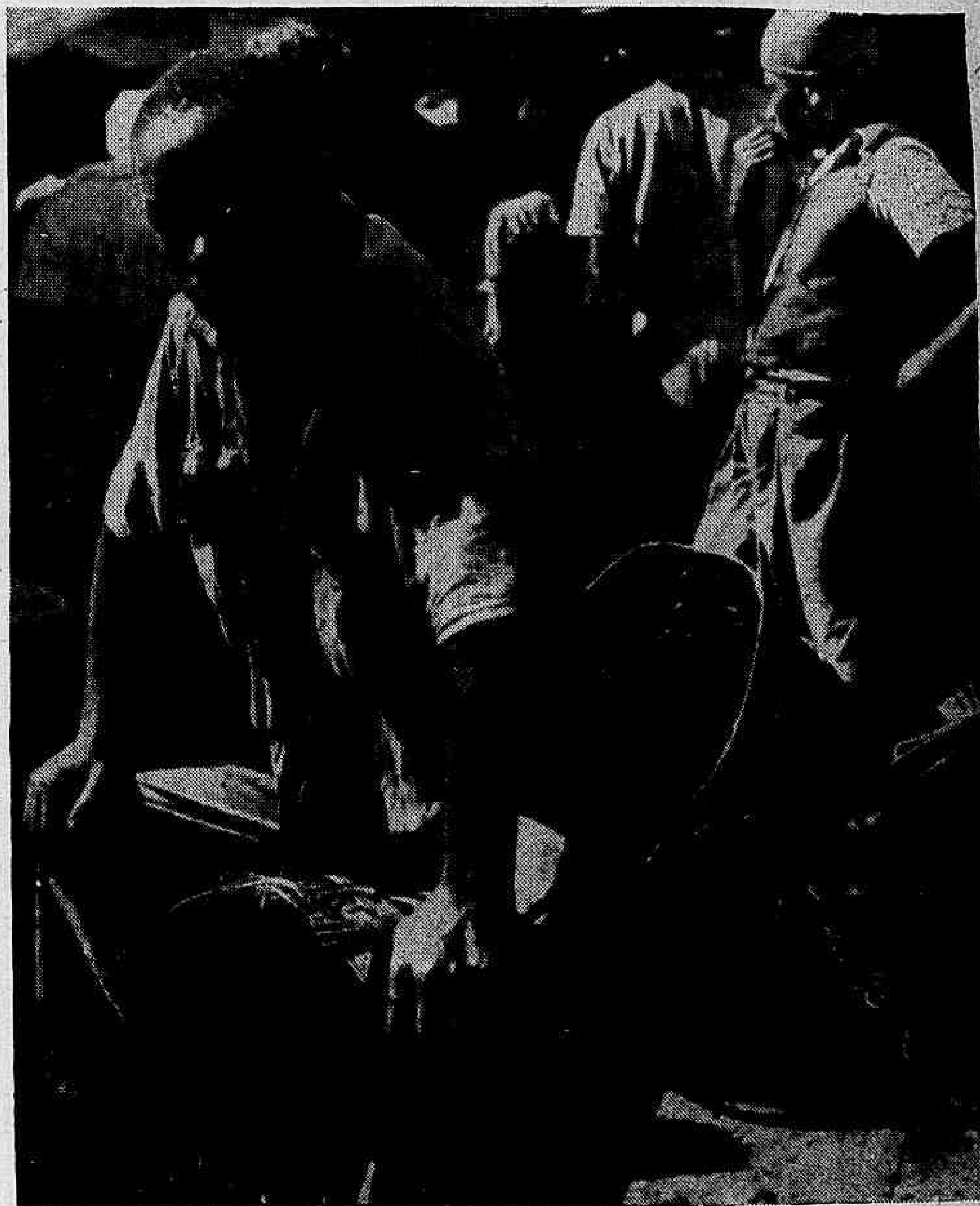
É tempo, pois, de se pensar sôbre tudo isto. Não adianta privar os meninos de suas legítimas brincadeiras. Seria um contra-senso. Deixemos que êles empinem «papagaio», joguem bolinha de gude, colecionem as suas figurinhas, brinquem seu futebolzinho e leiam suas historinhas de quadrinhos. Tudo isto faz parte da infância. Haja expansão e livre ambiente para as pueris distrações. Não nos esqueçamos que também as meninas fazem das suas... Quanto rostinho de anjo de saia põe em rebuliço uma casa...

Não devemos por isso condenar a natural volubilidade dos meninos. Antes vigiemos os passos de todos êles. No lar a tarefa cabe aos pais. No colégio aos mestres. Nas ruas a todo cidadão honesto que vê naquele entezinho um seu futuro amigo no convívio da sociedade humana. Para livrar as nossas ruas e praças das desordens que a irreflexão juvenil ocasiona redobremos a vigilância dentro de um espírito mais educativo que mesmo correcional.

Desta maneira os buliçosos gafanhotos que são os nossos irrequietos garotos se tornarão melhores e mais dóceis.



Ó os belos tempos da infância despreocupada e bem feliz, em que tudo é brincadeira: — beber água ou trepar nos monumentos...



Sim, mas eu já tenho que pensar sèriamente na vida e ela começa dura para mim. De manhã exerço minha atividade no mercado...

O senhor Abel Mendes Pinheiro é cumprimentado pela sua espôsa, senhora Irene Viana Pinheiro, pela passagem da feliz efeméride.

NO dia 25 de Outubro último comemorou seu primeiro quarto de século uma das mais conceituadas
organizações comerciais desta Capital, a firma Ferragens Pinheiro Guimarãis, S. A., emprêsa im-
portadora e distribuidora de produtos de aço, ferro, metais, matérias-primas, ferragens e ferramentas, re-
presentada em tôdas as capitais dos Estados do Brasil por agentes experimentados e eficientes. Sua atual
diretoria compõe-se dos srs. Abel Mendes Pinheiro, diretor-superintendente, Geraldo Alves Ribeiro, dire-
tor-comercial, Antônio Mota, Olavo Pinto Machado, Alcione Mendes Pinheiro e Antero Martins Fernandes,
subdiretores. Ferragens Pinheiro Guimarãis S. A. foi fundada em 19 de Maio de 1927, sob a razão so-
cial de Pinheiro & Mesquita, dela fazendo parte, como sócios, os srs. Abel Mendes Pinheiro e Francisco
Mesquita. Decorridos menos de três meses, a 8 de Agôsto de 1927, alterava-se a firma para Pinheiro,
Guimarães & Cia., com a entrada de mais um sócio, o sr. Heitor Mariante Guimarães. A 3 de No-
vembro do mesmo ano retirava-se da sociedade o sr. Francisco Mesquita, e era admitido como sócio
comanditário o sr. Armando Schultz, que era substituído, a 14 de Maio de 1929, pelo dr. Olavo Freire
Júnior. A 15 de novembro de 1930 retira-se da sociedade o dr. Olavo Freire Júnior e entra, como sócio
solidário, o sr. José Vitorino Dourado, e a 7 de Maio de 1931 é admitido, também como solidário o
sr. Alberto de Almeida Coimbra. Mais dois sócios comanditários passam a compor a sociedade, os drs.
Alexandre Portela Passos e Edgard Autran Dourado, isto a 28 de Janeiro de 1932. A 13 de Fevereiro do
mesmo ano retira-se o sócio Heitor Mariante Guimarães, a 10 de Maio de 1933 retiram-se os sócios dr.
Edgard Autran Dourado e sr. José Vitorino Dourado. A 26 de Janeiro de 1943 transforma-se a sociedade
de responsabilidade ilimitada em sociedade de responsabilidade limitada, constituída dos cotistas Abel
Mendes Pinheiro, Alberto de Almeida Coimbra, Alexandre Portela Passos, Antônio Mota, Olavo Pinto Ma-
chado, Alcino Moreira Neto e Armando de Sousa e Silva, para finalmente, em Outubro de 1943, tomar
a forma de sociedade anônima, sob a denominação de Ferragens Pinheiro Guimarãis S. A., tendo como
principal acionista e diretor o sr. Abel Mendes Pinheiro. A 9 de Maio do corrente ano retira-se da em-
prêsa, deixando de ser diretor e acionista, o sr. Alberto de Almeida Coimbra, sendo eleito para o cargo
de diretor-comercial — tornando-se por sua vez acionista — o sr. Geraldo Alves Ribeiro.

Êsse o relato histórico da reputada firma comercial Ferragens Pinheiro Guimarãis S.A., que acaba de com-
pletar 25 anos de uma existência das mais proveitosas, superiormente orientada que tem sido, desde os
seus primeiros dias, por homens ativos, experimentados e de conduta ilibada. Para comemorar o auspi-
cioso evento, a diretoria da emprêsa mandou rezar missa gratulatória na Igreja da Candelária, tendo
à mesma comparecido grande número de amigos e clientes, bem como todos os seus auxiliares. Ainda em
comemoração daquela efeméride, a emprêsa ofereceu aos seus auxiliares e colaboradores um almôço de
confraternização, tendo o sr. Abel Mendes Pinheiro, nessa ocasião, sido alvo de grandes homenagens,
como único elemento que veio desde a fundação da firma até aos dias atuais, dando em seu proveito
o melhor do seu devotamento e das suas energias. No transcurso do almôço, em extensos improvisos, fi-
zeram uso da palavra os seguintes: sr. Arthur Camacho Filho, que, entre outros assuntos, disse: «... fe-
licito a emprêsa à qual muito devo pela experiência e largo tirocínio que ali adquiri no trato dos negó-
cios e na convivência com seus dirigentes por período superior a doze anos. Ao sr. Abel Mendes Pi-
nheiro, a quem muito quero, respeito e admiro, os meus cumprimentos.»; dr. Mauro Barcellos que, no de-
correr do seu discurso, falou: «... conheço esta emprêsa há mais de quinze anos como advogado da
mesma. Seus componentes, já por suas energias, já por sua capacidade de trabalho, elevaram-na ao nível
de conceito que honrosamente desfrutam em todo o País, como fôrça propulsora de sua própria vontade,
traduzida em sacrifício e bem comum.»; o sr. Antero Martins Fernandes, que ressaltou: «... em nome
dos meus companheiros de subdiretoria — que muito me honraram em me conferir poderes para tanto —
e no meu próprio nome, quero, nesta oportunidade ímpar, reiterar aos srs. diretores Abel Mendes Pinheiro

VINTE E CINCO ANOS DE ATIVIDADES COMERCIAIS

Após a realização da cerimônia religiosa, pessoas presentes aguardam o momento de levarem seus cumprimentos aos membros da firma



Diretores, auxiliares e amigos da firma, presentes ao ato, posam especialmente para a REVISTA DA SEMANA após a cerimônia católica.



★

e Geraldo Alves Ribeiro, a nossa disposição de trabalhar sempre cada vez mais pelo progresso da emprêsa, objetivando projetá-la na vanguarda de suas congêneres, para que, nos dias que correm e no porvir, seu conceito e sua fôrça assegurem ao Brasil dias mais auspiciosos para o seu comércio interno.»; Alcione Mendes Pinheiro focalizando, entre outras coisas, «... um princípio básico da natureza ensina-nos que uma boa semente gera bons frutos e, quando traspassa para a atividade humana, observamos que alguém, de espírito corajoso e decidido, alcança seus intentos e hoje se nos apresenta como o pioneiro desta festa e que soube escolher, para seu convívio cotidiano, pessoa que, com pouca convivência entre nós, já demonstrou o seu espírito esclarecido e progressista daqueles que muito fazem e realizam. Essa pessoa pulula na mente de todos, é Geraldo Alves Ribeiro.»; Geraldo Alves Ribeiro que, num belíssimo improviso e depois de agradecer as manifestações que também lhe eram tributadas, salientou: «... cabe-me externar meus agradecimentos pela oportunidade que o sr. Pinheiro me proporcionou de privar do convívio de todos vós, coincidindo essa oportunidade com o início do primeiro quarto de século de existência de nossa Casa. Espero e confio em Deus que levarei avante, com o mesmo espírito de luta, dedicação e camaradagem, a obra iniciada há 25 anos pelos seus pioneiros, certo de que não me faltará, nos momentos precisos, a palavra sensata, a experiência e os bons conselhos do sr. Pinheiro.»; e, finalmente, para encerrar a festividade, falou o sr. Abel Mendes Pinheiro que, em palavras repassadas de emoção e profundamente afetivas, agradeceu a todos os oradores que o precederam, as referências feitas a si e à emprêsa, não se esquecendo de prestar homenagem póstuma aos srs. Francisco Mesquita, Armando de Sousa e Silva e Armando Carmo Adamo, como sócios que foram da entidade comercial e seus particulares amigos. No decorrer de várias considerações, disse o sr. Pinheiro: «... e, objetivando sempre o bem comum, temos a rara felicidade de ver reunida, nesta festa de celebração das Bodas de Prata da nossa entidade mercantil, tôda a nossa família comercial, a cujos componentes coube, na medida de suas fôrças, ajudar a construção do edifício que é, e deve continuar sendo, o nosso LAR, pois é nêle onde vivemos, cotidianamente, um têrço da nossa existência. Impõe-se-nos, portanto, como um dever oriundo de um impulso cordial, fazermos da nossa oficina de trabalho o SANTUARIO de uma amável convivência, onde a transigência e a tolerância devem ser os arautos de uma felicidade perene.» E por fim brindou a todos, bebendo à prosperidade da emprêsa e, especialmente, de cada um.



Em cima — A diretoria da emprêsa recebendo cumprimentos. Em baixo — Outro grupo de pessoas presentes à missa em ação de graças.





LIDO... VISTO...

ASPIRAÇÃO

CHIQUINHO Cerdeira não acertara na loteria da vida. Já beirava a idade provecta, e afinal, que conseguirá? Nada, nada que valesse a pena. Crescera, depois do ginásio morrera-lhe o pai e não pudera continuar os estudos. Tentara a sorte no comércio e nunca passara do balcão e por fim entrara por bambúrrio (palavra consagrada por Miguel Couto, ouviu seu purista?) para uma repartição. Ali não fôra além de escriturario. O casamento com tanta pobreza esticava a monótona novela de sua vida.

Ia êle uma tarde pela Avenida (há muitos anos, e, pois qualquer cogitação sôbre a identidade das pessoas será pura perda de tempo e qualquer semelhança mera coincidência)... quando encontra outro velho, êste bem vestido, corado, satisfeito da vida. Eram amigos de infância, que não se viam há quase quarenta anos. Cairam um nos braços do outro.

— Chiquinho!

— Juquinha! Há quantos anos!

— E' verdade? E como vai sua mãe, dona Mariquinha, tão boa?

— Morreu, coitada, faz tempo.

— E você, o que faz?

— Eu sou ministro da Marinha. E você, Chiquinho?

— Ó, um pobre funcionariozinho.

— Mas isto não pode continuar, nós dois tão amigos. Apareça lá pelo ministério, qualquer tarde destas. E' só dizer ao meu ajudante-de-ordens que você é o Chiquinho e entra logo.

Chiquinho chegou a Inhaúma, onde morava, radiante, naquela noite e, nem sentiu os apertos do trem. Parecia que todo um mundo novo, côr-de-rosa, se abria para êle. Contou à família, ao jantar.

— Agora, sim, vou realizar a aspiração de minha vida. Ninguém nunca soube, na verdade, para que foi que nasci. Agora sim!

No dia seguinte era feriado, no outro, sábado, o ministro não estava. Domingo custou tanto a passar. Mas segunda-feira, à hora do espediente, o sr. Francisco da Cunha da Silva Pereira Cerdeira estava lá. Mal vestido, amarfanhado, cara de pedinte, o ajudante de ordens não fêz fé:

— O sr. ministro só recebe com audiência marcada.

— Não para mim, o sr. diga só que é o Chiquinho e vai ver. E' o Chiquinho.

Tanta insistência levou o oficial ao ministro: — Aí está um sujeito que insiste em ser recebido e diz que basta o sr. saber que é o Chiquinho.

— O Chiquinho? Mande-o entrar imediatamente!

O oficial, estupefato, foi buscá-lo.

E renovaram-se as expansões. A velha amizade renascia. Tudo foram recordações. E ao ouvir do colega pobre a situação de quase miséria em que êste vivia, o ministro não se conteve:

— Ó isto não vai continuar assim. Aqui estou para servir aos amigos. Diga você o que quiser e eu farei. Você, Chiquinho, era como um irmão. Ora essa, o que você mais aspira na vida, diga, diga!

Chiquinho respirou forte. Enfim, o seu sonho doirado ia realizar-se. E ali estava, para cúmulo da sorte, alguém para o qual seria até facílimo.

— Então, Chiquinho, que é que você quer ser?

— Posso dizer?

— Pode.

— Eu quero ser amirante! Desde menino, Juquinha, sonhei com êsse negócio.

O ministro, só então, notou uma porção de coisas, a barba por fazer, o jeitão exquisito do seu amigo, o seu modo de falar.

— Está bem, está bem, eu vou providenciar. E levou-o com palmadinhas até à porta do gabinete E fechando-o disse ao ajudante de ordens:

— Olhe, de agora em diante nunca mais deixe entrar aqui êsse maluco.

QUEM DISSE ISTO?

96 «Servo dos servos de Deus.»

97 «Creio porque é absurdo.»

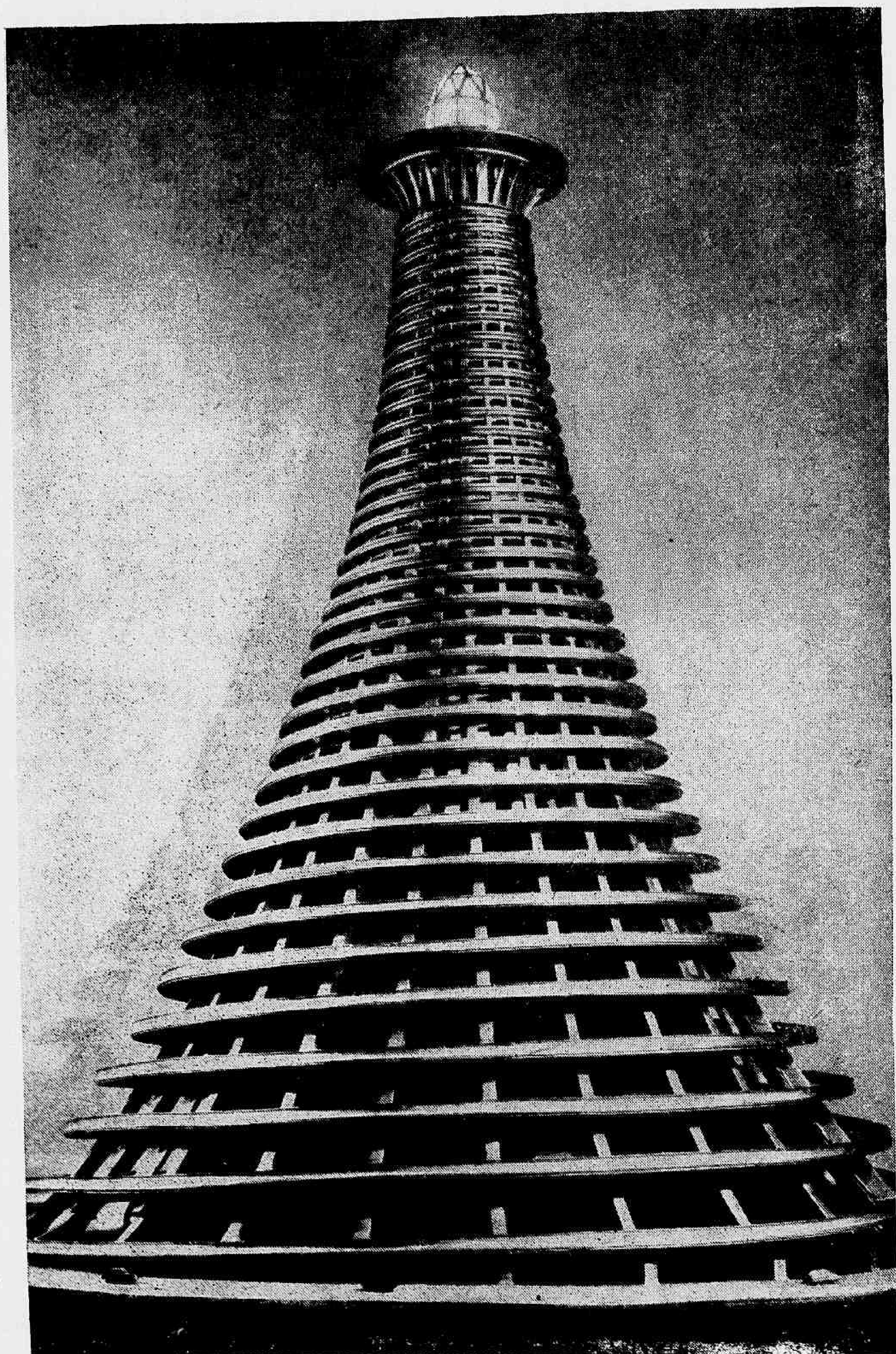
98 «A fama é a sêde da juventude.»

99 «O Brasil é um vasto hospital.»

100 «Vim, vi, venci.»

RESPOSTAS AS ULTIMAS:

91 — O Ministro João Alfredo à Princesa Isabel, quando esta, radiante com a assinatura da lei da Abolição, lhe disse: — Então, ganhei ou não ganhei a partida?; 92 — Frase de Beranger; 93 — Palavras de Benjamin Franklin; 94 — Expressão de Gandavo sôbre o Brasil, em seu Tratado da Terra do Brasil; 95 — Verso de Lorenzo Stecchetti.



O FAROL DE COLOMBO

Esta é a maquete do monumento que será erguido para comemorar o descobrimento da América por Cristóvão Colombo. Como se vê, essa espécie de tôrre Eiffel de cimento e aço tem uma rampa circular de subida e descida até à sua formidável altura de 180 metros. E' o símbolo da grandiosidade da era dos descobrimentos e será erguida com fundos recolhidos por tôdas as nações americanas na República Dominicana, a primeira terra pisada pelo grande navegante a doze de Outubro de mil quatrocentos e noventa e dois.

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ... (JIM)



MAIS RÁPIDO DO QUE O SOM!

Não, não se trata de nenhum habitante de Marte, como poderia parecer, mas de um aviador inglês, John Derry, como estava no seu avião supersônico, com o qual bateu todos os «records» imagináveis pelo homem. Atravessou assim o chamado **muro do som**, para conseguir o que mais de setenta e seis aviadores inglêses, em sucessivas experiências, perderam a vida. Êsses feitos extraordinários da aviação inglêsa foram agora reproduzidos num filme de grande sucesso — lançado na Europa — e que se chama «Muro de Som»

POUCAS E BOAS...

- EXPLICAÇÃO

Depois de um interrogatório apertado, o juiz, apesar de acostumado a encontrar sujeitos duros, resistindo a tudo para não confessarem as coisas, assombrado com tanta impassibilidade, disse ao acusado:

— Nunca vi um homem tão resistente e calmo num interrogatório.

— Senhor Juiz, eu sou casado há doze anos e tenho mulher ciumenta.

- *FRANQUEZA*

Em Manhattan, o coração de New York, Robert Jacobs cometeu nada menos de vinte e uma violações do tráfego. A côrte judiciária, perante quem Jacob respondia, quis saber o porquê de tantas faltas. E Jacob, com aquela mesma calma com que seu homônimo, depois de trabalhar sete anos para conseguir casar com Raquel, começou a servir outros sete anos, quando lhe deram a Lia — Jacob, calmamente, disse:

— Nada, senão estupidez.

- **MODERNISTA**

Norma Pedem tem por norma, não fôsse êsse seu nome, fazer tudo fora da norma. Agora está querendo divórcio. Requereu-o contra Mister Pedem (é o nome dêle e a culpa não é minha). Diz ela que tem tôda a razão, pois encontrou um maço de cartas de amor de uma pequena de uma «boite» para o marido. E quando lhe pediu explicações, êste, afastando-se da boa norma de mentir, foi franco de mais. Gritou-lhe apenas: — Êste é um mundo moderno. — E quebrou-lhe um espelho na cabeça.

RESPONDA ESTAS:

96 **Onde fica o lugar chamado Regalo da Vida?**

97 **O que é siroco?**

98 **Qual é o maior arco de triunfo existente no mundo?**

99 **Qual é a côr predominante no famoso quadro de Da Vinci — a Gioconda?**

100 **Que é centurião?**

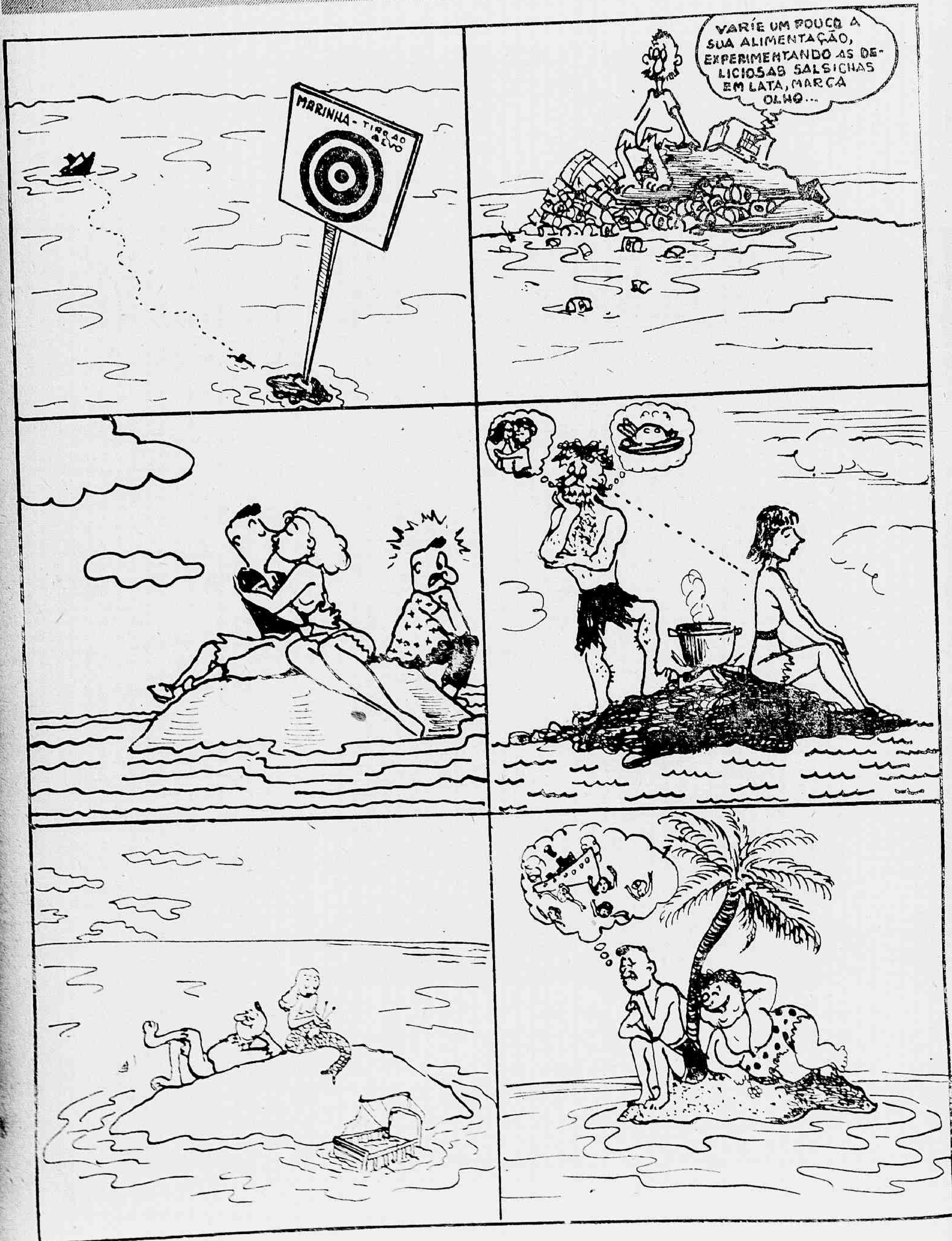
RESPOSTAS AS ANTERIORES

91 — Entre nós, Ruy Barbosa, que aos 5 anos, com 15 dias de colégio, já lia e escrevia e com dois meses fazia análise gramatical e análise lógica. Em outros países mais numerosos os meninos prodígios entre os músicos. Mozart com 4 anos compunha minuetos; Beethoven com 8 anos tocou em público e aos 10 compôs e publicou obras musicais, Schubert compôs aos 11; 92 — Os macacos nadam, mas não gostam da água; 93 — Bendengó foi o nome dado a um famoso aerolito caído na Bahia no lugar do mesmo nome. A Bendengó está no Museu Nacional, no Rio de Janeiro; 94 — Embora grandes matemáticos houvesse desde a mais remota antiguidade foi a «Cocker s'Arithmetic» o primeiro manual publicado em 1677 por Sir Roger L'Estrange; 95 — Comumente se escrevem 120 palavras por minuto, mas o «record» mundial de rapidez em taquigrafia foi atingido por Charles L. Swem, com 282 palavras por minuto.

ESTE MUNDO E O OUTRO...

NÁUFRAGOS

CRIAÇÃO DE DARCY





Dez homens empregam tôda a sua fôrça muscular a fim de salvar a vida de um semelhante, caído na gruta de Saint-Martin, quando procurava atingir o fundo da imensa caverna

O DRAMA DA CAVERNA SAN MARTIN

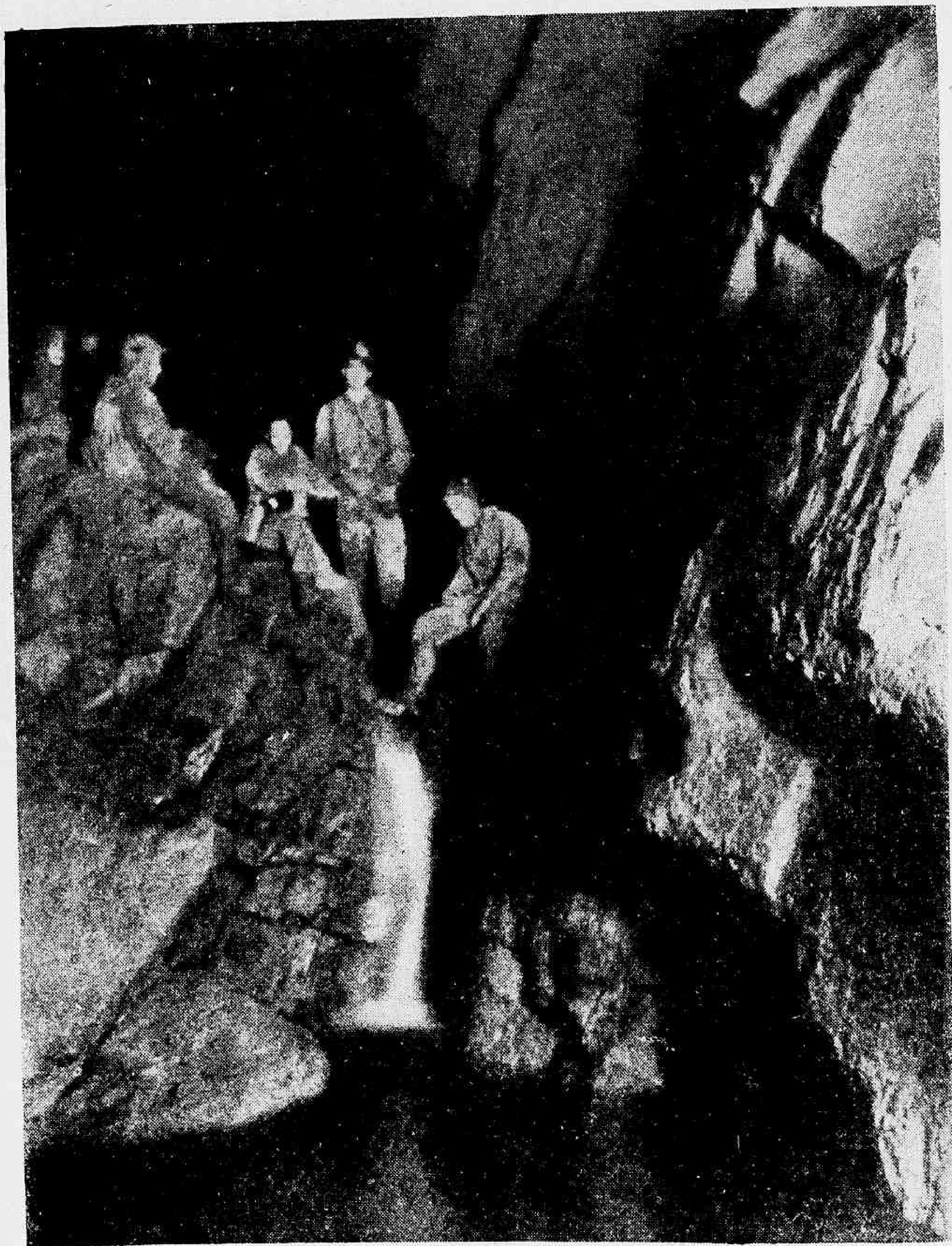


Aspecto típico da zona de prospecção pelos espeleólogos, onde a montanha rochosa tem uma altura média de dois mil metros. Distinguem-se, perfeitamente, no imenso paredão granítico os buracos das furnas, dentre as quais cêrca de trezentas foram exploradas. A descensão é

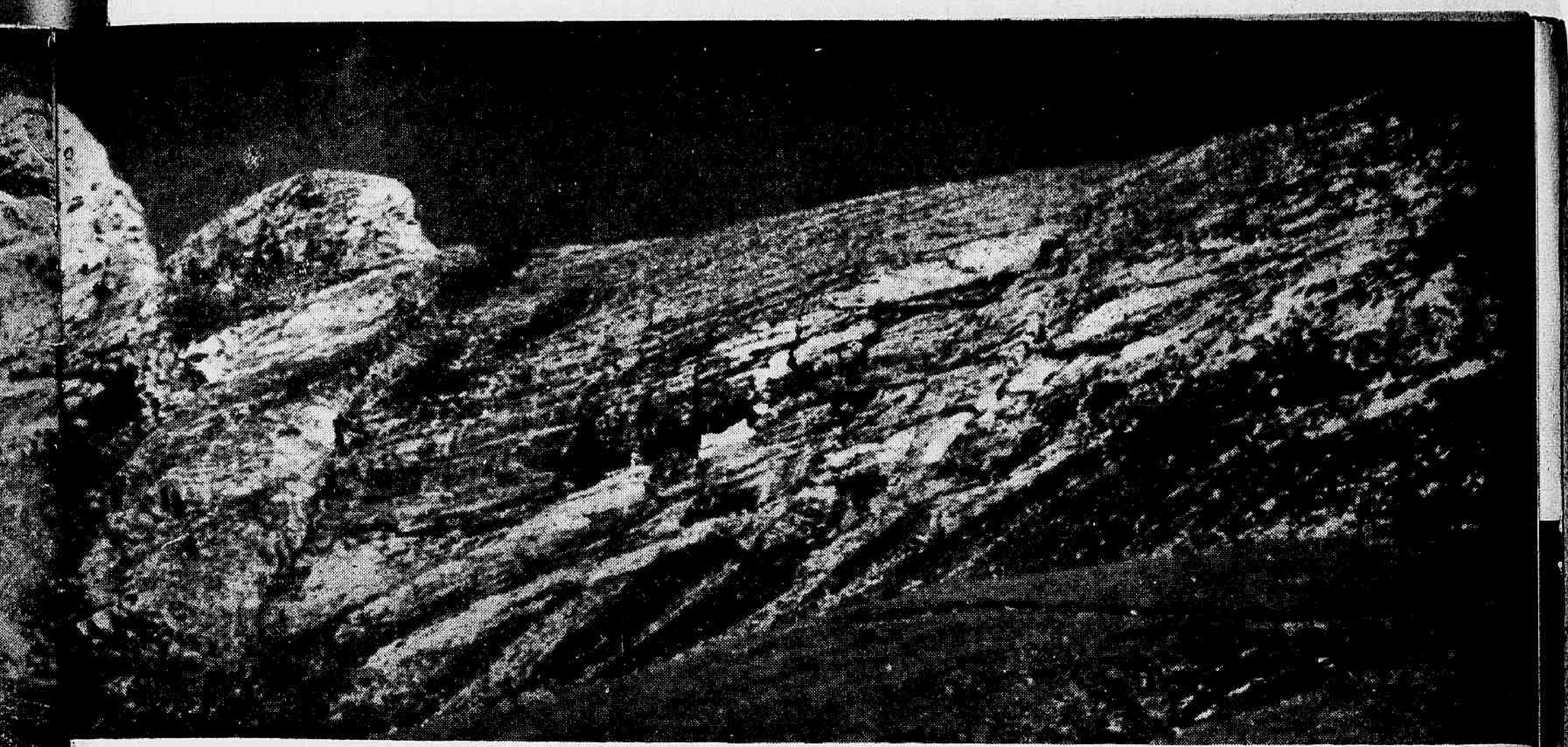
O DRAMA DA CAVERNA DE SAINT-MARTIN ★ A ESPELEOLOGIA, UMA CIÊNCIA NOVA ★ Mlle. CLAUDE NEILZ, DE 19 ANOS, É UMA RECORDISTA ★ OS QUE PROCURARAM SALVAR LOUBENS

O «pai» da espeleologia é E. A. Martel, e esta ciência nasceu em fins do século XIX. Durante tôda a sua vida, Martel se dedicou à exploração de grutas, furnas, buracos cavados pela natureza no lombo das montanhas rochosas. Seu exemplo frutificou, e hoje a espeleologia tem milhares de adeptos por todos os cantos do mundo. Um dos seus maiores êmulos é Norbert Casteret, cujos trabalhos têm contribuído para formar grupos de jovens que se dedicam hoje à espeleologia, com o maior ardor e convicção, misto de esportismo e ciência. Mas não se julgue que a espeleologia seja apenas esportiva, como o é o alpinismo. O espeleologista não é apenas um esportista, e sim, deve conhecer suficientemente a hidrologia, a geologia, biologia, microbiologia, etc., matérias indispensáveis a todo aquêle que se dedica à prospecção do solo e seus mistérios ocultos em grutas e cavernas profundas existentes no seio da terra, para as quais se entra dificilmente, muitas vêzes arriscando a vida em benefício da ciência e do progresso humano.

A espeleologia, embora ciência jovem, já possui sua história, e, infelizmente, também os seus mártires. O espeleólogo tem que ser uma pessoa fisicamente forte, com resistência física e excelente sistema nervoso, perfeito equilíbrio mental, capaz de suportar condições psicológicas aterradoras numa pessoa fraca de espírito. Desde que o analista e rebuscador dêsses esconderijos da terra consegue atingir o seu fim, muitas vêzes chega a passar ali, segregado do mundo, da luz natural, da vida e do ar, cem horas, num ambiente úmido, deprimente, com o termômetro de 2 a 11 graus centígrados. Além disso, a equipagem é complicada e chega a pesar trinta quilos para cada pessoa, muitas vêzes incluindo até barcos de borracha. E' que, como sucede em Saint-Martin, no final da furna correm riachos, e há verdadeiros lagos no recesso das rochas escuras e frias, a que os mármores que as revestem dão o aspecto lúgubre de verdadeiros túmulos. Recentemente, trinta homens e seis mulheres, sob a direção de Jacques Rouire, representando clubes espeleológicos de Paris, Nice e Dijon, conduzindo excelente material de exploração, emissoras de rádio, escadas metálicas e 500 pilhas elétricas, partiram para a exploração das furnas, na região de Tende.

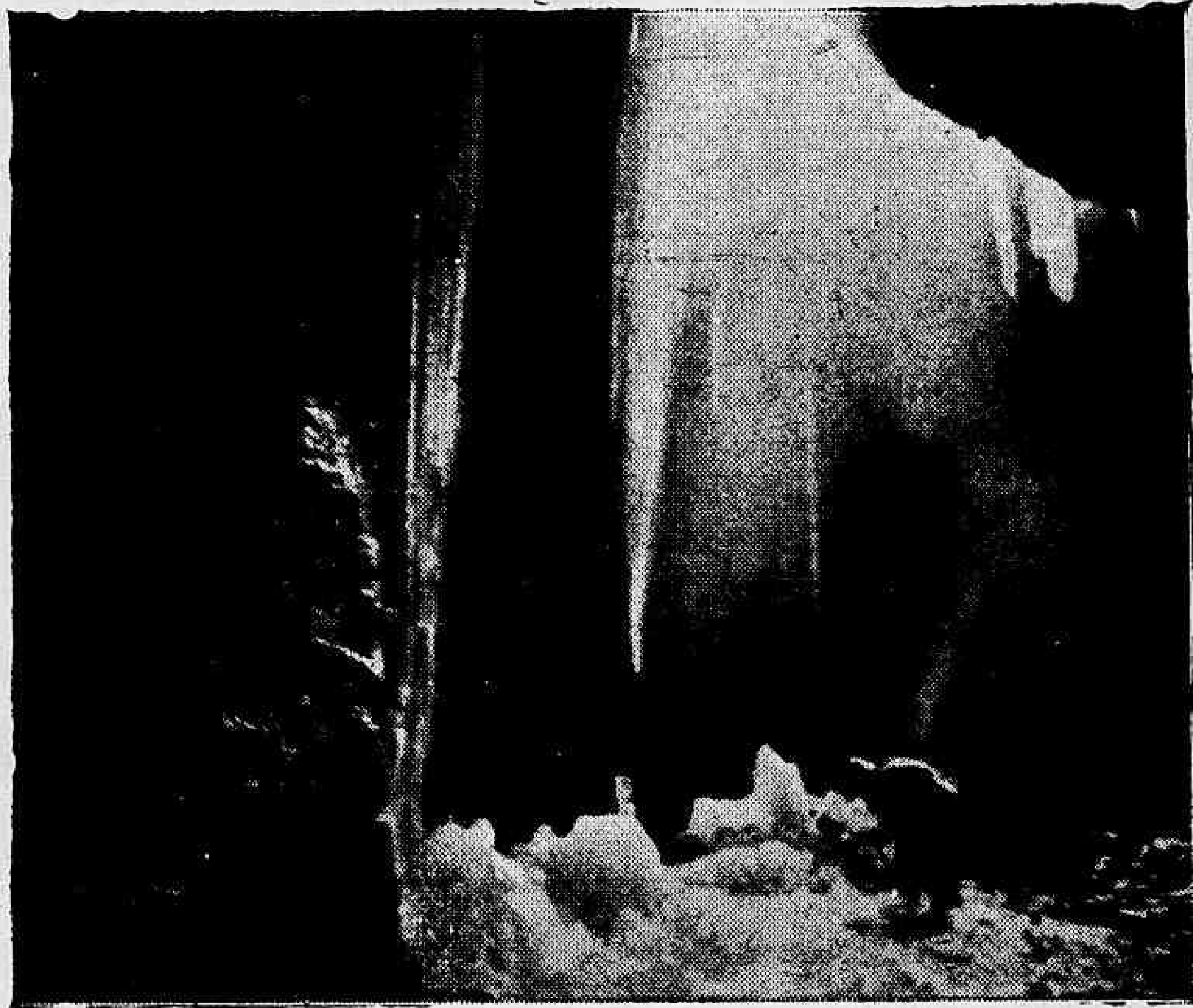


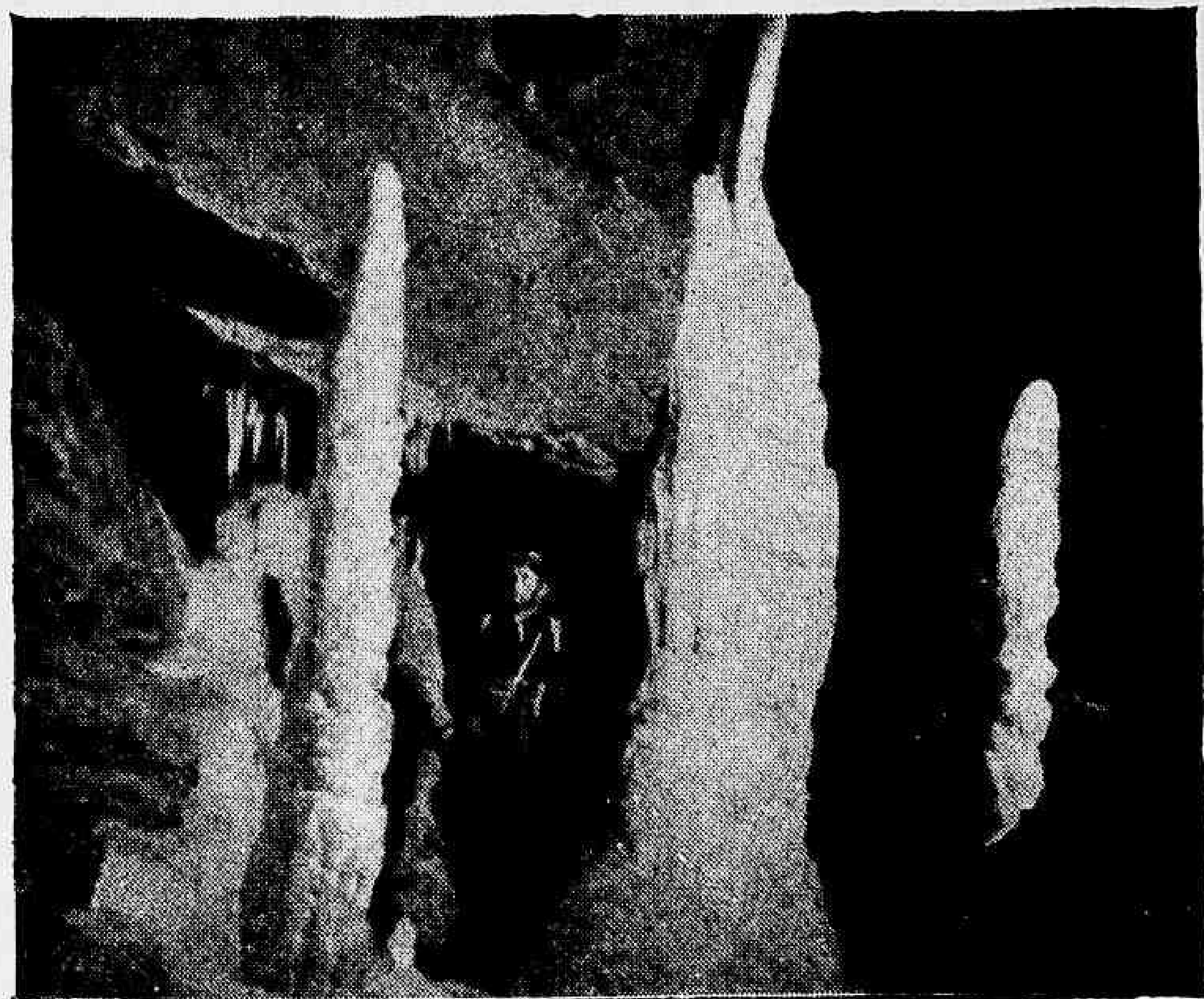
Espeleologistas exploram as furnas de Pierre-Saint-Martin mergulhando a quatrocentos metros de profundidade. Vê-se na fotografia que publicamos, à esquerda, Mademoiselle Neilz

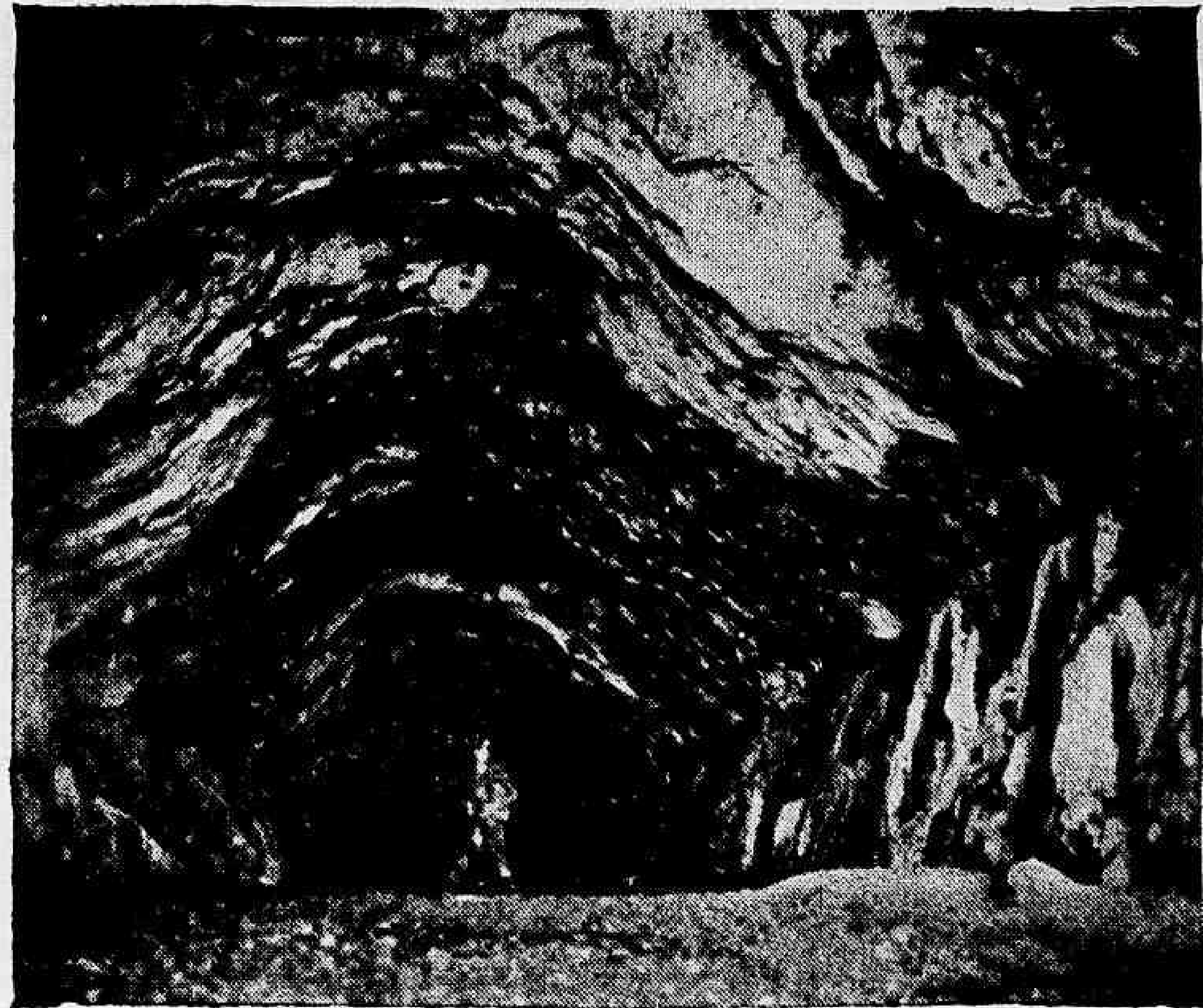


bastante perigosa, e foi numa das mais profundas que morreu Loubens, caído de uma altura final de uns dez metros, rolando sôbre as pedras. Tôda a França se emocionou com a triste notícia e procurou prestar socorros ao desventurado espeleologista, que não pôde sobreviver ao acidente.









Corte longitudinal mostrando o local em que se partiu a escada e até onde rolou o corpo do malogrado Loubens, o que dá ao leitor uma idéia perfeita para avaliar o esfôrço dispendido pelos companheiros do explorador, que levaram dez horas para içar-lhe o corpo ensangüentado.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	**Estado primitivo**	**Homem-macaco**
De 1 a 3	**Cultura inferior**	**Selvagem**
De 4 a 6	**Cultura média**	**Estudante ginasial**
De 7 a 11	**Cultura superior**	**Universitário**
De 12 a 14	**Genial**	**Um sábio**
Tôdas as quinze		**O gênio em pessoa**

1 — QUE QUER DIZER «ABACIAL»:

— Em forma de bacia?
— Referente a abade?
— Atêrro?

2 — QUE NOME TEM O ESTRADO OU ANDAIME MÓVEL DE QUE SE SERVEM OS PEDREIROS DURANTE AS CONSTRUÇÕES:

— Baileu?
— Baguari?
— Afusal?

3 — O «BRASIL-ROSADO» É:

— Árvore?
— Dança nordestina?
— Instrumento de cordas do Amazonas?

4 — CACOÉPIA É:

— Moléstia dos olhos?
— Desvio do coração?
— Pronúncia viciada?

5 — A TÔRRE DE PISA FOI CONSTRUÍDA EM:

— 1502?
— 1418?
— 1350?

6 — QUAL DÊSTES AERONAUTAS BRASILEIROS CONSTRUIU UM APARELHO VOADOR CHAMADO «PASSAROLA»:

— Santos Dumont?
— Augusto Severo?
— Bartolomeu de Gusmão?

7 — QUE VEM A SER «VOZ ESTENTÓRICA»:

— Suave?
— Rouca?
— Forte, retumbante?

8 — EM QUE DATA FOI ASSASSINADO O JORNALISTA LÍBERO BADARÓ, EM S. PAULO:

— 15-11-1852?
— 10-10-1900?
— 20-11-1830?

9 — QUANTOS CINEMAS POSSUI O RIO, ATUALMENTE:

— 120?
— 203?
— 112?

10 — QUAL O VERDADEIRO NOME DO PINTOR, BARROS, O MULATO:

— Estêvão da Silva Barros?
— Miguel Barros?
— José Brígido de Barros Tôrres?

11 — QUE NOME DAVAM OS ÍNDIOS TUPINAMBÁS À BAÍA DO RIO DE JANEIRO:

— Iteron?
— Guaíba?
— Irurumi?

12 — A ILHA DO PAQUETÁ PERTENCE:

— Ao município de Niterói?
— Ao de São Gonçalo?
— Ou ao Distrito Federal?

13 — QUANTOS ANOS O GENERAL PORFÍRIO DIAZ GOVERNOU O MÉXICO:

— Quarenta e sete?
— Trinta?
— Vinte e um?

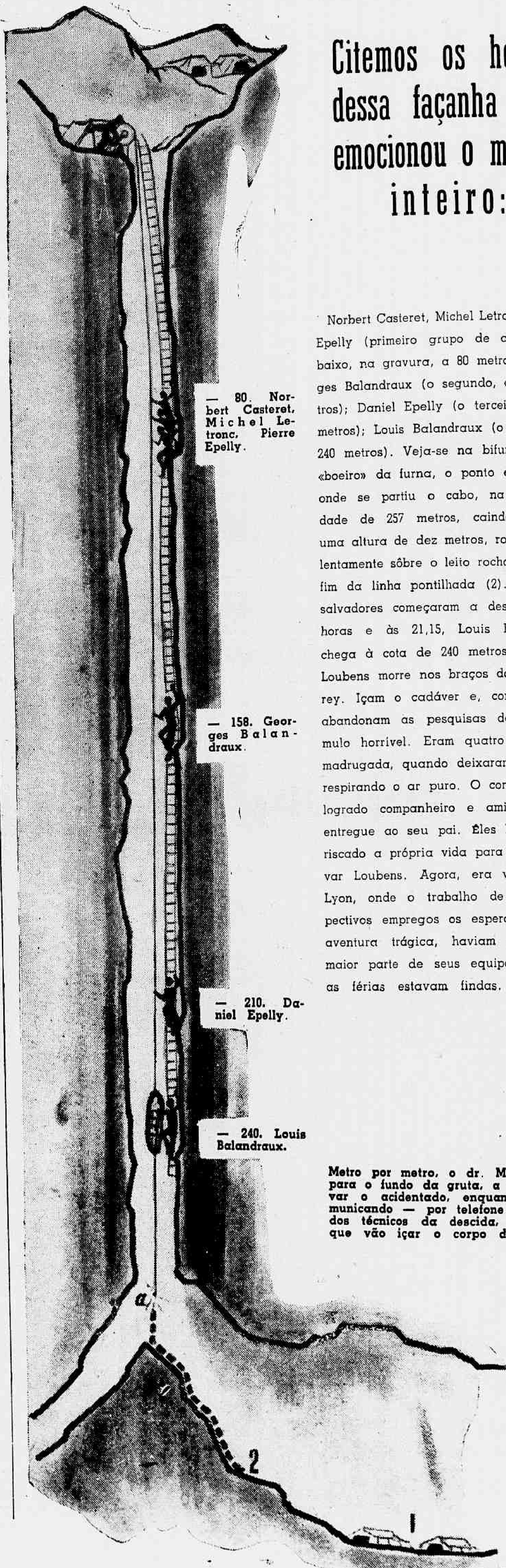
14 — HANS STADEN, QUE VIVEU NO BRASIL EM MEADOS DO SÉCULO XVI, ERA DA:

— Alemanha?
— Suíça?
— Holanda?

15 — QUAL O ÚLTIMO DOS PROFETAS DO JUDAÍSMO:

— Elias?
— Moysés?
— João?

(Respostas na página 59)



Citemos os heróis dessa façanha que emocionou o mundo inteiro:

Norbert Casteret, Michel Letronc, Pierre Epelly (primeiro grupo de cima para baixo, na gravura, a 80 metros); Georges Balandraux (o segundo, a 158 metros); Daniel Epelly (o terceiro, a 210 metros); Louis Balandraux (o último, a 240 metros). Veja-se na bifurcação do «boeiro» da furna, o ponto exato: (a) onde se partiu o cabo, na profundidade de 257 metros, caindo êle de uma altura de dez metros, rolando violentamente sôbre o leito rochoso até ao fim da linha pontilhada (2). Os seus salvadores começaram a descer às 13 horas e às 21,15, Louis Balandraux chega à cota de 240 metros; às 22,58 Loubens morre nos braços do dr. Mairey. Içam o cadáver e, compungidos, abandonam as pesquisas daquele túmulo horrível. Eram quatro horas da madrugada, quando deixaram a furna, respirando o ar puro. O corpo do malogrado companheiro e amigo ia ser entregue ao seu pai. Êles haviam arriscado a própria vida para tentar salvar Loubens. Agora, era voltar para Lyon, onde o trabalho de seus respectivos empregos os esperava. Nessa aventura trágica, haviam perdido a maior parte de seus equipamentos. E as férias estavam findas.

Metro por metro, o dr. Mairey desce para o fundo da gruta, a fim de salvar o acidentado, enquanto vai comunicando — por telefone — os dados técnicos da descida, aos outros que vão içar o corpo de Loubens.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 29

A	Foliar, fazer festa	82	4	40	89	126	77	■
B	Período, era	10	75	97	112	66	■	■
C	Trecho da campanha gaúcha, recanto	3	29	47	38	20	109	■
D	Dotadas de nitidez	59	6	78	124	30	18	91
E	Neste lugar	1	25	65	100	■	■	■
F	Moeda divisionária	50	72	35	122	11	28	■
G	Consignar para dotações	7	24	68	99	123	■	■
H	Produzir, laborar	21	2	52	61	102	■	■
I	Homem de estatura muito pequena	8	67	23	39	■	■	■
J	Partir, fugir, zarpar	17	53	84	104	74	115	■
K	Paraíso terreal	16	32	76	88	■	■	■
L	Observe, olhe	5	33	57	79	■	■	■
M	Círculo máximo da terra	37	64	26	113	80	103	15
N	Desprêzo com orgulho	9	46	22	125	105	70	■
O	Pequena peça de artilharia	49	119	36	86	■	■	■
P	Flecha	34	56	41	94	■	■	■
Q	Composição poética	118	110	128	■	■	■	■
R	Zelos amorosos	12	87	42	98	111	■	■
S	Enormes, ilimitados	107	43	63	95	55	83	73
T	Exibe com aparato	101	120	51	90	19	96	14
U	Tirar lascas	13	27	62	48	81	54	■
V	Tropel, grande agitação	69	116	127	31	■	■	■
W	O lado afiado de instrumento cortante	108	58	45	92	■	■	■
X	Pedra, em tupi	114	60	44	■	■	■	■
Y	Amarra uma embarcação à terra	117	93	106	85	121	71	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

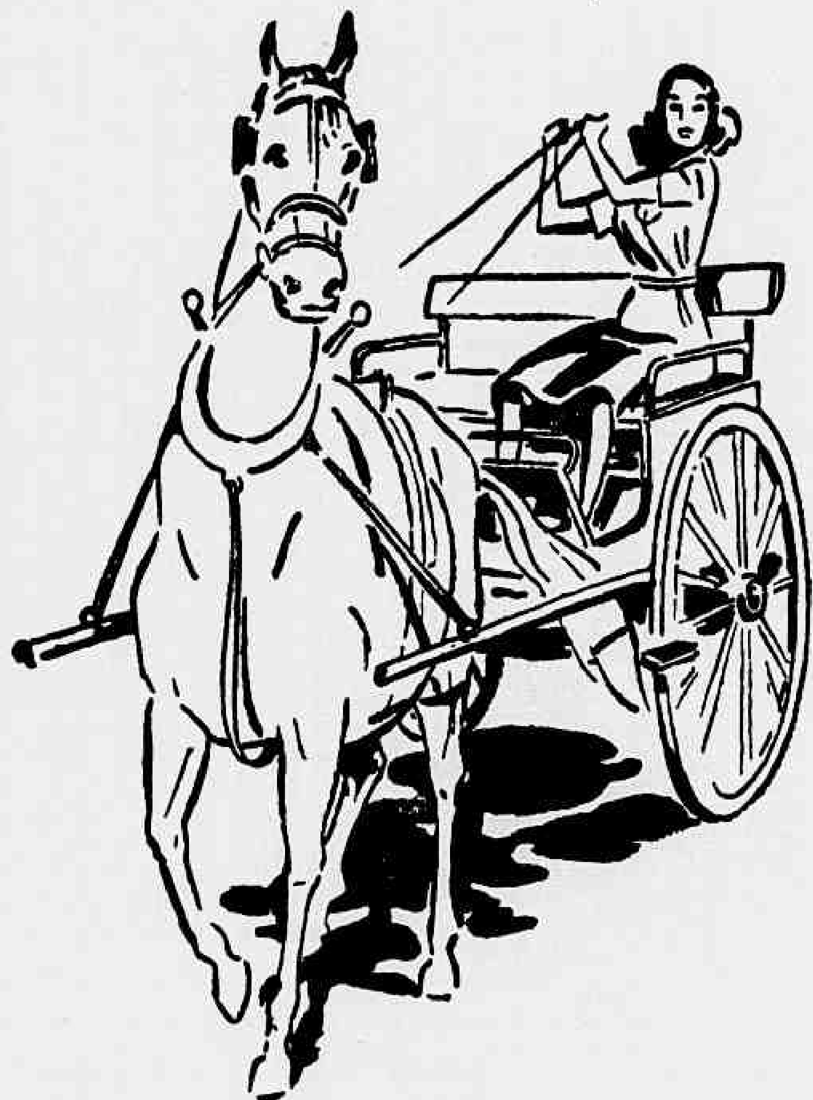
■	■	■	■	■	E 1	■	H 2	C 3	A 4	L 5	D 6	G 7
I 8	N 9	B 10	■	F 11	■	R 12	U 13	T 14	M 15	K 16	J 17	D 18
■	T 19	C 20	H 21	■	N 22	I 23	G 24	■	E 25	M 26	U 27	F 28
C 29	D 30	V 31	K 32	L 33	P 34	■	F 35	O 36	M 37	■	C 38	L 39
A 40	P 41	R 42	S 43	X 44	W 45	■	N 36	C 47	U 48	O 49	F 50	T 51
H 52	J 53	U 54	■	S 55	P 56	■	L 57	W 58	D 59	X 60	H 61	U 62
■	S 63	■	M 64	E 65	B 66	I 67	G 68	Y 69	■	N 70	Y 71	F 72
S 73	■	J 74	B 75	K 76	A 77	D 78	L 79	M 80	U 81	■	A 82	S 83
J 84	■	Y 85	■	O 86	R 87	K 88	A 89	T 90	D 91	W 92	■	Y 93
P 94	S 95	T 96	B 97	■	R 98	G 99	E 100	T 101	H 102	■	M 103	■
J 104	N 105	Y 106	S 107	W 108	C 109	■	Q 110	R 111	■	B 112	M 113	X 114
J 115	■	V 116	Y 117	■	Q 118	O 119	T 120	Y 121	F 122	G 123	D 124	N 125
A 126	V 127	Q 128	■	■	■	■	■	■	■	Staner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N. 28 — C. DE SOUZA. — IMPRESSÕES DO JAPÃO. — «Na arquitetura japonêsa o primeiro elemento de estudo é o do ambiente em que se deve colocar a casa, de modo que dela possa gozar o panorama.»



Inicie da melhor maneira as suas férias em

ARAXÁ
S. LOURENÇO
CAMBUQUIRA
CAXAMBÚ
LAMBARÍ



Sobrevoando panoramas encantadores, será um motivo de prazer a sua viagem de férias a bôrdo de um dos confortáveis aviões da NACIONAL. Procure a nossa agência local e conheça as facilidades que proporcionamos para a sua viagem de passeio.

NACIONAL
TRANSPORTES AEREOS

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● DESILUDIDA — (Juiz de Fora)

1º SONHO: Manhã clara de um domingo festivo. Muito elegantes, com um vestido novo, eu me dirigia à missa; uma grande alegria me invadia o coração. Ao sair da missa, fui visitar uma prima e, no momento em que tomava o bonde, encontrei um rapaz com quem vinha mantendo correspondência, a qual se havia interrompido bruscamente. Achei-o gordo, forte e muito bonito. Quis acompanhar-me, mas desapareceu sem se despedir.

2º SONHO: Vi novamente o rapaz da correspondência, que me dizia: — Deixei de escrever-te, porque onde estou, o correio não leva cartas. Querida, não tiveste um aviso em determinado dia de março? Pois, naquele dia, eu parti. Peço que rezes por mim e te ajudarei a encontrar a felicidade. Nisso me apertou a mão e me abraçou fortemente. Trêmula e chorosa, prometi lembrar-me sempre dêle.

INTERPRETAÇÃO: Seu sonho, visto à luz da Ciência, é qualificado de premonitório, isto é, uma antecipação dos fatos, fenômeno que raramente se dá. Seu subconsciente estava impregnado de dúvidas pela paralisação da correspondência. Poderá ter-se dado um desdobramento psíquico, e a captação de fatos reais, passados à distância. A metafísica explica êsses fenômenos com muita clareza, mas, devido à transcendência do assunto, deixo de comentá-lo nesta seção. Nas ciências psicoesperituais, há farta documentação sôbre o desdobramento do ser e sua fuga para regiões desconhecidas. Você deve esperar com fé e otimismo que se realize a promessa feita pelo seu amado (queria vê-la feliz). Acredito que êle já tenha feito sua última viagem, dado o estado adiantado de sua grave enfermidade. Isso, porém, não deve constituir motivo para desilusões e você deve aproveitar sua receptividade psíquica, não só para seu próprio bem, como para ajudar aos que a rodeiam.

● **FELISBERTO — (São Paulo)**

SONHO: Percorria uma estrada no meio da mata. Em certa altura, detive-me e pus-me a contemplar um grande rio que deslizava num plano mais abaixo. Senti, então, que já não estava na mata, mas me havia transportado para minha residência no Pará (onde deixei minha espôso e meus filhos). Fui à casa de minha mãe, uma casa muito ruim, com o chão cimentado e úmido. Apesar de estar com meus entes queridos, eu não os via, sentindo-me realmente só. Nessa ocasião, apareceu uma moça que queria à fôrça acompanhar-me. Expliquei-lhe que era casado e estava longe da família, mas ela respondeu que isso não tinha importância e que tudo faria para mim e por mim. Nesse instante, entrou minha mãe que, visìvelmente zangada, profligou meu procedimento, negando-se a continuar ajudando-me.

INTERPRETAÇÃO: Você nunca deveria ter deixado, Felisberto, que seu espírito se transportasse ao Paraná, pois deveria estar gostoso a «sombra e água fresca» no meio da mata. Mas, infelizmente, como tudo na vida tem sua natureza atual «bem e mal», seu Eu o acusou de algum «desvio» de seus compromissos familiares e o levou a sentir a realidade que, por todos os meios procura enganar-se (familiares que, embora presentes, você não via). Se você se deixar seduzir pelo canto da sereia (a moça) sua consciência (sua genitora) o acusará e o deixará sem apoio, e você caminhará sòzinho, entre os seus impulsos materiais. Felisberto, procure afastar de sua mente qualquer outra mulher (moça que o acompanha) e continui a dedicar-se exclusivamente ao seu trabalho. Assim deixará de ter sonhos como êsse, em que se sente desamparado e só.

● **RUTH — (Rio)**

SONHO: Tive um sonho que me pareceu um aviso da morte de Francisco Alves, pois se deu ao amanhecer do dia do seu falecimento. Sonhei que via minha irmã vestida de noiva, andando por um caminho no meio do mato; não via casa, nem qualquer sinal de casamento, a não ser três galinhas assadas que se tinham queimado até ficar reduzidas a simples carvões.

INTERPRETAÇÃO: Dividindo seu sonho em duas partes, encontro na primeira um símbolo fálico, representando o ideal que tôda a jovem acalenta: o casamento (sua irmã andando na mata). A segunda parte me diz que você, como médium (como me diz ser em sua carta) tem se descurado de sua vida espiritual, deixando-a ressequida (galinha queimada) e sem o alimento próprio (estudos, práticas, meditações). Como conseqüência dêsse seu descaso, é que você tem êsses sonhos que são verdadeiros avisos e que constituem sinais de alerta, chamando sua atenção para sua vida interior.

Ruth, a psicanálise não é uma crença: é uma prática; a vida mediúnica não é um dom, é uma faculdade inata a tôda a criatura, à espera tão sòmente do necessário adestramento e desenvolvimento para se revelar.



O CHAPÈUZINHO

Conto de **DIDI FONSECA**

Ilustração de RAMON

AS violetas, em nuance, emolduravam o meu rosto moreno, assim como uma auréola para a minha beleza plena. Sim, porque eu sou bonita. Dessa beleza cheia, que enche uma calçada, um quarteirão, uma rua tôda. Dessa beleza que ouve ditos como êste: «Egoísta o dono desta!», o que filosòficamente traduzido quer dizer: é material demais para um só.

Há quinze dias eu namorava aquêle chapéu!

O chapèuzinho me deixava narcìsicamente pregada ao espelho da loja. Mas, mil cruzeiros! O preço que algumas pagam por um perfume, e muitas, três bons vestidos em três ruins anos. Embora esta «tragédia» tenha sido vivida há tempo, não foi, porém, na época em que chapéu era complemento indispensável; mulher sem chapéu antigamente, era casa sem cortina, como casa sem tapête era mulher sem sapato! Quando se passou êste fato, pois, o chapéu começava a declinar. Já era extravagância. Hoje custa-me tanto usar um chapéu quanto vestir uma fantasia. E' a sensação que tenho ao enfiar uns mil cruzeiros na cabeça. Sinto-me fantasiada. Tolhida na minha espontaneidade. Todos os olhares — críticos — convergindo para minha cabeça. Completamente tomada dum complexo de inferioridade, oriundo do sentido do ridículo. Até que entro no local exigido... e encontro as outras fantasiadas. Então, tomo novo aprumo... se minha «pena» não é das maiores!

Mas bem, voltando ao tal chapéu. Êle era minha tentação daquela quinzena. Parecia um buquê. Um buquê perfeito. Os galinhos das flores iam-se juntando na formação da copa (do chapéu, não das árvores!)

Só esperava uma ocasião, para fazer a loucura sem me taxar de louca. Antes, me desculpando de paciente, equilibrada e prática.

E chegou o convite para aquêle casamento. Daí a dez dias. Que maravilha!

O pior é que nem um dos meus vestidos combinava com a delicadeza daquele chapéu. Compraria um. Afinal, não havia outro remédio!

E lá veio o vestido. Três mil cruzeiros! O chapéu já me estava por quatro mil, pois o vestido foi feito especialmente para êle. Mas com que vaidade eu provava os dois! Talvez nem a própria noiva sentisse a mesma alegria ao experimentar vestido e grinalda. A sua cabecinha, então, devia estar muito mais cheia de sonhos que a minha — prática — ostentando aquêle buquê.

E tudo se transformou em riso. O riso cristalino da mulher satisfeita... Até à véspera da grande (Cont. na pág. 48)



MEMÓRIAS DO Príncipe YUSSUPOFF

O MAIS RICO HOMEM DA EUROPA E UM DOS MAIS CÉLEBRES "D. JUAN"

CAPÍTULO I

O Príncipe Felix Yussupoff, príncipe de verdade e não dêsses milhares de nobres falsificados que se espalharam pelo mundo, é o homem mundialmente famoso que matou o monge Rasputin, para salvar sua pátria e a côrte russa, às vésperas da primeira guerra mundial. Riquíssimo, um dos homens mais abastados da Europa, célebre pelas suas aventuras amorosas, que lhe deram o renome de Don Juan moderno, êle publicou agora, em Paris, onde vive, suas **Memórias**, cujos direitos adquirimos, com exclusividade para todo o Brasil, e publicaremos tôdas as semanas, com ilustrações tiradas de originais pelo artista Ramon Llampayas, um mestre do desenho e da pintura.

TINHA eu nove anos. Estávamos em 1896, quando meus pais começaram a receber em Arkhangelskoie numerosos convidados que vinham assistir às festas da coroação de Nicolau II. Entre êles se encontrava o príncipe da Rumânia e sua mulher, a princesa Maria. Em sua honra meus pais haviam contratado uma orquestra rumaica então ainda em viagem para Moscou. O notável tocador de címbalo (instrumento de cordas usado em orquestras rumaicas e húngaras) do mesmo conjunto musical, de nome Stefanesco, tornou-se em seguida um dos meus companheiros habituais. Eu o levava em minhas viagens. Tinha o maior prazer de ouvi-lo, e êle, às vêzes, tocava noites inteiras, só para mim.

O teatro também se animava. Meus pais haviam mandado buscar em São Petersburgo a Ópera italiana com Mazzini e a cantora Arnoldson, bem como o corpo de «ballet». Uma noite em que se levava o «Fausto», alguns instantes antes de levantar-se o pano, minha mãe foi avisada de que Mme. Arnoldson recusava-se a cantar, pelo fato de, na cena do jardim, os canteiros estarem guarnecidos de flores naturais, cujo perfume a incomodava.

Foi preciso mudar aquilo por gramados. Uma outra decoração do teatro ficou inesquecível em meu espírito. Todos os convidados tinham sido colocados nos camarotes, e a platéia, transformada num jardim, embalsamava tôda a sala.

Depois do espetáculo todos se reuniram nos terraços onde as mesas, iluminadas por altos candelabros estavam prontas para a ceia.

As festividades continuaram em Moscou, onde meus pais e seus hóspedes se foram instalar alguns dias antes da coroação. Nossa casa em Moscou, antigo pavilhão de caça do Tzar Ivan, o Terrível, guardara as características de sua época: grandes salas com móveis do século XVI, peças de arte ricamente cinzeladas; tôda esta decoração de uma suntuosidade oriental se prestava, maravilhosamente a faustosas recepções. Os príncipes estrangeiros que estavam presentes declararam não ter visto jamais coisa semelhante.

Meu irmão e eu, considerados ainda muito jovens para tomar parte nessas festas, ficávamos em Arkhangelskoie. Entretanto, mandaram-nos vir a Moscou no dia da coroação. Ainda hoje nada mais tenho que fazer senão fechar os olhos e rever o Kremlin todo iluminado, seus tetos verdes e vermelhos e as cúpulas douradas de suas igrejas.

SANGUE SÔBRE O ARMINHO

Naquela manhã vimos, primeiramente, o cortejo deixar o Palácio Imperial para dirigir-se à catedral Ouspensky. Depois da cerimônia, o Tzar e as duas Tzarinas com seus mantos reais e à cabeça as suas coroas, seguidos da família imperial e de todos os príncipes estrangeiros, saíram da catedral para regressar ao palácio. Jóias e pedrarias reluziam sob o sol que estava, naquele dia, particularmente brilhante. Um espetáculo dêsses não se poderia ver senão na Rússia. Quando o Tzar e as duas Tzarinas apareceram diante da multidão, eram verdadeiramente os «ungidos do Senhor». Quem teria então previsto, que, vinte e dois anos mais tarde, de tanto fausto, de tanta grandeza, nada mais restasse que uma lembrança?

Diz-se que, ao vestir a Imperatriz para a cerimônia, uma de suas damas se feriu no dedo com um colchete do «manteau» imperial e que uma gôta de sangue caiu no arminho da soberana.

Três dias mais tarde a terrível catástrofe de Khodinka cobriu a Rússia de luto. Por motivo de lapso de organização, a mais tumultuária reunião se produziu durante a distribuição dos presentes que os soberanos ofereciam ao povo, e milhares de pessoas foram pisadas, machucadas. Muitos viram nisso sinistro presságio para o novo reinado.

Foi ainda na época da coroação que fui testemunho de fato que muito impressionou minha imaginação de criança. Um dia, quando estávamos à mesa, ouvimos pisadas de cavalo no compartimento vizinho. A porta se abriu e vimos aparecer um cavaleiro de bela figura montando magnífico cavalo e tendo à mão um buquê de rosas que êle joga aos pés de minha mãe. Era o príncipe Gritzko Witgenstein, oficial da escolta do Imperador, homem muitíssimo sedutor, célebre por suas excentricidades, as quais tôdas as mulheres adoravam. Meu pai, chocado com a audácia dêsse jovem oficial, proibiu-o de transpor, no futuro, os portais de sua casa.

Meu primeiro movimento foi o de condenar a atitude de meu pai. Eu estava indignado por ver que êle havia censurado um homem que me parecia verdadeiro herói, uma reencarnação dos antigos cavaleiros, e que não temia proclamar seu amor com um gesto de tanta nobreza.

Um regime mais ou menos imutável regulava nossas viagens no curso das estações. O inverno era dividido entre São Petesburgo, Tsarskoie-Selo e Moscou; no inverno nós nos dirigíamos a Arkhangelskoie; no outono, íamos para nossas terras de Rakitnoie, para as caçadas; lá para fins de outubro, partíamos para a Criméia.

Muito raramente íamos ao estrangeiro; mas nossos pais nos levavam, às vêzes, a meu irmão e a mim, para visitar suas fábricas e suas terras que eram numerosas e espalhadas por tôda a Rússia, algumas delas tão distanciadas que jamais recebiam nossas visitas. Uma dessas propriedades, situada no Caucaso, estendia-se sôbre uma frente de duzentos quilômetros à beira do mar Cáspio. O petróleo era ali tão abundante, que o solo parecia estar embebido nêle, e os camponeses lubrificavam com o mesmo as rodas de seus veículos.

Para essas viagens muito distantes tínhamos um vagão particular no qual estávamos muito mais bem instalados, do que se fôssemos para qualquer dessas casas que não estavam preparadas para receber-nos. Entrava-se nêle por uma espécie de vestíbulo, que se convertia, no verão, numa espécie de varanda onde se instalara um viveiro de passarinhos. O canto dos pássaros cobria o ruído monótono do trem. No salão de jantar, com móveis de acaju, as poltronas eram cobertas de couro verde, as janelas guarnecidas de sêda amarela. Vinha depois o dormitório de meus pais, o de meu irmão e o meu, ambos muito lindos com seus cretones e mobiliário de côr clara, e o quarto de banho. Vários compartimentos reservados a nossos amigos completavam as nossas instalações particulares. O pessoal do cortejo, sempre muito numeroso, ocupavam os compartimentos que precediam a cozinha, que se achava na extremidade do carro. Um outro vagão, dotado dos mesmos cômodos e forma análoga, estacionava na fronteira russo-alemã para nossas viagens ao estrangeiro; mas nunca o utilizávamos.

Em tôdas as nossas excursões íamos sempre acompanhados de uma multidão de gente sem a qual meus pais não podiam passar. Minha mãe preferiria uma pouca mais de calma, mas ela sempre fazia as honras aos amigos de meu pai. Quanto a meu irmão e a mim, nós os detestávamos, pois que êles nos privavam da companhia de nossa mãe. E devo confessar que essa antipatia era perfeitamente recíproca.

Em São Petersburgo nós nos hospedamos dessa vez, no cais da Moïka num palácio que vinha da Imperatriz Catarina II à minha trisavó, a princesa Tatiana, cheio de obras de arte que o transformavam em verdadeiro museu. Infelizmente, as modificações que lhe impôs meu avô o haviam deformado consideràvelmente. Apenas alguns salões, as salas de baile e as galerias de quadros tinham conservado suas características do século XVIII. Essas galerias conduziam a pequeno teatro Luís XV. Havia ali um «foyer», onde, após o espetáculo se servia a ceia, salvo nos dias de grandes recepções, quando, por vêzes, se reuniam para mais de duas mil pessoas, sendo então servidos todos nas galerias, enquanto o «foyer» ficava reservado à gente de casa.

Tais recepções eram sempre objeto de assombro para visitantes estrangeiros. Êles ficavam admirados de que, em uma residência particular, fôsse possível oferecer a tão numerosos convivas sopa quente, servida em porcelana de Sèvres ou em baixela de prata.

O nosso velho «maitre d'hôtel», Paul, não cedia nunca, a ninguém, o privilégio de servir o Imperador. Como já estava muito idoso e já não enxergava bem acontecia, às vêzes, que derramava vinho na toalha. Quando da última recepção na Moïka em presença dos soberanos, êle estava lá, e houve o cuidado de afastá-lo da festa. O Tzar, notando a ausência do velho Paul, diz a sorrir à minha mãe: «Esta noite a toalha terá alguma chance de ficar limpa». Mal acabava de dizer isso e eis que o velhinho surge como um fantasma, o peito coberto de condecorações, e se dirige com passos trôpegos para a poltrona em que estava sentado o soberano. E ali se deixou ficar todo o tempo em que durou a ceia. A fim de evitar salpicos, Nicolau II sustinha, com solicitude, o braço do ancião, quando êste lhe servia bebidas. (Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



Conto psicológico de

MAURICE CIANTAP

EU fiquei perplexo, esmagado, tinindo de indignação, paralisado pela surprêsa; mas, em seguida, me veio a reação:

— Como foi que você me fêz isso? Ter a sinistra coragem de ousar um procedimento dêsses contra aquilo a que eu mais amava neste mundo: meus poemas!...

Meu rosto devia refletir um tal sofrimento, uma dignidade tão ofendida, que ela não pôde deixar de sentir tôda a extensão de minha dor, gelada como uma estátua de sel. E mal pôde balbuciar:

— Eu lhe peço perdão, Bebê!

Dei de ombros.

— Não se trata de pedir perdão! Meus manuscritos estão feitos em pedaços!

Baixei-me para olhá-los com ternura. Assim despedaçados aquêles versos semelhavam pétalas dispersas pelo vento. Tôda a minha vida estava ali... tôda a minha vida, assim estraçalhada!

E ela com voz arrependida:

— Mas eu te peço perdão...

— Cale-se! De outra maneira nem sei mesmo o que farei com você! Mas está escrito... Tinha que suceder... Eu havia de encontrar uma desmiolada como você, uma desabusada como você... E' o meu tributo à vida... Não posso mais... Nem você... nem eu... nem ninguém!...

— Sinto muito...

— Que direi eu, então! Escrever faz parte de minha vida... Você bem sabe que não tenho outra ambição para justificar minha ivda... E vem você agora e anula meses e mais meses de trabalho... Renunciei a tôdas as comodidades para achar minha verdade... E quando senti que minhas mãos haviam apalpado essa verdade... eis o que sucede! Um corpo estranho a desmantelar a engrenagem de uma máquina: Tu!

Ergui a cabeça transfigurado pelo ódio.

— Não me olhes assim...

— Vejo-a tal como é: uma criatura trágica... Mas tudo se paga neste mundo... Tudo! Há uma escrita celestial implacável: o Deve e o Haver! E tu pagarás! A vida gira, o mundo gira e tu acabarás num torvelinho... num dêsses quartos asquerosos, de última ralé...

— E' horrível o que tu dizes! Horrível!

E procurou ocultar a face a fim de evitar em seus olhos a imagem desolada que eu lhe apresentava. Começou a soluçar docemente.

— Deixe-se de fita...

Pela primeira vez ela não me respondeu nada. O sol brilhava com intensidade. A praça estava cheia de gente, todo mundo a gozar as delícias de um dia ameno, com seus trajes claros, um mar azul de turquesa, e eu com os nervos a estourar, a indignar-me com essa louca!

— Vou sair, e sòzinho, completamente só, tu entendes!

Ela não esboçou a menor reação, sempre prostrada, a cabeça entre as mãos.

Rasgando em pedacinhos os meus manuscritos, atingira ela o meu próprio coração. Nenhum mal tão grande poderia fazer-me.

Meus poemas eram para mim como as mãos para um pianista. Eu me sentia amputado. Mais ainda: assassinado!

Mas a morte de um homem deve ser punida! Paga-se! O cadáver que eu era, ia-se vingar! Sair dali de mãos nos bolsos, com a dignidade de fidalgo! Ridículo!

Cedo teria que esquecê-la. Um veneno mata outro. Cortejada como era ela, em menos de oito dias eu teria um sucessor! Eu bem via os «gentlemen» do Cintra a mirá-la, a olhar com cupidez...

— Você está sempre, tagarelavam êles, com um rapaz moreno, silencioso...

De outras vêzes perguntavam: «Quem é êsse tipo sujo que a acompanha?»

Ela me transmitia tais conversas, a rir muito, e eu encolhia os ombros, ao mesmo tempo que espantado por ver tantos grã-finos que me eram indiferentes e que perdiam seu tempo a ocupar-se de mim.

Não! Eu devia deixar durável lembrança em seu espírito! Por exemplo, subtrair-lhe os dólares e seu ouro!

Ela mantinha seus haveres ao fundo de uma maleta que pertencia a seu espôso, e tinha a cautela de guardar cuidadosamente a chave.

Mas sucedia que, algumas vêzes, ela esquecia a chave na fechadura. Era o momento que eu precisava aproveitar! E comecei a imaginar minha vingança. Pela primeira vez, desde muito tempo, eu comecei a planejar. Nada do que ela pudesse fazer, me atingiria dali por diante. Eu iria para outras paragens!

Mas, para onde iria eu mesmo? Não pensara nisso antes. O essencial, entretanto, era chegar a meus fins. A noite caía. Sem dúvida, e a fim de inquietá-la, se eu tivesse que tomar um quarto de hotel, não voltaria mais! Ela se afligiria com o meu desaparecimento.

Eu estava angustiado, esperando sempre o pior com uma tal criatura. Era-me suficiente o observá-la para comprender que estava muito preocupada. Mas se esforçava por não transparecer nenhuma inquietude. E deixou escapar estas palavras: «Pensava que não me quisesses mais!»

— Tens fome?

Foi ao quarto de banho trocar de roupa.

De certo que eu preferia aproveitar uma boa vez; mas não se me deparava uma oportunidade. Eu tinha que aproveitar os instantes em que ela estivesse no banheiro, ou na cozinha, para agir.

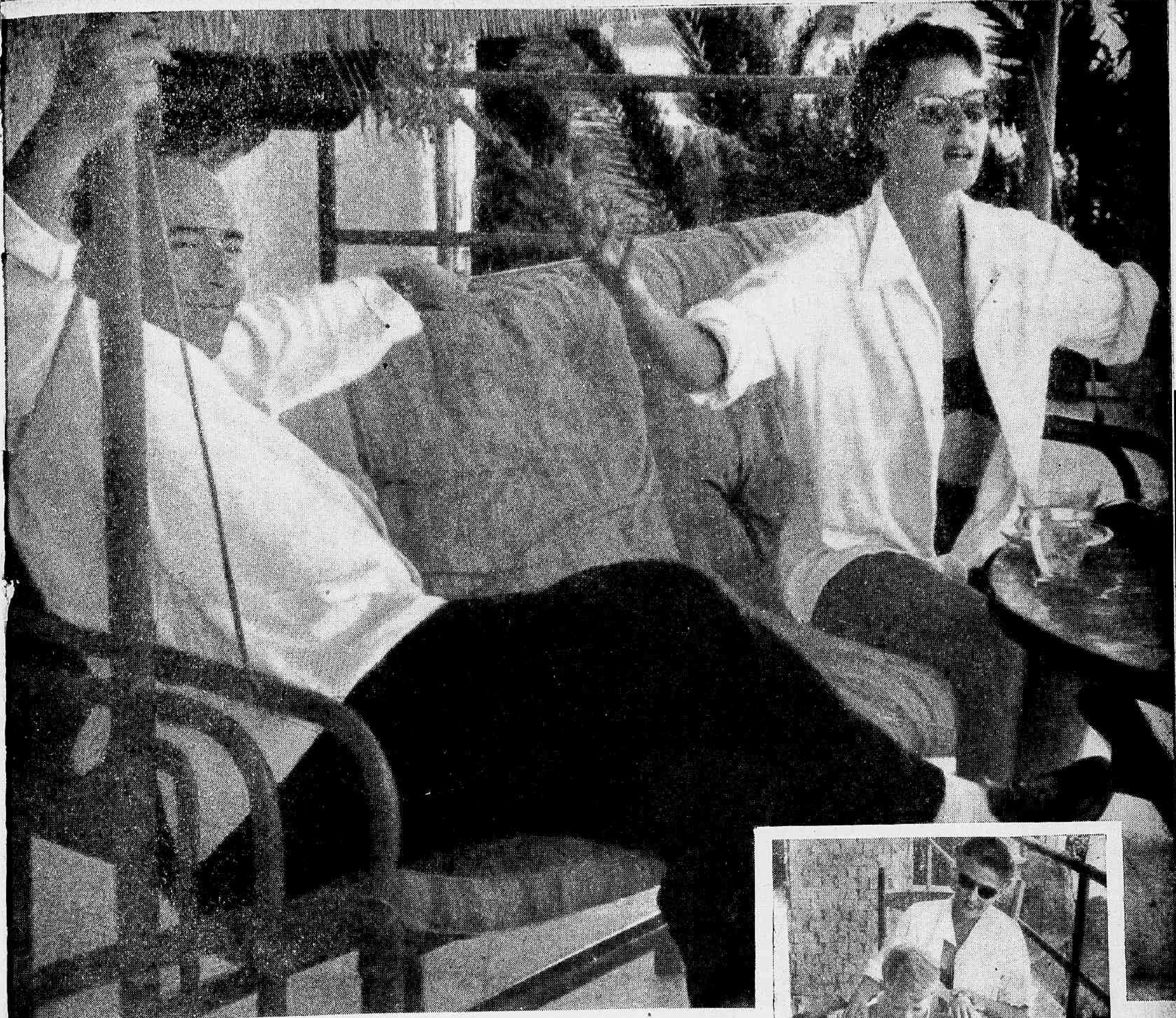
O mais difícil era alcançar o seu cofre de jóias metido sob uma pilha de roupas brancas íntimas, onde se achavam os seus dólares. Também havia uma bolsinha cheia de luíses de ouro, que eu desejava apanhar, experimentando com êsse gesto não sei que prazer sensual.

Ao deslaçar os cordões daquele cofre tão fácil de violar, o fiz com o maior açodamento, temendo que ela aparecesse de um instante para o outro e me surpreendesse num flagrante vergonhoso. Teria eu que aparentar o maior sangue-frio, uma singular capacidade de simular estado de espírito que não podia ter naquele momento. Uma tal forma de roubo não deixava de ser engraçada. E o resultado?

Meu ato apenas me proporciona uma bagatela: oitenta e oito mil francos! Estávamos em 1941 e isso apenas permitiria uma pequena excursão durante certo tempo. E comecei a inquietar-me com um itinerário: Paris, infestado de gente ruim? Decidi escolher Toulon, como primeira etapa de uma viagem desconhecida. Mas, por quê? Eu estava decidido mesmo a deixá-la. Notei que ela se tornara excessivamente gentil durante os dias que precederiam à minha fuga. Intuição?

(Cont. na pág. 46)

E QUE NÃO SE FALE MAIS NISSO



Que houve? Ela parece que se assustou. Mas Roberto Rossellini achou bastante engraçado. Com certeza fôra alguma traquinice praticada pelos seus filhos, coisa sem maior perigo...



O lar, um cão, filhos e pombos arrulhantes, símbolos, não há dúvida, do Amor conjugal.

INGRID BERGMAN felicíssima

A ESTRÊLA DE "EUROPE 51" ★ IRENE, A HEROÍNA ★ O FESTIVAL DE VENEZA LHE DECEPCIONOU ★ MAS TEVE OUTRO PRÊMIO: AS GÊMEAS, ISABELLA E INGRID ★ VILA DE STA. MARINELLA, PARAÍSO DO SEU AMOR



O último filme de Rossellini, intitulado «Europe 51», teve como principal intérprete a sua espôsa e admirável estrêla, Ingrid Bergman, no papel de Irene, heroína da película. Sua primeira exibição se realizou quando do festival de Veneza. Ingrid aguardou, com certa esperança, que lhe coubesse o prêmio principal no certame, e foi com visível decepção que recebeu a notícia nega-

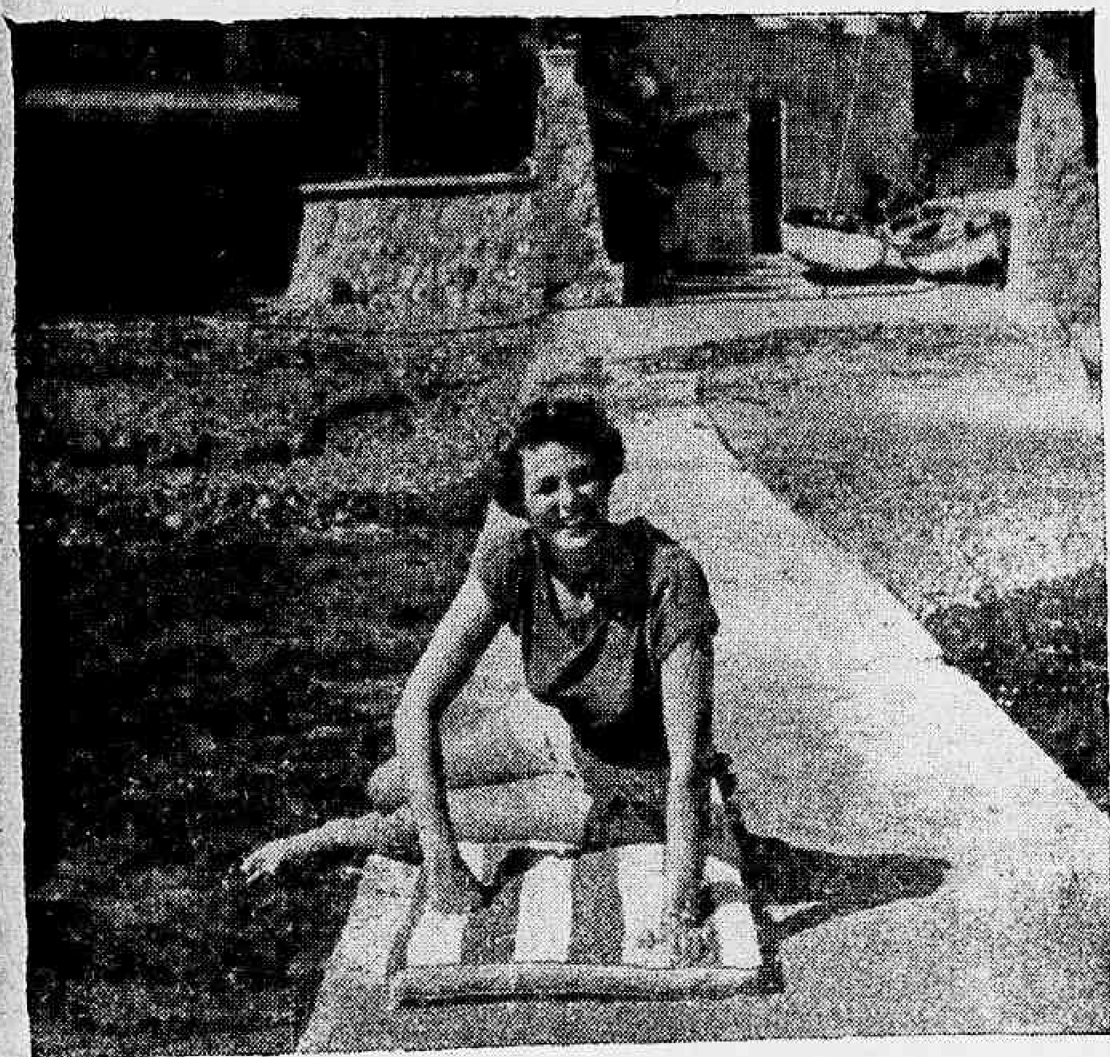


As gêmeas da atriz cinematográfica Ingrid Bergman — Isabella e Ingrid — podem disputar concursos de robustez infantil em qualquer parte do mundo. E não é para menos, pois estão sob os cuidados de uma nutriz vinda do interior italiano — segundo a tradição secular do pais.

tiva. Por quê? Por que não lhe conferiram o maior prêmio? Segundo dizem lá da Itália, o motivo foi êste: ela representara em inglês. Estava Ingrid em sua belíssima casa de campo de Santa Marinella, quando lhe chegaram os primeiros jornais dando contas do festival. Passando os olhos pelo noticiário e crônicas acêrca de seu filme, verificou que alguns comentaristas e críticos lhe faziam os mais entusiásticos elogios, embora outros escrevessem com certas reservas.

No papel de Irene tinha ela pôsto o seu melhor desempenho, ajudada pelo seu talento artístico dos mais perfeitos que há no cinema. E é preciso salientar esta particularidade: para interpretar Irene, ela se submeteu a esforços quase inacreditáveis nas condições em que estava, de adiantado estado de gravidez. Alguns meses após a tomada das últimas seqüências, deu à luz as duas gêmeas, Ingrid e Isabella.

Mas Ingrid, embora nascida para a Arte cênica, não se abateu com a ligeira decepção do





A horas certas recebe as carícias do sol e nada na piscina de sua «villa» à beira-mar. No ano de 1951 comprara ela um casal de pombos em Paris, quando de sua estada na Cidade-Luz. São cinco hoje e fazem as delícias do pequeno Robertinho, primogênito do casal Ingrid-Rossellini.

festival de Veneza, e, tendo recebido como prêmio da Natureza aquelas duas graciosas e gorduchas bonecas de carne e osso, ainda mais se viu prêsa ao lar e ao espôso. E hoje é ela uma das mais felizes mamãs do mundo naquela «villa» que os Rossellini possuem em Santa Marinella, a quarenta quilômetros de Roma.

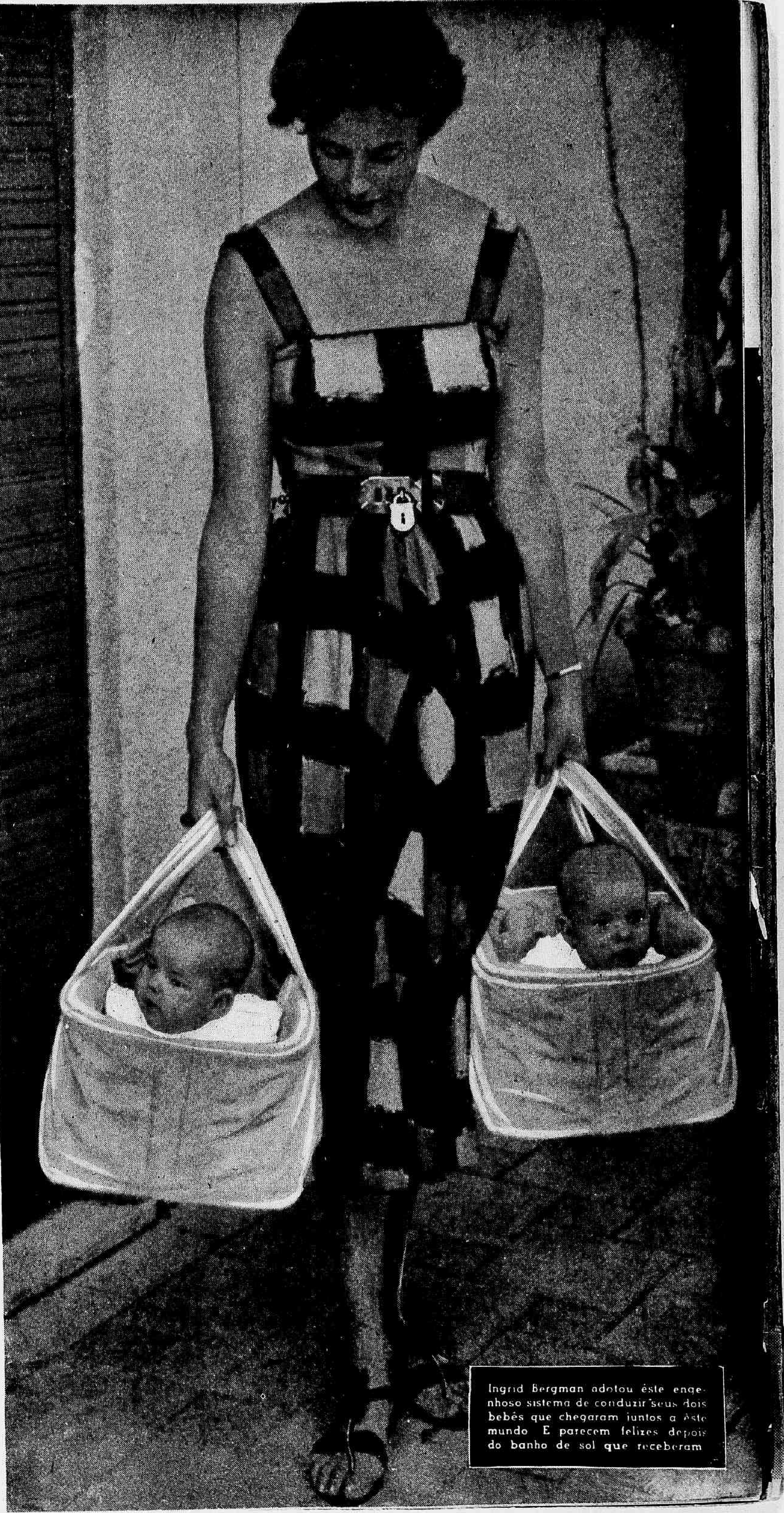
Tôda branca, rodeada de jardins floridos, a casa fica em frente ao mar. Para seus passeios marinhos, tem ela um barco a motor e um iate ligeiro, cujas asas brancas ela as estende sôbre o panorama das ondas, e em seguida vem amarrá-lo ao pé do lar, como um chofer guarda o seu carro na garagem anexa à residência. Ingrid e seu marido recebem constantemente os seus amigos. Mas não assumem aspecto de aristocratas, nem reis do cinema. Tudo é muito simples, com aquela pureza de dois corações amigos, sem preconceitos e leais. E ela faz sempre como a famosa Cornélia, mãe dos Gracos, e quando lhe pedem que lhe mostrem as suas mais belas e ricas jóias, apresenta as duas gemas preciosas: Isabella e Ingrid.

Acham os pais e as pessoas mais íntimas que, já a esta altura da vida, as meninas vão prenunciando o caráter que terão para o futuro. Ingridzinha puxou exatamente à mamãe, calma, sorridente para todos, amorosa e muito meiga; já a Isabella puxou ao papai, e é inquieta. No apartamento de Roma, mandou o casal instalar, em benefício das meninas, um serviço de ar condicionado. Para cuidar delas, além de Ingrid, há duas aias de primeira qualidade, sendo uma vinda da Inglaterra, e outra uma italiana gorda, procedente do campo, cheia de saúde e conhecedora das coisas do interior do país.

E Pia, a filha de Ingrid com o seu primeiro marido? Todos sabemos que, pelas condições do divórcio, ela teria que renunciar à companhia da menina; mas o coração de mãe é muito maior e mais forte do que as imposições da Lei, e Pia irá (ou já foi...) ver a mãezinha lá na Itália, sem que isso venha constituir infração aos dispositivos legais.

Ingrid Bergman não se conformaria, absolutamente, com a separação absoluta e irremediável entre ela e sua filha. Quanto aos trabalhos do cinema, não deixou ainda. Nem se espera que deixará. Dentro em breve as telas a receberão novamente em filmes que já estão sendo motivos de cuidados por parte do diretor e espôso.

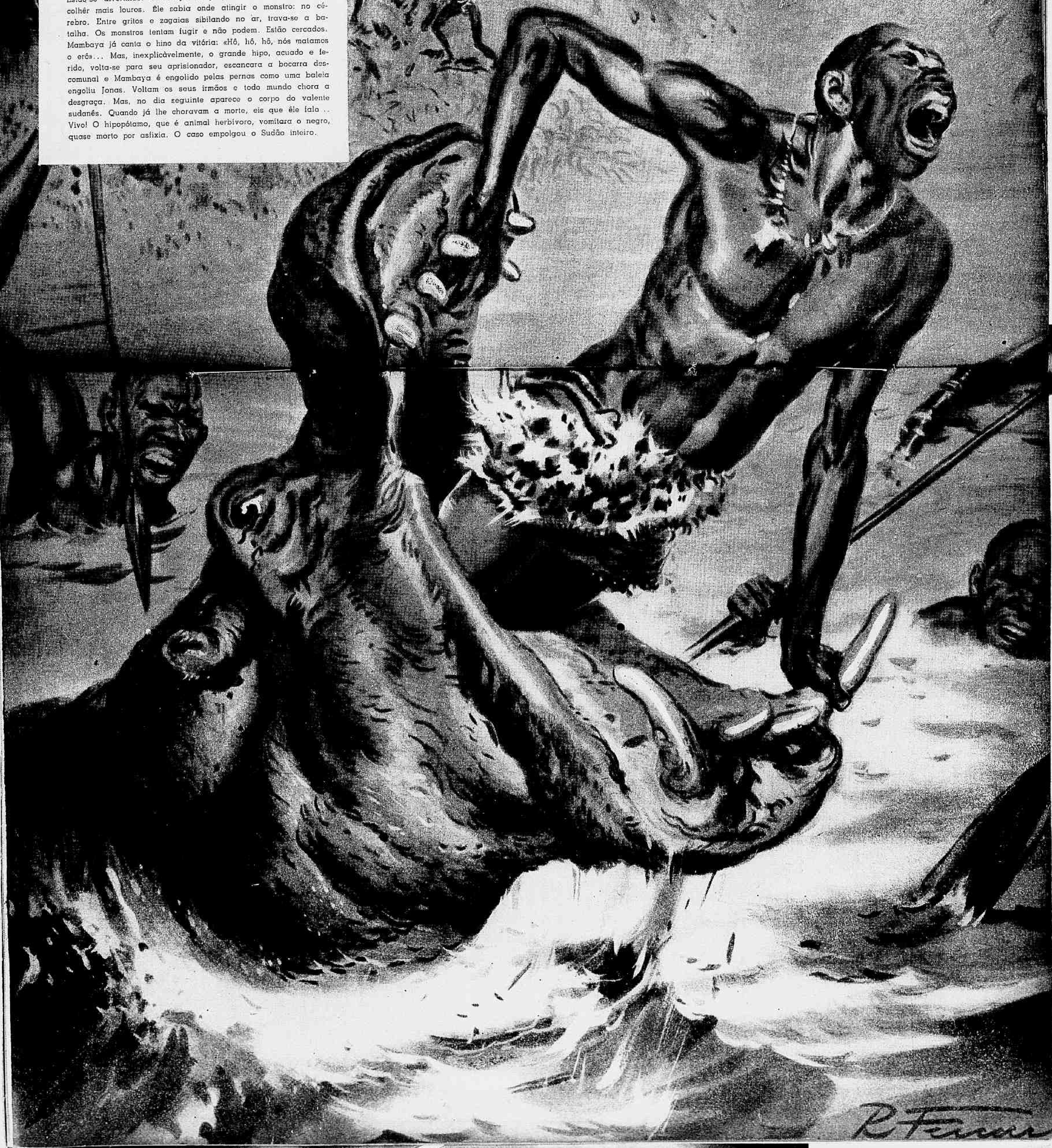
(Continua na pág. 51)



Ingrid Bergman adotou êste engenhoso sistema de conduzir seus dois bebés que chegaram juntos a êste mundo. E parecem felizes depois do banho de sol que receberam

QUASE DEVORADO PELO HIPOPÓTAMO!

MAMBAYA N'Dogo, do distrito de Pibor, Alto Nilo, se converteu em um ser lendário em todo o território do Sudão, pela aventura numa caçada a hipopótamos tão numerosos no grande rio africano. Mambaya, considerado o mais valente, o mais audaz e certeiro no arremêsso das zagaias, chefiava um grupo de nativos, todos sedentes por vingar-se das estrepolias que bandos de **eraus** tinham feito às ribeiras do Nilo, revolvendo plantações e destruindo o que iam encontrando pela frente. Ao amanhecer, os sudaneses do Pibor estavam indignados e decidiram tomar suas pirogas e castigar os hipopótamos atrevidos. Mambaya ia à frente da expedição punitiva. Os olhos perscrutando as margens por entre as canaranas, êles ansiavam por encontrar a manada dêsses paquidermes atrevidos. Até que a uma curva do rio, em local não muito profundo, Mambaya grita: Lá está! Grande hipopótamo desce da margem para as águas seguido de três hipos pequeninos. Depois surge a mãe da família. Pulam, mergulham, agitam as águas do Nilo. Estão-se divertindo. Mambaya se prepara. Era o momento de colhêr mais louros. Êle sabia onde atingir o monstro: no cérebro. Entre gritos e zagaias sibilando no ar, trava-se a batalha. Os monstros tentam fugir e não podem. Estão cercados. Mambaya já canta o hino da vitória: «Hô, hô, hô, nós matamos o erô»... Mas, inexplicàvelmente, o grande hipo, acuado e ferido, volta-se para seu aprisionador, escancara a bocarra descomunal e Mambaya é engolido pelas pernas como uma baleia engoliu Jonas. Voltam os seus irmãos e todo mundo chora a desgraça. Mas, no dia seguinte aparece o corpo do valente sudanês. Quando já lhe choravam a morte, eis que êle fala .. Vivo! O hipopótamo, que é animal herbívoro, vomitara o negro, quase morto por asfixia. O caso empolgou o Sudão inteiro.



UM CIGANO COM DUAS MÃES

FERDINANDO DOSSI E O SEU ESTRANHO CASO ★ O CIGANINHO CUJA VIDA DESMENTE A CÉLEBRE FRASE: «MÃE É UMA SÓ»... ★ O CASO QUE IMPRESSIONA TÔDA A ITÁLIA ★ JOSÉ HUDOROVICH OU FERDINANDO DOSSI?

ERAM 14 horas do dia 10 de novembro de 1941, quando o pequeno Ferdinando Dossi, de 9 anos de idade, deixando sua casa em Trezzo d'Adda, foi pescar. Há naquelas imediações, principalmente nesta zona da Lombardia, enormes fossos cheios d'água. Dêsse seu inocente passeio Ferdinando Dossi não mais voltou. Quando brincava na grama daqueles pequenos charcos alguém lhe avisou que tivesse cuidado. À tarde começaram as buscas pelos campos e pelas casas. Tudo debalde. Ferdinando Dossi desaparecera. Os que costumavam passar por ali, os transeuntes nada presenciaram. Até os fossos foram dragados inùtilmente.

O misterioso desaparecimento da criança comoveu a pacata gente de Trezzo; mil versões até às mais absurdas foram dadas para o caso. Entrementes alguém se lembrou de que, há poucos dias, se havia aboletado, perto dos fossos, uma caravana de ciganos. Era uma gente que falava um idioma estranho com acento eslavo. As mulheres se ocupavam na confecção de cestinhos de vime e os homens giravam pela redondeza à procura de comida. Poucos haviam observado que na noite do desaparecimento de Ferdinando, os ciganos se tinham ido a todo galope em direção do ocidente. Quando notada a coincidência despertou interêsse a idéia de que Ferdinando Dossi fôra raptado pelos ciganos.

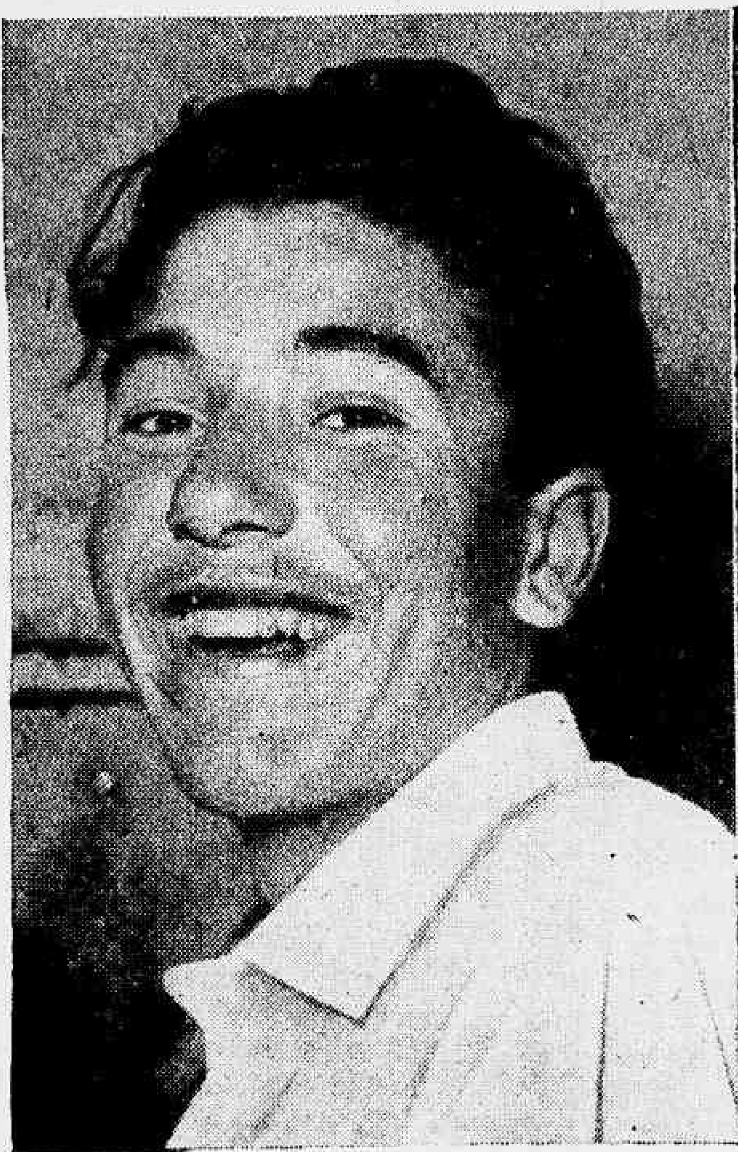
Para o povo de Trezzo não havia mais dúvida. Todos os jornais daquela ocasião deram a fotografia da criança e as pesquisas se tornaram oficiais. Tôdas as informações eram imprecisas e inúteis foras as pesquisas. Para reforçar a opinião de que o rapazinho havia sido raptado, um certo «Pelegrino» escreveu de Foggia que havia visto o desventurado garôto. Mas esta informação era falsa.

Estava-se em plena guerra e outras preocupações atribulavam os habitantes. O caso Dossi pouco a pouco foi perdendo atualidade, apenas ficou vivo numa casa humilde de operários de Trezzo d'Adda.

Ferdinando Dossi era um jovem de caráter retraído, meio rude para aprender as coisas e pouco comunicativo. Não possuía aquela vivacidade característica de sua idade, vivia numa espécie de apatia doentia. Uma sua professôra, num relatório de fim de ano, classificou-o como sofrendo de amnésia.

O caso Dossi veio à tona sensacional e repentinamente em 24 de maio dêste ano, numa hospedaria de Basiano, uma vilazinha perto de Trezzo, quando um moço cigano, José Hudorovich, jogava baralho com um mancebo da localidade. É impossível vencer um cigano no baralho, concluiu o moço de Basiano. Hudorovich sorriu e depois disse pausadamente: «eu não sou cigano; antes me parece que conheço as coisas dêste lugar como se já tivesse vivido aqui!» — levantou-se e foi para o acampamento.

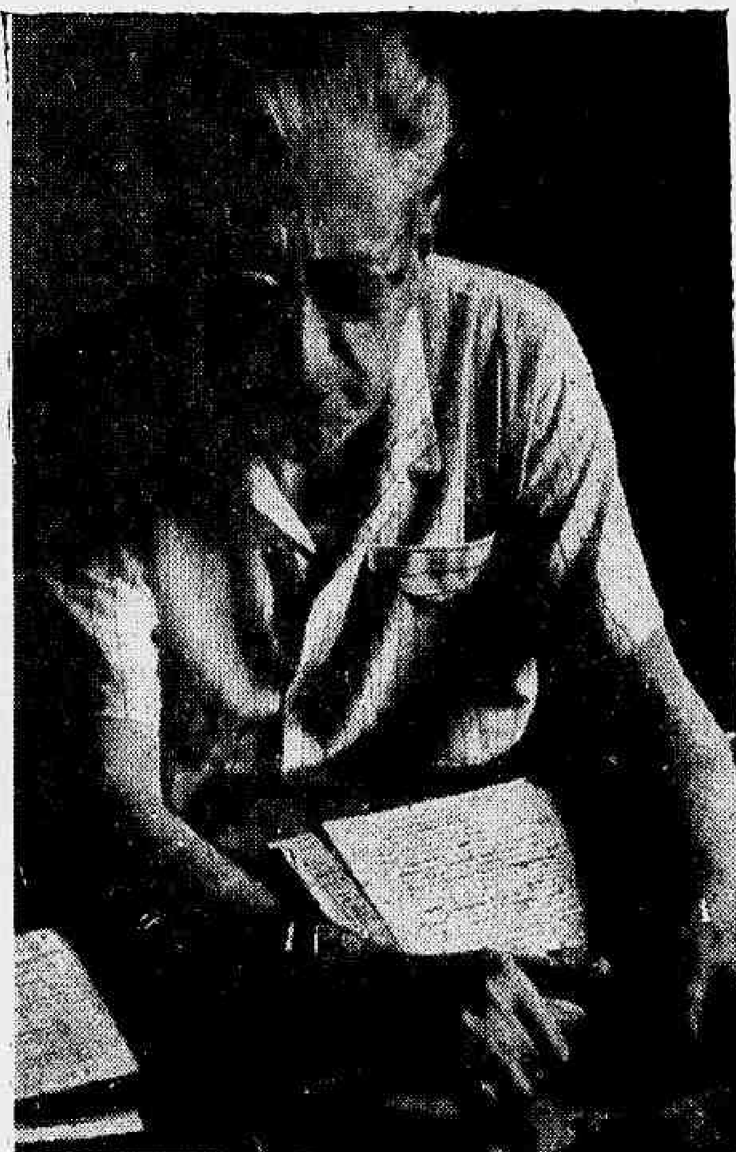
Foi o bastante para que em Trezzo o caso Dossi voltasse à ordem do dia. Todos voltaram a se interessar pelo singular caso, a começar pelo advo-



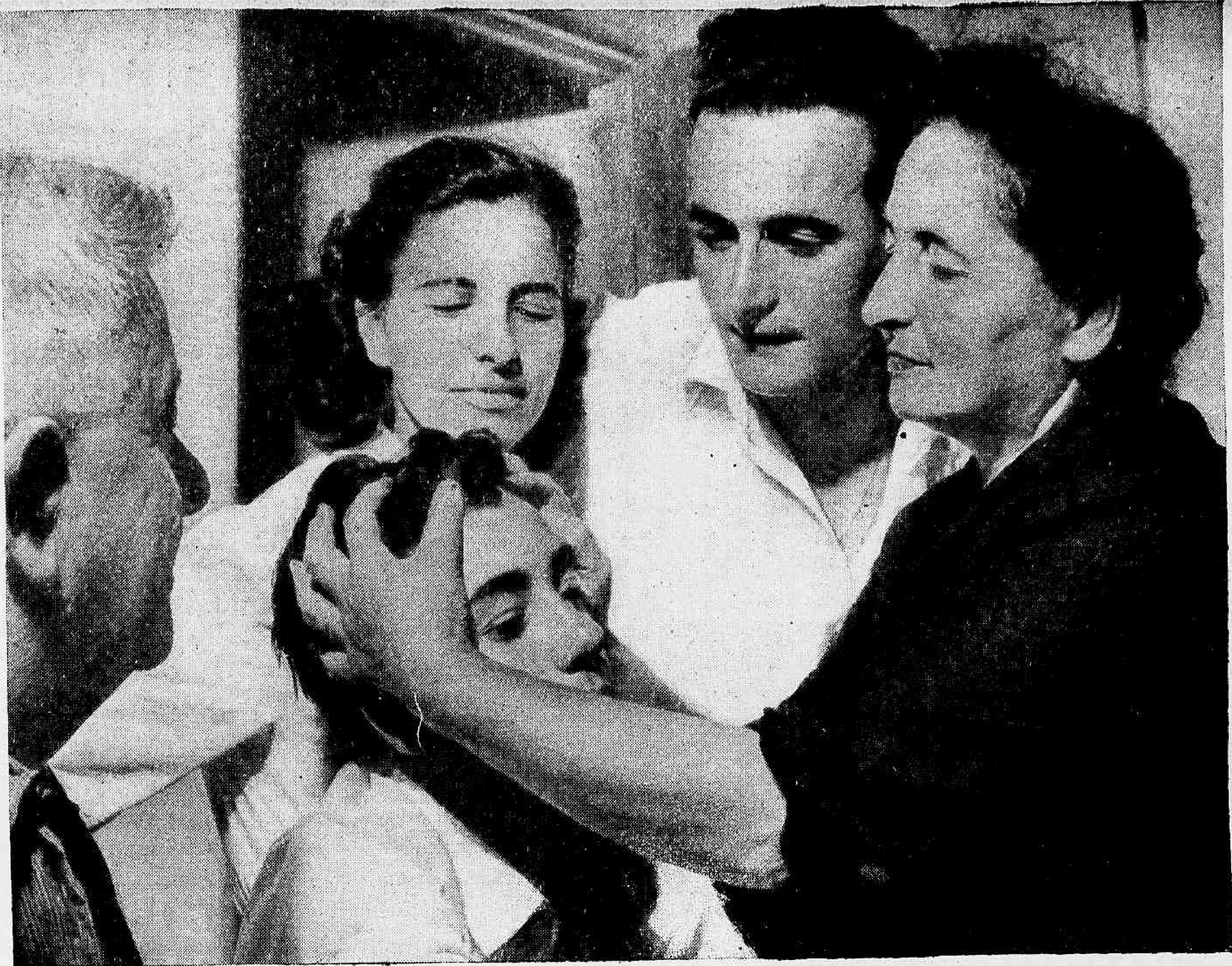
Quando tudo parecia esclarecido e o rapaz vivia feliz no seio da nova família, eis que surge a velha cigana reclamando os seus direitos de mãe e tôda aquela ventura se esfumou, como uma ilusão que se desfaz.



O Brigadeiro Fabiani foi o encarregado de proceder às longas e intricadas indagações do caso Dossi. Foi êle que, não acreditando no reconhecimento, requereu a intervenção imediata das autoridades policiais.



Também um advogado expressou a sua opinião. Luís Medici, advogado da família Dossi, está inabalável na convicção de que o cigano é, apesar de tôdas as dúvidas, o pequeno Ferdinando Dossi, de Trezzo d'Adda.



O coração materno não se engana. Apesar disto, o caso Dossi, parece veio desmentir o velho refrão. As provas para o reconhecimento do cigano José Hudorovich foram muitas, mas nem tôdas conseguiram convencer de que se tratava mesmo de Ferdinando Dossi — desaparecido no mês de novembro do ano de 1941. Uma cicatriz o identifica para a família Dossi.

gado da família, Dr. Luiz Medici. O brigadeiro Fabiani foi a Basiano e convenceu Hudorovich a que o acompanhasse. Em Trezzo, naquele dia, foi um dia de festa. O encontro com a mãe não teve os momentos de dramacidade que soem acontecer em tais circunstâncias.

Vieram as provas. Ferdinando Dossi deveria ter uma cicatriz produzida por uma tamancada vibrada pelo irmão, durante uma brincadeira. E José Hudorovich tinha também aquela cicatriz. Mamãe Dossi afirmava que aquêle rapaz era seu filho. A felicidade daquela mãe durou, apenas, 45 dias. Os modos e hábitos de José Hudorovich, agora na nova família, lembravam os de Ferdinando Dossi. Mas o famoso caso não terminou aqui.

Uma cigana, de rosto bronzeado, desgrenhada, gira continuamente pelas vizinhanças de Trezzo. Depois de vários dias de ronda, no dia 3 de julho, segurando uma menina pela mão, entra na cidade. Encontrando-se com Fabiani a estranha mulher irrompe com fôrça: «Sou a mãe de José Hudorovich. E agora que esta farsa terminou, dê-me meu filho. Eis aqui os documentos.» Passa a exibir um atestado de nascimento de José Hudorovich, nascido em Udine em 31 de maio de 1937, filho de Catarina Hudorovich; e uma cópia expedida pela Polícia de Roma, na qual atesta que o exame do pavilhão auricular feito sôbre duas fotografias, revelou que Ferdinando Dossi e José Hudorovich não são a mesma pessoa. Mamãe Dossi, seu filho mais velho e o filho contestado são chamados com urgência à delegacia. A cigana e José se entreolham e sorriem: então o rapaz fala claramente: «aquela é minha mãe e quero ir embora com ela», depois desdiz tudo que havia antes declarado.

E agora como se explica o incrível fenômeno? As coincidências com Ferdinando Dossi e José Hudorovich? A cicatriz da fronte? E aqui está o ponto mais misterioso de tôda esta história. O caso despertou a opinião pública não só da Itália, como também de outras partes do mundo.



Esta é a mãe cigana, Katarina Hudorovich. Aboletou-se com a caravana de ciganos nos arredores de Milão, disposta a não arredar o pé, até que o seu filho lhe seja devolvido. Só mesmo a sabedoria de Salomão ...

A última decisão foi confiada a Questura de Milão. Enquanto se aguarda o novo pronunciamento, José Hudorovich ficou sob os cuidados do Instituto Beccaria e Catariana voltou para as barracas dos ciganos. É preciso que a Questura tenha, de fato, uma sabedoria salomônica para contentar a verdadeira mãe.

Esta é a singular história de um jovem cigano que tem atualmente duas mães. O mais difícil do caso está no reconhecimento do rapaz. Há provas negativas e provas afirmativas importantes. As autoridades policiais chegaram à conclusão, pelo confronto das fotografias, que Ferdinando e José não são a mesma pessoa. De outra parte, muitos que conheceram o garôto desaparecido, juram que o cigano é, de fato, o filho de Luiza Dossi.

A alegria da velha camponesa, logo foi desfeita pela crueza da verdade. O moço cigano continua afeiçoado à sua mãe cigana. As carícias de Luiza Dossi, Ferdinando correspondia com expressão indisfarçável de insatisfação. Esta estranha história comoveu a população de Trezzo e empolgou a opinião pública de várias partes do mundo.

Para Maria Mercandalli, que foi professôra de Ferdinando, não cessa de confirmar a descoberta de seu antigo aluno da pessoa de José Hudorovich. Mas a prova mais singular em tôda essa complicada história, ainda é a cicatriz que o cigano tem à altura da testa, a mesma que tinha o menino Ferdinando. Enquanto isto dois corações femininos reclamam os sagrados direitos de filiação. A contenda é enormemente difícil para qualquer tribunal. Só o coração e a voz do sangue lavrarão o veredictum, pois não pode haver um filho com duas mães.

Semana Literária

UM LIVRO:

"GONÇALVES DIAS"

DEVEMOS constatar que a posteridade não tem sido justa com o grande poeta dos Timbiras. Muitos anos se passaram, antes que tivéssemos sua primeira biografia realmente digna dêle, a que escreveu, no centenário Lúcia Miguel Pereira. E só agora, com êste livro de Manuel Bandeira, aparece o primeiro estudo sério da poesia e da poética do bardo maranhense.

Bandeira nos dá aqui, tanto um retrato do homem, colhendo bastante em Lúcia Miguel Pereira e em pequenas obras anteriores, bem como em vários documentos virgens, o estudo do poeta. Uma cronologia muito feliz proporciona uma síntese expressiva da vida de Gonçalves Dias. Mas, como o homem parece muito mais interessante do que o poeta, o autor não se esquece de, no sentido da compreensão da obra, realçar etapas mais significativas e que tiveram imediata repercussão na lírica de Gonçalves Dias. A vida amorosa do poeta está muito bem tratada, rica de detalhes, apontados seus momentos cruciais, o que muito vale para sentirmos até quanto os problemas do coração infletiram na arte do poeta. Achamos que Bandeira foi muito seguro, nesse particular, pois isso é essencial em se tratando de um poeta sobretudo lírico, como Dias. Para chegarmos à última parte do livro, a mais notável da obra, no exame pormenorizado da poética de Dias, anteriormente tão malquista, Bandeira precedeu aquilo de quadros indispensáveis e que formam como que a base espiritual humana, daquele exame técnico, onde a técnica é inseparável do espiritual e do humano, como na poesia.

Sentimos em tôda a obra uma indisfarçável ternura do autor para com o biografado, mesmo quando êle sublinha de humor uma anedota mais dramática. Quem conhece Bandeira sabe muito bem que êle pessoalmente faz êsses grifos, com sua risadinha cascateante e comunicativa, evitando o sentimental e procurando sempre contornar o dramático. Mas, a ternura não se deixa bater pelo humor, reponta a todo o momento neste belo livro que era o que estava esperando a glória de Gonçalves Dias — e que veio afinal, assinado por um irmão de poesia e, por que não dizê-lo, de sofrimento e de glória.

EDMUNDO LYS

POR ÊSSE MUNDO DAS LETRAS

● GRACILIANO RAMOS, considerado o maior escritor vivo do Brasil, fêz sessenta anos. O acontecimento foi motivo para que recebesse o testemunho de admiração e de afeto do mundo literário brasileiro, inclusive uma manifestação pública.

● JORGE DE LIMA, não cansado de suas múltiplas atividades, antes, sempre curioso de novos campos em que possa exercitar-se, acaba de criar a editôra «Miracceli», que lançará, em prelo manual, obras de pequeno volume e grande significação.



O POETA MURILO ARAÚJO pronunciou em dia de outubro último, na Associação Brasileira de Imprensa, uma conferência sôbre o modernismo, sua revolução e evolução. O poeta reuniu um auditório interessado e disse coisas realmente interessantes sôbre essa experiência em que tomou parte destacada, sendo de nossos poetas contemporâneos o primeiro talvez que explorou o tesouro dos temas negros na poesia.

● ABGAR RENAULT vai dar um curso de literatura em Madrid. Antes, entretanto, as primorosas edições Hipocampo lançarão uma coletânea de poemas inéditos de Abgar.

● REALIZARAM-SE as eleições da diretoria da Sociedade Carioca de Escritores, tendo sido eleitos: Jorge de Lima, Oto Lara Rezende, Henrique Pongetti, Lêdo Ivo, Carlos Castelo Branco, J. Fernando Carneiro e Maria Luísa Queiroz. O Conselho Fiscal ficou constituído por Amando Fontes, Diná Silveira e José Lins.

● CYRO DOS ANJOS está de partida para o México. Como despedida, deixou-nos seu último livro, «Explorações no Tempo», mais um volume dos Cadernos de Cultura.

● EDGARD CAVALHEIRO escreveu para a Melhoramentos duas biografias curtas, de Fagundes Varela e de Alvares de Azevedo.

● JOSÉ LINS DO RÊGO estêve em São Paulo para a inauguração da exposição de Cícero Dias. Com Mário Dias, irmão de Cícero, José Lins, muito satisfeito com a saída de «Os Cangaceiros», foi a uma «boite» e dançou o frevo, com grande vernaculidade.

UM AUTOR:

SALDANHA COELHO



A nova geração, isto é, a novíssima, tem apresentado valores de primeira grandeza, tanto pela obra que produzem, como pelo papel de animadores, ricos de iniciativa e temperados de bravura, servindo como elementos de coesão e de agrupamento, sempre no sentido das realizações mais puras e mais idealistas. Entre êsses valores, cumpre destacar a figura de Saldanha Coelho que, com ser um contista dos mais interessantes do momento, vem marcando suas atividades como um líder, animando a brilhante e significativa «Revista Branca», centro de atração de jovens poetas, escritores e artistas que ali fermentam em movimentos dos mais simpáticos e expressivos, sobretudo pela grande pureza de suas atitudes, de seu comportamento e de sua obra, como pela categoria das realizações. «Mural», o livro de estréia do jovem líder que ainda não se perdeu, nem com certeza se perderá, em meio à admiração de seus companheiros e dos encômios a que tem dado motivo sua obra — foi um dos livros mais discutidos do ano e continua a despertar o maior interêsse, de leitores e da crítica. Por menos que se estime essa obra de estréia, não há como negar as grandes qualidades do moço escritor e, principalmente, a segurança com que êle aparece, livre de influências e de modismos literários. E' um exemplar de sério, de escritor honesto, por isso mesmo uma figura sedutora, principalmente em confronto com a geração de vinte e dois, a que fêz tábua rasa da seriedade, no culto exagerado da piada de que, afinal, acabou sendo vítima. Saldanha Coelho, que tem à sua frente uma grande obra a realizar, é um dos mais simpáticos e seguros valores de sua geração.

Fora do prelo

● **DISCURSO DE RECEPÇÃO** — Vem de aparecer, nas Edições Mantiqueira, de Belo Horizonte, o «Discurso de Recepção» que João Dornas Filho, historiador mineiro de prestígio nacional, pronunciou ao tomar posse na cadeira n. 12 da Academia Mineira de Letras, substituindo Carlindo Lellis. João Dornas não se limitou a fazer o elogio do parnasiano montanhês que o antecedeu naquele cenáculo, nem apenas a tratar do patrono da cadeira, o poeta inconfidente Alvarenga Peixoto. O historiógrafo, pôsto no seu «elemento», fêz um estudo profundo do quadro literário atual, da evolução das letras mineiras e analisou a obra de nossas maiores expressões no domínio da poesia. Assim seu «Discurso de Recepção» constitui ensaio de todos os aspectos interessantes e contribuição relevante ao melhor conhecimento das letras de Minas.

● **NEVE SÔBRE O MAR** — De Joaquim Paço d'Arcos e sempre por gentileza da Livraria Antunes, recebemos, entre outros livros, êste «Neve sôbre o Mar» (4ª edição).

E' um livro de guerra? Pelo menos, é um livro em que se recapitulam os horrores da guerra, passado o fogo da metralha — suas ruínas e seus horrores, seus destroços. São seis novelas em que se acentuam os pendores cosmopolitas de Paço d'Arcos, revelando certa e benéfica, aliás, influência de Maugham, tanto nos temas, como no tratamento do material. Aparecido em 1942, o livro já atingiu a quarta tiragem, o que bem e justamente demonstra suas excelentes qualidades.

● **UM BRASILEIRO NOS CAMINHOS DA EUROPA** — Arnaldo Brandão, poeta bem recebido pela crítica, reúne neste livro de prosador e cronista suas impressões de viagem. Mas, o autor não se limita à superfície. Procura explicar os fenômenos que encontra, interpretando figuras e acontecimentos, grupos e paisagens. Obra interessante no seu gênero, «Um Brasileiro nos Caminhos da Europa» é livro que se lê curiosamente, com deleite.

● **CANÇÃO PERDIDA** — Noelini Sauza não é uma estreante. «Canção Perdida», que aparece agora, vem confirmar os méritos de uma sensibilidade rica, de uma artista que realmente sabe comunicar em versos suas emoções, com abundância de inspiração, com uma singeleza e pura voz lírica.

Versejando em formas tradicionais, talvez por um excesso de timidez, por uma sorte de pudor injustificável — Noelini se revela dona de bela vocação, merecendo todos os estímulos. Muito nova, estamos certos de que o tempo lhe imporá maior libertação técnica, para mais largos vôos. «Canção Perdida», cheia de doces acentos, com inflexões tão comunicativas, nos dá a segurança de que êste poeta — trata-se de um poeta feminino — que já se afirma tão pessoalmente, há de se desembaraçar dos liames de velhos esquemas, para se manifestar na sua plenitude. O poema «Cântico dos Cânticos», em que não há a preocupação da rima, onde os metros se alternam — garante a qualidade de um lirismo que mal pode ser contido em velhas formas e em preconceitos técnicos superados: é o mais belo poema de «Canção Perdida».

● **GEOGRAFIA HUMANA DO BRASIL** — Reedita a Casa do Estudante do Brasil o esplêndido trabalho do Prof. Pierre Defontaines, cujo aparecimento constituiu acontecimento singular no quadro dos estudos geográficos no país. Na sua «Geografia Humana do Brasil» não esconde o Prof. Defontaines a admiração pelo povo brasileiro. Mas em momento algum o entusiasmo do geógrafo consegue perturbar o seu espírito crítico nem comprometer a segurança da análise empreendida. Daí, certamente, o interêsse da leitura dos diversos temas estudados: o conceito de geografia humana, trabalho tão constante da edição original; os elementos da natureza e a luta dos homens; o efetivo humano e sua distribuição; as duas grandes cidades: o Rio de Janeiro e São Paulo; e geografia econômica. Como apêndice e visando a completar e atualizar o texto, na parte relativa aos transportes, os editôres incluíram nesta edição um trabalho do eng. Luís Cantanhede de Almeida sôbre a evolução do transporte aéreo no Brasil. Não há dúvida que a segunda edição de «Geografia Humana do Brasil» está destinada a conquistar acolhida não menos entusiasta que a verificada por ocasião do aparecimento da primeira.



Jacques Fath

Criação em tecido côr de areia. Peitilho embutido abotoado, acentuado por pespontos que também enfeitam.



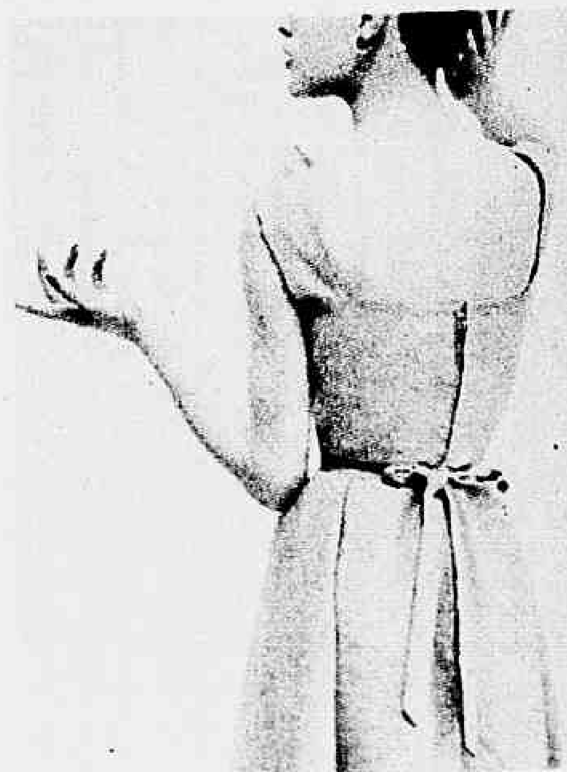
UMA ESTOLA sob o cinto e se abotoando nos bolsos foi uma criação feliz de Jacques Fath para êste vestido de alças.



MODÊLO DE PRAIA de Jeanne Lafaurie. A largura da saia é aumentada pelo pano embutido na blusa em plissados.



ÚLTIMAS CRIAÇÕES de Paris



ENCANTADOR MODÊLO de Christian Dior, com largo viez nas golas e punhos. A saia é em pregas não passadas.





Quer se trate de vestidos
simples e práticos
ou de outros mais complicados
para a tarde,
a nova tendência da moda
mostra duas características
muito constantes:
saias abrindo para baixo,
plissadas ou não,
e mangas japonêsas
ou colocadas sôbre cava ampla.

PARA PASSEIO, temos esta elegante sugestão em pesada lã preta, cintura justa, ampla saia plissada, mangas 3/4 com punhos virados.





PAULETTE

CHAPÉUS

grandes e pequenos...



MAUD et NANO



ROSE VALOIS



CLAUDE et ST-CYR

Algumas das mais recentes e originais criações de chapéus parisienses, aqui estão para a sua elegante escolha. Paulette, Rose-Valois, Claude St-Cyr e Maud-et-Nano são os responsáveis por esta coleção de modelos realmente encantadores e modernos.



A VIDA de NOEL ROSA

Contada por ALMIRANTE



CAPÍTULO V

APAIXONADO DOS SUBÚRBIOS ★ "EU SOU DA VILA" ★ LATAS QUE SÃO INSTRUMENTOS MUSICAIS ★ MISTERIOSO VASILHAME ★ NASCE UMA EXPRESSÃO POPULAR ★ HISTÓRIA DO "COM QUE ROUPA" ★ O HINO NACIONAL EM PERIGO

ATÉ hoje restou, de Noel Rosa, a idéia generalizada de que êle fôsse um apaixonado, exclusivamente, de sua Vila Isabel. O bairro, porque lhe falava mais de perto à alma, porque nêle nascera, nêle passara a infância, nêle residissem os parentes mais chegados — teria, forçosamente, as preferências do rapazola.

Crescia, entretanto, em Noel, um enternecimento impreciso por tudo o que fôsse subúrbio, pelo quase bucolismo dos recantos afastados do centro, ou seja, daquilo que se chamava «cidade» — lugar frio, agitado, sem encantos...

Perpassa, na produção de Noel, um sôpro de admiração não só pela «Vila», como, também, por outros lugares do Rio, nos quais êle sabia ver deleites a seu modo, e atrações nem de longe suspeitadas por ninguém mais, além de seus moradores ou seus próprios filhos. Não fôra assim e Noel teria, invariàvelmente, localizado nos inúmeros redutos atraentes de Vila Isabel os enredos de seus sambas mais felizes, ao invés de situá-los em diferentes subúrbios distantes, que nenhuma razão especial ofereciam para citações. E' que os demais arrabaldes também o seduziam, por isso, dêles tratava com emoção e saudade:

Não há quem tenha
Mais saudades lá da Penha
Do que eu, juro que não!...
Lá no Morro da Mangueira,
Bem em frente à ribanceira,
Uma cruz a gente vê...

*

A prova definitiva de seu amor a todo e qualquer ponto afastado do centro, lá ficou em lindo samba, quase desconhecido, que é todo uma loa aos subúrbios, sem especificação dêste ou daquele. Chamou-se «Voltaste...», e dêle destacamos êste expressivo fragmento:

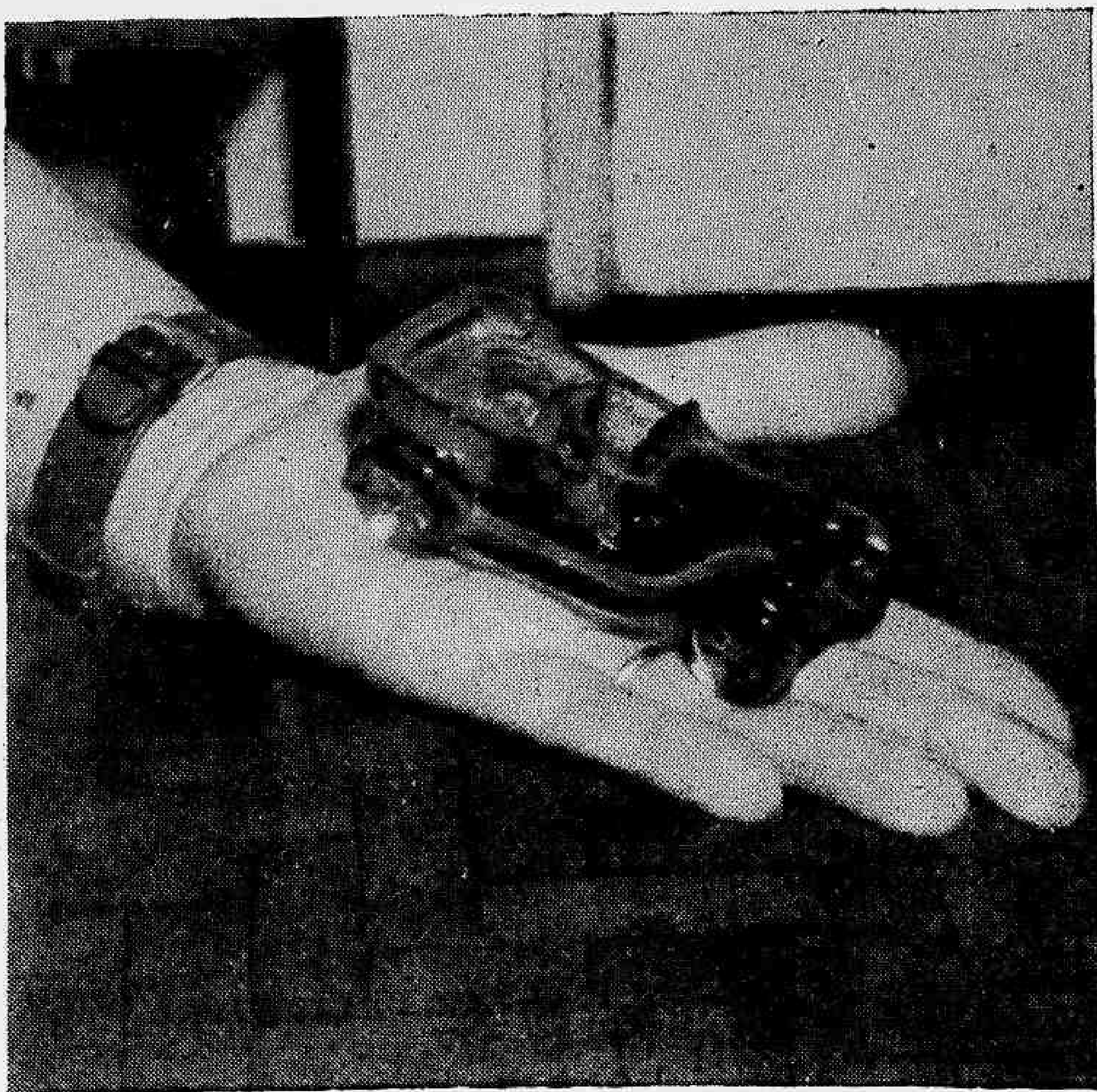
Voltaste,
Prá mostrar ao nosso povo
Que não há nada de novo
Lá no centro da cidade;
Voltaste,
Demonstrando, claramente,
Que o subúrbio é ambiente
De completa liberdade...

A ufania em ser da «Vila» — que se transferiria depois aos moradores do bairro e que passou a constituir um título de glóriola — ainda não se manifestara em Noel, nem em nenhum de nós.

A nós preocupavam, simplesmente, os sucessos musicais e nesse desiderato, vivíamos a imaginar originalidades. Não desejávamos morrer no êxito do «Na Pavuna» e, sabendo que o motivo do grande interêsse por aquela música residira na sua estardalhante apresentação em discos, veio-nos a idéia de surpreender o meio musical e o público com o lançamento de qualquer novidade realmente arrebatadora e marcante. Mas como?

Por acaso, havia urgência em que completássemos certo disco para o qual «João de Barro» já fornecera, com o seu samba «Mulata», a música de uma das faces. Para que se não perdesse a outra face, assumimos o compromisso formal de comparecer no dia seguinte, à tarde, ao estúdio de gravação, com a música que completaria o disco. E nós não tínhamos nenhuma composição que servisse...

Por aquêle tempo, atingida por uma série de tristes reveses, a família de «João de Barro» se mudara de Vila Isabel para Jacarepaguá, onde eu várias vêzes pernoitava. Naquela noite, até às tantas, inùtilmente, quebramos a cabeça, tentando produzir uma composição capaz de sustentar a popularidade do nosso conjunto, no carnaval que se aproximava — o de 1931.



O AUTOMÓVEL DE NOEL! — O automóvel representou sempre uma das manias de Noel. Aqui está na palma da mão de Almirante o automóvel de brinquedo que o inesquecível compositor guardava carinhosamente.

A VIDA DE NOEL ROSA contada por ALMIRANTE

Que horas são?

(Samba) Música e letra de Noel Rosa

Eu venho agora
Saber a hora
Que o ponteiro está marcando
No relógio da senhora!

O meu relógio é de ouro brasileiro
Trabalha bem sem a corda
Sem ter vidro nem ponteiro
Em minha casa surgiu hoje uma briga
Meu credor usa a moderna
E eu adopto a hora antiga.

O carioca perdeu a calma e a paz
A hora pulou p'ra frente
E a nota pulou p'ra traz
Mas eu agora já gostei d'esse brinquedo
Para me vingar da hora
Janto três horas mais cêdo.

Noel Rosa

UM MANUSCRITO DE NOEL ROSA — Fértil como era, Noel não se limitava a escrever sòmente os poucos versos com que suas músicas se editavam. Para os amigos, cantava sempre novas estrofes, numa prova de sua exuberante imaginação. Em 1931, quando se deu o primeiro «pulo da hora», Noel, além do samba que publicou sob o título de «Por causa da hora», compôs também outro, que não chegou a ser editado, cujos versos aparecem acima, na letra do próprio autor.

Na manhã seguinte, estávamos dispostos a confessar à Fábrica nossa impossibilidade de completar o disco e, nesse estado de espírito, rumamos para a estação, a fim de pegar o trem. Durante a viagem, uma providencial inspiração chamou nossos olhares para as incontáveis latas velhas, de todos os tipos, atiradas à margem da estrada pelos moradores das casas que dão fundos para a via-férrea.

Num relance, vislumbramos a arrojada possibilidade de usarmos, em lugar de pandeiros, cuícas ou tamborins, latas de todos os feitios, transformadas em instrumentos de percussão. Mas... com que música?...

Idéia puxa idéia, e logo nos ocorreu compor música extravagante que tanto servisse para destacar, na gravação, um a um, os componentes do «Bando de Tangarás», como para realçar o som da lata que cada um faria soar, entoando sua estrofe. Nasceu assim, em poucos minutos, a marchinha «Lataria», que na mesma tarde foi gravada em discos e que resultou em inesquecível sucesso:

Já que não temos pandeiro
Para fazer a nossa batucada,
Todo mundo vai batendo,
Na lata velha e tôda enferrujada.

Lembro-me perfeitamente da azáfama em que nos vimos metidos, naquele dia, a arrebanhar por todos os cantos as várias latas que se prestariam para sonorizar a gravação. O mais difícil de se obter no centro da cidade, foi certo recipiente íntimo, de ágata, com asa, e que constituiria a charada do disco, já que, ao ser tangido por «João de Barro» era, por êle mesmo, anunciado numa quadrinha que propunha a questão cuja resposta se obtinha no som inconfundível que o vasilhame, simultâneamente, ia produzindo:

Repara bem, minha gente,
Repara bem pelo som,
E, depois, todos me digam
Se meu instrumento é bom...

★

Naquela época — fins de 1930, princípios de 1931 — Noel Rosa fazia furor com o seu imortal «Com que roupa?». Com êle, Noel revelou-se, dando as primeiras amostras positivas de sua indiscutível queda para a composição de músicas populares. Sua fertilidade em versejar logo se tornou proverbial. Em qualquer lugar onde se exibia cantando o samba, surpreendia, mesmo os mais íntimos, com uma série sempre renovada de estrofes, em que explorava os assuntos mais em evidência, em versos de imensa propriedade, pontilhados de rimas bizarras.

Imediatamente, com a popularidade que o samba ia alcançando, começou a surgir, em tôrno de sua origem, uma verdadeira lenda, evidentemente provinda da simples interpretação do título. A acreditar-se em tal versão, Noel teria sido o autor da gíria «com que roupa?». Todavia, manda a verdade que se diga que, apesar do inteligente e bom Noel possuir imaginação e originalidade bastantes para criar a feliz expressão, não foi êle quem a inventou.

Antes de figurar no notável samba, «com que roupa?» já se tornara frase corriqueira, em Vila Isabel, com especialidade nos agrupamentos dos dois cafés situados na esquina de Rua Souza Franco com o Boulevard 28 de Setembro.

Os rapazes que ali se reuniam — «cambada de prontos», como os classificavam os sisudos e horrorizados chefes de família, incapazes de compreender a ruidosa alegria que se notava sempre naqueles cafés — e que mal possuíam além do dinheiro indispensável para suas passagens de bonde, para o trabalho cotidiano, andavam, permanentemente, às voltas com os adventícios também «prontos» que, por vê-los felizes, os supunham endinheirados, razão porque, invariàvelmente, os convidavam a pagar o «chopp». E, em se tratando de parceiros, em condições de pecúnia idênticas, e que sempre ali surgiam com esperanças nas melhores posses dos demais, já nem mais se trocava o tradicional «boa-tarde» ou «boa-noite», substituído que era pelo cumprimento-convite, atirado à queima-bôlso:

— Queres pagar o café?

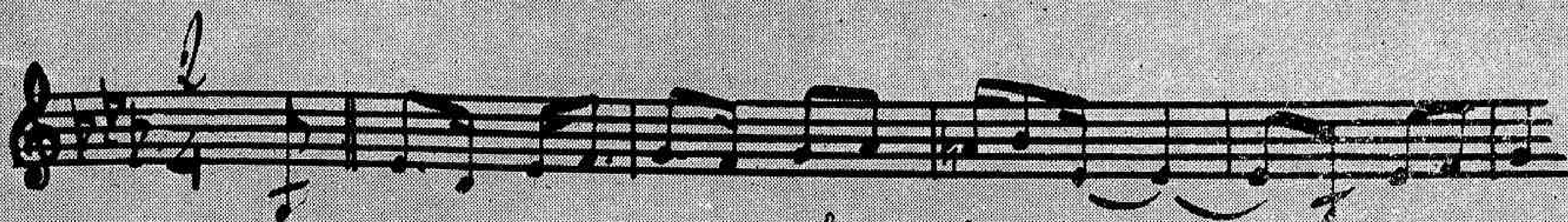
Uns e outros, em 99 por cento dos casos, recebiam a indagação que logo justificava a negativa:

— Com que roupa?...

A Noel Rosa, excelente observador de modismos e então «ha-



A BENGALA PREDILETA — Uma das predileções de Noel, a bengala. Esta foi presente de aniversário e no castão a data de seu nascimento: 11-XI-1919.



«COM QUE ROUPA?» — Os compassos iniciais do «Com que roupa», exatamente como Noel os ditou a H. Dornelas e onde se nota flagrante semelhança com o Hino Nacional. Grafia de Dornelas.

bitué» infalível daqueles cafés, não poderia passar despercebida a expressão. Daí o tê-la aproveitado, com tanta felicidade, em seu samba magistral.

Por ter sido seu grande, seu principal, seu extraordinário divulgador, acabou assumindo a paternidade da frase, e é pena seja eu, que tão entusiàsticamente o viva exaltando, quem venha, assim, a público, desfazer uma lenda que tão bem se prestaria para a maior glorificação do saudoso companheiro.

Mas, a verdade é a verdade...

A pseuda origem do samba, nascida da pura interpretação do título, era baseada numa engenhosa mistura de verdade e fantasia que chegou até a convencer a íntimos e parentes do compositor, os quais, por sua vez, com a autoridade que possuíam, passavam adiante a imaginosa versão que, assim, assumia foros da mais indiscutível veracidade.

Eis a versão:

Muito garôto ainda, Noel tinha suas saídas noturnas impedidas pelo pai. Rebelde, chegava a saltar pelas janelas, fugindo para a rua. Receiosa de más conseqüências por tais desobediências, Dona Marta passou a esconder as roupas do menino. Êste, numa teimosia invencível, esperava que todos se recolhessem e escapulia, vestindo uma das calças do pai.

Sabedora do caso, a mãe passou a ocultar também os ternos do espôso. Noel, obstinado, pensou em sair, assim mesmo como estava. Os companheiros de farras o aguardavam, na rua, defronte da casa. Ao reconhecerem o amigo, no escuro, encostado às grades do jardim de sua residência, insistiram para que êle os acompanhasse. E Noel, mostrando-lhes como se achava — isto é, inteiramente nu — teria perguntado, com muito espírito:

— Com que roupa?...

A história tem a consistência de farelo, e podem ser apresentadas várias razões que a destróem pela base: quando Noel apresentou seu samba, tôda Vila Isabel, como já se disse, usava a expressão, à larga; quem conheceu a família de Noel, o gênio pacato e bonachão de seu pai, a extrema condescendência de sua mãe, jamais acreditará que o menino viesse a ser impedido, à fôrça, numa reação a qualquer desejo que manifestasse; a enorme diferença de estatura entre o menino e o pai, não permite admitir que jamais Noel se atrevesse em sair à rua com suas calças; e, como argumento definitivo é bastante lembrar-se que, ao compor o «Com que roupa?», Noel já não mais era um fedelho a quem se escondessem as roupas: era quase maior, tinha 20 anos de idade.

Composto o samba, Noel o levou para o mesmo Homero Dornelas, a quem recorríamos sempre a fim de que passasse para o papel as melodias que só sabíamos reter na memória.

Atentamente, Dornelas, ouviu o que Noel cantarolava:

«Agora vou mudar minha conduta,
Eu vou prá luta...»

Não lhe parecendo ter entendido bem a melodia, pediu a repetição:

«Agora vou mudar minha conduta,
Eu vou prá luta...»

— Espere aí, Noel. Êste samba não pode ser publicado!

A notícia estourou como uma bomba nos ouvidos do compositor.

— Ora essa! Por quê? — indagou, aflito.

— Porque isto não é samba. Isto é o Hino Nacional!

E, juntando o gesto à palavra, feriu, no piano, com a harmonização identificadora, os compassos iniciais do Hino Nacional Brasileiro, aos quais o assombrado autor acomodou fàcilmente os versos.

— Mas... é a mesma melodia!... — exclamou Noel, decepcionado.

Sim. Por uma dessas freqüentes traições do subconsciente, Noel, ao compor o «Com que roupa?», não se apercebera de que a melodia dos três primeiros compassos apresentava profunda semelhança com o trecho inicial do hino pátrio.

— E agora? — perguntou a Dornelas.

— E' simples — respondeu o outro. — Basta uma ligeira modificação no movimento melódico e o samba fica outro...

E, enquanto falava, ràpidamente, desenhava na pauta a melodia primitiva e, depois, substituindo notas aqui e ali, sem prejudicar sequer o espírito da composição, deu à música a feição que se divulgou, original e inspirada.

(Cont. no próximo número)



CARICATURA — Quando Noel Rosa, juntamente com o «Bando de Tangarás», fêz uma temporada no Eldorado, Mendez fêz esta caricatura.

CONVERSA DE MULHER

SER MULHER É O DIABO



MINHA avó dizia que gostaria de ser homem nem que fôsse com uma perna de pau. A verdade é que ser mulher é muito complicado. Complicado no sentido por assim dizer rendado (Silveira Sampaio em uma de suas peças dá uma definição de mulher mais ou menos assim: «renda, espuma, lenço, leque...»), no caso das mulheres manteúdas dos vários tipos, dos honestamente familiares aos profissionais, pelo que requer de **savoir-faire** para permitir um mínimo de possibilidade de expansão de personalidade numa posição essencialmente de submissão. Complicado quando a mulher trabalha, porque os homens não se convencem em geral de que elas trabalham mesmo e porque a lei é madrasta de mulher. Quando uma mulher trabalha os homens acham que é «trouxa», ou orgulhosa, ou insuportável ou então... que não trabalha. E a lei tolhe a mulher que cuida de se fazer econòmicamente independente em muitas situações, como por exemplo na de desquitada: mulher desquitada tem que pedir em alguns casos autorização ao marido para se empregar ou solicitar empréstimo, e se não quer se entender com o ex-marido deve por subterfúgio recorrer ao juiz de ausentes (o maior ausente, segundo uma amiga minha com prática).

● **Homem só aluga apartamento ou quarto, quando os há, sem nenhuma dificuldade. Mulher só, não. Os donos dos negócios dos imóveis ou se saem logo com um não categórico ou fazem as mais esquisitas perguntas. Certa vez fui recusada por vários hotéis de diversas categorias numa chegada súbita a São Paulo e apurei depois que não foi simplesmente por não ter sido feita reserva prévia ou por falta de acomodações, mas apenas porque se tratava de mulher não acompanhada. E estava vestida com um costume sóbrio e médio de uma casa aceitável de confecções, nunca antes tendo desconfiado de que tivesse um ar pouco respeitável ou, ao contrário, algo... «respeitoso». Agora mesmo, quando são numerosos os exemplos de mocinhos que têm Cadillacs mas não têm dinheiro para pagar gasolina, passei por grandes sobressaltos e dissabores porque precisei de um empréstimo de dinheiro, a prazo curtíssimo e tendo suficientes garantias para dar. Mas é que quando uma mulher pede dinheiro a sério — quero dizer, quando uma mulher séria pede dinheiro, os homens ficam desconfiados. Entre êles, é usual dar aval p'ra cá, aval p'ra lá, sem pés nem cabeça, isto é, sem usar a cabeça e metendo os pés nos aborrecimentos que possam sobrevir. Mas, a mulher, geralmente, homem não empresta dinheiro, dá em troca de mercadorias não taxadas por lei.**

● Se consegui ao fim de árdua luta e feroz resolução, firmada na minha consciência de ter com que pagar a tempo, o meu desejado empréstimo, não foi afinal sôbre qualquer base comercial, que mulher excepcionalmente conquista ficha em banco — foi por camaradagem de um amigo dos raros. O grave nesse desamparo da mulher é que não se faz de fato nada para melhorar a sua situação. Eu mesma, no meio das recentes atrapalhações em que me vi envolvida e que me deram assunto para êste bate-papo, pensei que precisava fazer qualquer coisa, assim como tratar de fundar uma casa bancária com capitais femininos, dirigida por mulheres, destinada a auxiliar principalmente a mulher que procura ganhar pelo trabalho a sua vida e melhorar suas condições financeiras. Mas logo a idéia me soube mal — nada me parece mais enjoado que um bando de mulheres, não me consegui imaginar suportando reuniões cheias de pó de arroz e baton. Talvez do ponto de vista mais autênticamente feminino, tendo que escolher, a mulher prefira lutar com homens a se rodear do amparo de outras mulheres. — **ISOLETTE**



TRÊS LINDAS «CARAS-SUJAS», que nada têm a ver com os famosos garotos vagabundos dos filmes de Hollywood. Ao contrário, são três vencedoras de um concurso originalíssimo realizado em Munich. Querem saber o título? **Geschicklinchkeitsprufung fur Madchen und Frauen im Schokoladenessen...** Concurso para meninas e senhoras comedoras de chocolate... Com as mãos amarradas, as concorrentes devem comer como podem.



«CHAPEUS BAS», PARA CRISTIAN DIOR! — Cristian Dior, que divide com Jacques Fath, Schiaparelli, Valenciaga, Marcel Rochas, Givenchi e outros ases da costura as honras de serem os mais famosos figurinistas e costureiros do mundo, fêz esta coisa monumental. Criar êste chapéu. Chapéu? Sim, incrível como pareça, sem copas, sem abas, fitas, fitas só... Fitas...



VOVÒZINHA OFICIA NO CASAMENTO DA NETA — Vovó, a sra. Emily Hawker, sacerdotisa, ou melhor, para usar a expressão protestante e não haver protestos... — a ministra oficiou no casamento de Rita Hawker, de 19 anos, com Fred Allman, jovem de vinte e um anos. A cerimônia realizou-se na Igreja de S. João, da Igreja Espiritualista em Duddley, na Inglaterra. Pela primeira vez uma avó-missionária e ministra oficiou no casamento de uma neta.



BELITA FAZ PROEZAS -- Belita — que lindo nome! — faz coisas mirabolantes não sòmente na pista de gêlo como patinadora, mas incrível como pareça na matemática, sendo um gênio para extrair raízes quadradas as mais intrincadas e figuras geométricas dificílimas. Heather Belbin tem apenas quatorze anos e por isso às noites não vai a «boites», mas fica em casa, acreditem ou não, a fazer tricô...

ROTINA DE BELEZA

"CAMPING" E SAÚDE

A vida ao ar livre, nunca é de mais se insistir, é indispensável à saúde e portanto à verdadeira beleza, àquela que pode prescindir de cosméticos e artifícios. O «camping» é um excelente hábito para seguir êsse princípio de boa higiene. Há duas formas de «camping»: o sedentário e o itinerante. O primeiro é mais indicado para famílias com crianças, pois estas não se acomodam muito aos deslocamentos seguidos. Requer uma instalação mais cuidada pela sua duração. O «camping» itinerante pode ter como meio de transporte aquêle que fôr mais do agrado de cada um: automóvel, lancha, até canoa ou bicicleta.



● TENDA

Uma tenda é objeto de primeira necessidade quando se faz «camping». Terá que ser maior ou menor, segundo o número de pessoas que deva abrigar, pode ter teto duplo e revestimento para o chão contra a umidade. E' um artigo sôbre o qual os apreciadores do esporte não devem fazer economia no momento da aquisição, para verdadeiramente fazerem economia a prazo longo.

● **O SONO**

Dormir bem é condição para repousar bem. O colchão escolhido deve ser pneumático. Há alguns transformáveis em cadeira de encôsto. Um mosquiteiro também pode entrar nas cogitações do aficionado de «camping».

● **INDUMENTÁRIA**

Depende naturalmente da duração do «camping» e da estação em que é feito. De qualquer modo, as peças básicas serão um «short», uma camisa de malha e um blusão, acompanhados por calçado resistente, em maior ou menor número.

● ALIMENTAÇÃO

Nada de comida feita em fogueira. E' romântico, sem dúvida, mas um tanto sujo e pouco prático. Existem para ser utilizados com muito sucesso fogões de duas bôcas a álcool ou óleo. As panelas deverão ser as de pressão e as de vários andares, isto é, aquelas divididas em mais de uma seção. Além dos alimentos frescos que possam ser adquiridos nas imediações ou no caminho, é necessário reunir um estoque de leite em pó e algumas conservas.

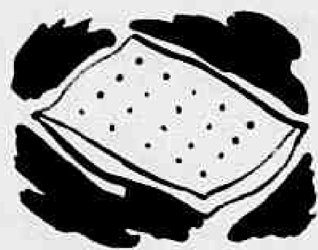
● **Se nunca pensou nisso, pense agora: adquira gôsto pelo «camping» e verá que há de melhorar a saúde física e moral. E a beleza, no caso, é uma conseqüência.**



SUMIER-MALA

"SUMIER" POPULAR — VENDAS A PRAZO

A Indústria de Colchões Ostermoor Ltda., orgulha-se de apresentar ao público o "Sumier" Popular. Belíssimo móvel de fabricação esmerada, com 3 almofadas, pés em estilo "Chipandale" e todo forrado em tecidos diversos. Colchões ventilados de molas, solt. Cr$ 1.250, casal Cr$ 1.700, 5 anos de garantia. "Sumier" tipo mala com pés "chipp", e 3 almofadas Cr$ 1.300, idem com 2 gavetas Cr$ 1.600, "box-spring" com pés "chipp" e 3 almof. Cr$ 1.700, idem com 2 gavetas Cr$ 2.000, idem tipo mala Cr$ 2.000. TRAVESSEIROS VENTILADOS DE MOLA 1 Cr$ 130, par Cr$ 250. Nos encarregamos da confecção de quaisquer estilos de móveis estofados, reformas, com os mínimos preços. — INDÚSTRIA DE COLCHÕES.


TRAVESSEIRO DE MOLAS


SUMIER 2 GAVETAS

OSTERMOOR LTDA.

Rua Senador Furtado, 30 (Pça. Bandeira) — Tel.: 48-0824. Caixa Postal 3.979. Sempre às ordens de interessados do interior do país.

AS MEMÓRIAS DO PRÍNCIPE YUSSUPOFF

Acompanhe, a partir dêste número os sensacionais e empolgantes capítulos das «Memórias do Príncipe Yussupoff», testemunha da época mais faustosa da Côrte Russa quando surgiu a figura impressionante de Rasputin, com suas intrigas e influências místicas.

A SAÚDE DO BEBÊ

ENCEFALITE AGUDA NAS INFECÇÕES

DR. SABOIA RIBEIRO

A observação de muitos acidentes cerebrais, sobrevindo como complicação das chamadas doenças comuns da infância, e a identificação, pelas autópsias, de sua verdadeira natureza, alertaram de anos a esta parte a atenção dos pediatras para os riscos dessas doenças, possibilitando tais manifestações — as encefalites agudas. Sabe-se, hoje, que tôdas as moléstias infecciosas são capazes de provocar no cérebro particularmente vulnerável da criança, um processo congestivo ou inflamatório, de extensão e localização variável, que constitui, na essência, o processo encontrado nas encefalites agudas, justamente aquelas que surgem no decorrer de tais infecções, por via de tais acidentes. São muito familiares, entre os pediatras, hoje, expressões como: encefalite post-vacínica, post-morbilosa (com relação ao sarampo), post-gripal etc. Isto porque tôdas essas infecções podem complicar-se de uma encefalite aguda. É, pois, da encefalite como complicação, que aqui trataremos, ou melhor, da encefalite aguda como localização cerebral de uma infecção qualquer da criança.

● Essencialmente o quadro clínico da encefalite se diferencia da meningite pela ausência, nela, de alguns sinais próprios da meningite, como a rigidez da nuca, o sinal de Kernig e da risca meningítica. Êste consiste na imprimidura, na pele do abdome, de um desenho feito à ponta de um lápis ou a unha — uma cruz de Santo André, por exemplo — em linhas de uma coloração viva, ao nível dos traços deixados pelo lápis ou a unha. No sinal de Kernig existe a impossibilidade de fazer um ângulo reto com os membros inferiores, estando o indivíduo em decúbito. Por outro lado, se estando êle deitado o levamos a sentar-se em seu leito, dobram-se as pernas sôbre as coxas e estas sôbre a bacia, enquanto a cabeça flete-se para trás. Mas, é o exame do líquido céfalo-raquidiano que serve para fazer a verdadeira separação dos casos. Na encefalite, êste é claro e sem elementos celulares, o contrário do que ocorre na meningite (na meningite tuberculosa, onde também é claro, o líquido contém muitos linfócitos, e pelo repouso ou a centrifugação mostra-se um resíduo rico de albumina). Diga-se, porém, que por vêzes associam-se a encefalite e a meningite e em tais casos o líquido céfalo-raquidiano mostra-se tal e como nesta. Sòmente a autópsia denuncia que o processo era comum à uma e a outra (meningo-encefalite). Na encefalite como complicação de infecção infantil (ou uma virose) o quadro irrompe brutal, febre alta (40° e 41°), convulsões violentas, delírio, estado comatoso. Os vômitos, o estrabismo, a taquipnéia, associam-se às mais das vêzes. O pulso anda de 120, 140, 160. Os movimentos respiratórios, 40 a 60. Num período de mais ou menos 10 dias, sobrevem a defervescência, a criança interrompe seu silêncio de muitos dias, soltando alguns gritos, que se repetem em outros dias, acusa a regressão mental, não mais conhecendo a ninguém, incapaz de mamar, ou comer. Escoam dias e até meses, e vêm depois o estrabismo (a princípio intermitente), a paresia dos membros, a perda do equilíbrio da cabeça, a incapacidade das mãos em apreender os objetos, todos os sintomas da esclerose cerebral. O desenvolvimento estatural e corporal prejudicados, a marcha impossível, nem ao menos a criança logra equilibrar-se de pé. O fim é muita vez uma infecção sobrevinda mais tarde que leva a criança, uma pneumonia, por exemplo.

● Êste quadro varia naturalmente de uma para outra infecção, que se complicou da encefalite, e é fora de dúvida que tal complicação é mais grave numas viroses que noutras, quando surge. Mas parece que constitui sempre um fator de agravamento especial a existência de uma otite supurada concomitante em tais infecções. Por isso, nas infecções ou viroses que mais comumente se complicam de uma otite, a complicação encefalítica é mais temer-se. Daí a situação especial que as gripes e o sarampo desfrutam como fatôres da encefalite surgindo como complicação, vez que são freqüentes em ambas as afecções do ouvido, como resíduos de sua passagem. Atualmente a medicina dispõe de recursos particularmente profícuos, nem só com relação à profilaxia das viroses em si, como de suas complicações, inclusive os acidentes de encefalite e meningo-encefalite. Está neste caso, principalmente, o emprêgo da AUREOMICINA, e é a ela que devemos recorrer diante da necessidade de prevenir contra êsses acidentes, sempre possíveis, no longo período em que a criança costuma ser atingida pelas chamadas doenças comuns da infância.



Cercada pelo carinho da mamãe e da vovó, Senhora Georgina Ottoni Limpo de Abreu.

A 1.ª COMUNHÃO DE CECÍLIA

Instituição das mais divinas e belas, pela significação que tem entre os que começam a compreender a vida, a Primeira Comunhão entre as crianças é uma obrigação da família católica brasileira para com sua Igreja. Não há lar que não tenha um álbum com fotos de filhos à mesa da primeira comunhão. É sempre uma data inesquecível, e a graciosa menina Cecília, motivo de justo orgulho e perene felicidade de seus pais, fêz sua primeira comunhão a 26 de Outubro próximo passado, consolidando sua fé na doutrina de Cristo, enchendo de alegrias o coração dos seus maiores e responsáveis por sua educação.

A Primeira Comunhão de Cecília teve lugar na Capela do Colégio Santa Dorotéia, do qual é também aplicada aluna. À tarde daquele dia feliz, uma lauta mesa de doces foi oferecida aos seus inúmeros amiguinhos e colegas de escola no solar de sua vovó, D. Georgina Ottoni Limpo de Abreu, à Rua Carlos de Laet, 67, o qual se apresentou sob aquela auréola festiva e de muita felicidade que sòmente as crianças sabem dar aos ambientes.



CECILIA, graciosa filha do Cap. de Mar-e-Guerra Luiz Phelippe de Saldanha da Gama e de D. Magdalena de Abaeté Saldanha da Gama, no dia de sua primeira comunhão.



E numa festa tão espiritual a alegria infantil das guloseimas



As amigas da mamãe participaram também da grande alegria

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON, nº 1: e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 38 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de **nicotina acumulada nos interstícios dos** dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

LOÇÃO ANTI-BRANCA

RESTITUE AOS CABELOS A CÔR PRIMITIVA

☆ Não contém Nitrato de Prata ☆

Combate a queda dos cabelos, caspa e seborreia

HÁ QUASE MEIO SÉCULO COMPROVA SUA EFICIÊNCIA

QUE NÃO SE FALE MAIS NISSO

(Continuação da pág. 26)

Cumula-me de ternuras, oferece-me guloseimas, acaricia-me. Eu me esquivava de dizer-lhe: — «Adeus... Dentro de alguns dias estarei longe... Não por minha culpa... Mas o teu gêniozinho... Para que explicações? Está escrito... E' assim mesmo, minha querida...»

Eu me vingaria comprando do bom e do melhor com o seu dinheiro. Iria gozar excelentes dias na Riviera, trajando blusões da última moda e encomendaria a camiseiros da Avenida da Vitória o que de melhor houvesse para meu regalo. Ela destruíra meus poemas; eu destruiria suas economias. Era a penalidade que lhe impunha.

Na minha imaginação tôda a viagem se fazia com regularidade e perfeição. Enquanto eu me divertia ela sofria as conseqüências da saudade, sòzinha, sem o meu amor, sem o meu afeto. Mas as horas se passavam, o tempo se escoava, e eu não tinha coragem de começar a fuga. Mudara o tempo. Chovia. Quando eu me encontrava no mais firme do programa de ausência, ela se acercou amável como uma gatinha:

— Querido... se fôssemos ao cinema?

— Bem... Há a louça para arrumar... O apartamento a limpar...

— Ora, tu farás isso outra ocasião... Está tudo hoje tão triste... Além do mais iremos brevemente ter uma empregada...

— Não. Não me agrada sair com um tempo dêstes.

— Está bem, respondeu ela, resignadamente.

Meu plano estava falhando. Eu esperei que ela se resolvesse a ir sòzinha ao cinema. Mas não dera certo. O que eu desejava era ficar só, a fim de poder fazer minha valise. Que diabo! Se ela fica, minha fuga está prejudicada. E derivei para outro expediente:

— Escuta... Vou fazer a limpeza ràpidamente. Você se prepare e vá esperar-me no Café Massena... Depois iremos ao cinema.

— Ótimo, queridinho!

Meti mãos à obra com furor, querendo, como última coqueteria, ser pontual até ao último segundo.

Depois que se vestiu veio dar-me o «até já». Eu deixei o serviço e a apertei em meus braços.

— Olhe-me bem nos olhos, sua louquinha, minha criança grande...

— Há muito que você não me tratava assim...

— Sim, é verdade, respondi eu como que a sonhar.

Com seus belos olhos grandes e sonhadores ela me fitou curiosamente, como se procurasse entender o significado de minhas palavras. Olhos maliciosamente tristes, que me feriam o coração e me fizeram estremecer. E me perguntou sùbitamente:

— Por que me olhas assim, Bebê?

— Por nada... Porque eu te amo, porque esta existência é absurda, paradoxal, complicada a respeito de certas coisas!

E a apertei em meus braços com fôrça, com tanta fôrça que quase a sufoquei. Nesse instante reconheci que não a havia amado o bastante ainda, e estava arquitetando abandoná-la, impulsionado pela fatalidade, independentemente de meus próprios desejos! Por cima de nossas cabeças o tempo criava e destruía suas próprias obras.

— Que tem você, meu amor?

— Nada...

Lágrimas corriam processionalmente, inevitáveis, ao longo de minhas faces.

— Você está chorando?

— É...

— Que tolinho! Que «menino-grande»!

— «Menino-grande»! Era assim que você me chamava lá em Biarritz, lembra-se?

— Sim, quando você me fazia das suas!

— Vá... vá... minha querida... Pense muito neste seu «menino-grande». Diga que não é culpa minha...

— Culpa? Por quê?

— Vá... vá esperar-me lá, sem demora.

— Levei-a docemente até ao elevador.

— Não se incomode...

— Tenho prazer nisso... de ser o seu ascensorista... como em Biarritz!

O CHAPÈUZINHO

(Continuação da pág. 23)

data, quando vieram avisar... a morte do nosso vizinho. Um velho bom, amigo. Companheiro de anos, com uma dessas fisionomias que se tornam tão familiares, passando a ser coisas nossas. Sim, porque dos amigos — que mais se nos transmitem pela convivência — passamos a querer bem os gestos, o andar, a voz, o riso, a lágrima, como se objetos fôssem. Os nossos objetos. Aquêles cuja posse nos encanta e pelos quais sentimos o prazer e a necessidade de passar a mão como um carinho. Assim como eu fazia no meu chapèuzinho delicado.

A notícia da morte foi um choque; o primeiro choque grande. Mas, logo depois pensei: «Estava tão velho. Sofria tanto... Descansou!» E descansei minha consciência.

Meu segundo pensamento, então: «Mamãe desistiria de nos levar ao casamento!» — E foi o que ela respondeu ao meu pedido. «Não!» Ela é humana sempre começa seus «sim» por muitos «não!» Não, Rosa, não! Não irás ao casamento, foi o que disse. «Ainda se fôsse noutra cidade...» Foi o que continuou dizendo, mas aqui, onde tudo se sabe! Perguntei: «Por quê?» (Naquele tempo eu ainda tentava descobrir o «porquê» dos «por quê?»). Naquele tempo eu ainda me perguntava por que uma coisa errada quando não desvendada tão errada não era!... Não me lembro, porém, há quanto tempo se passou esta história. Às vêzes me parece ontem; outras vêzes há tanto...

O casamento era justamente no dia do entêrro. E — azar! — quase na mesma hora. Diferença de minutos, apenas. Engraçado. A vida! Enquanto a noiva feliz, voluptuosa ou sonhadoramente devia começar a vestir o seu traje imaculado, a velhinha enrugada procuraria encontrar calor nas mãos cruzadas, que a morte descruzou das suas. Talvez que a outra vizinha do apartamento ao lado, à mesma hora, estivesse se encaminhando para a materni-

(Continua na pág. 51)

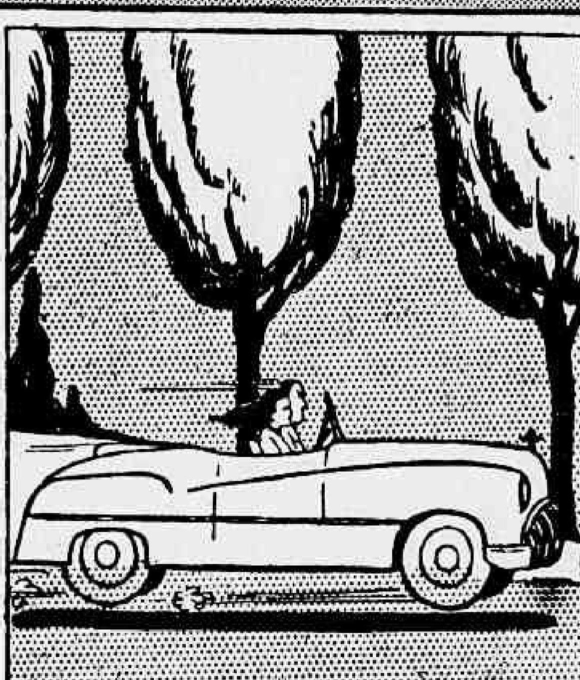
ARABELLE, a ultima sereia



— E' a primeira vez que vou a um baile — disse Arabelle, com um entusiasmo natural. — Não diga! Pois vai gostar muito dêste.



— Não esqueça — lembrou a linda sereia ao seu companheiro — que deverei voltar para casa à meia noite. Harry impôs isso.



— Não se preocupe, pequena Cinderela — disse êle. — Sua casa ainda está muito longe? — perguntou a moça um tanto receiosa.



— Não, não. Dentro de uns dez minutos, no máximo, chegaremos lá. — Como é deserto isto aqui! — declarou Arabelle, já assustada.



— O senhor está certo de que estamos no caminho certo? Já faz mais de meia hora que corremos e não chegamos! — perguntou ela.



— Ah! ah! ah! — ri satânicamente o anfitrião. E termina com a seguinte frase: — «Você ainda vai ter muitas surprêsas, minha jóia!



Mal acabava de dizer isso, dois homens mal encarados — empunhando armas de fogo — surgem como dois diabos e a aprisionam



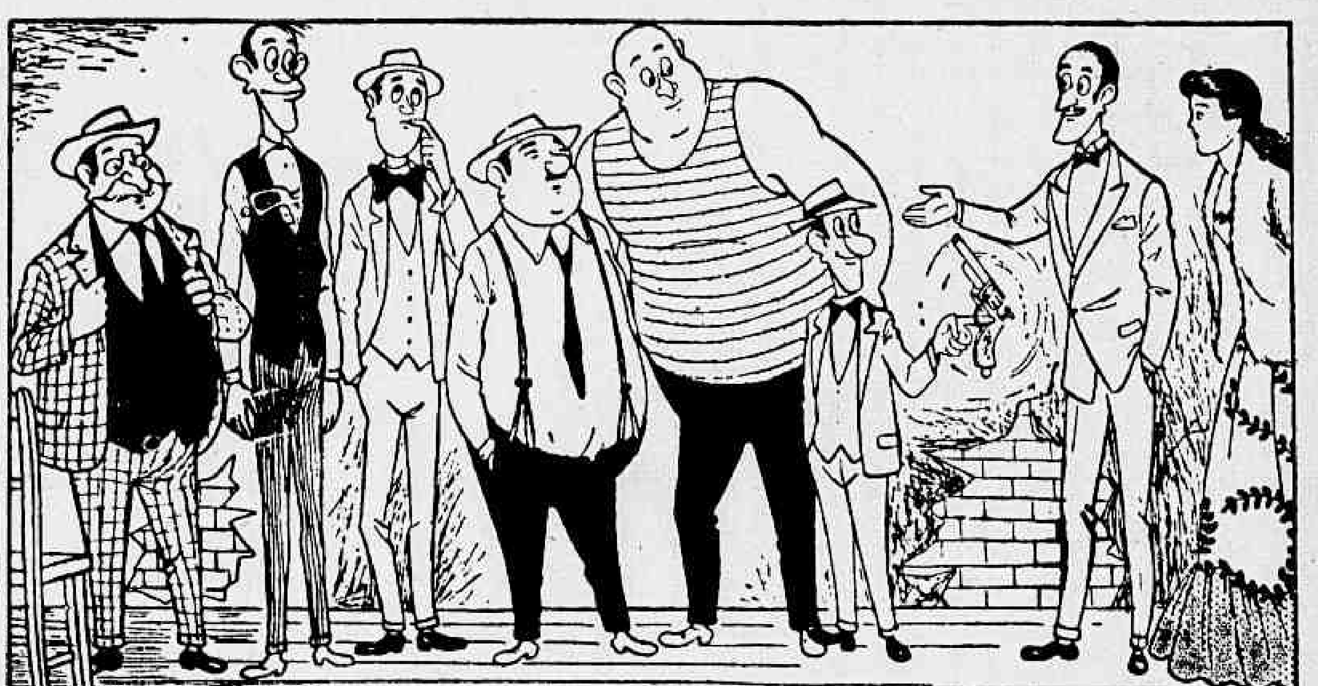
— Agora vamos, minha beleza, disse o raptor. E não reaja, do contrário será pior. Para os cúmplices: «Amarrem-lhe as mãos, por segurança».



— Chegamos. Vai ser um baile especial — pilheriou seu algoz. — Onde estou eu? — Estás nas garras do bando «Branca de Neve»...



— O bando de «Branca de Neve?» perguntou a jovem alarmada. — Sim. Temos êste nome porque somos sete. Os sete anões, hábeis em rapto.



— Venha por aqui. Vou apresentá-la aos outros companheiros. O bandido abriu uma porta e lá estavam os componentes da quadrilha: Papaisão, Topa-tudo, Fio de Ferro, Flor Azul, Sempre na Lua, Maluquinho e aqui o Marquês, para servi-la. Vamos ver agora a Branca de Neve.



— Eis aqui a moça, Patroa! — diz o Marquês a Branca de Neve. — Muito bem! Foi um bom trabalho. Ela é muito bela e renderá bastante.



— Que tenciona fazer de mim? — indaga temerosa a linda Arabelle. — Escreveremos uma carta a seu pai; se êle concordar, você estará livre.



— Está bem: querem um resgate. Mas eu os previno: Bimbleton não é meu pai. Não sou sua filha, mas, simplesmente, uma sereia dos mares.



— Vejo que gosta de pilheriar. O Marquês vai levá-la a um quarto. Maluquinho ficará de guarda. Lá você encontrará roupa mais leve.

História de VANIA LAUREZ

FILHO, MEU FILHO

Texto e cenário de GUIDO MARTINA

PERSONAGENS:

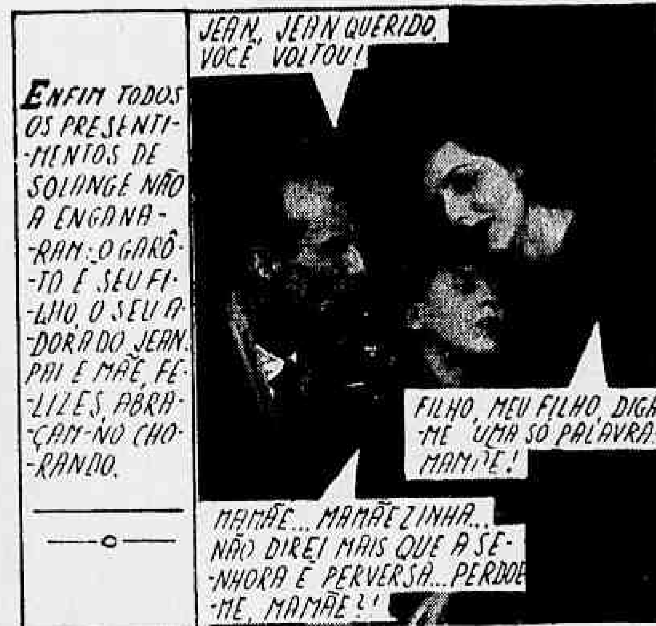
JEAN	RENATO SCANZINI
MARIO	FRANCO FABRIZZI
ZAIRA	LUIZA ALLIANI
SOLANGE	LICIA NAPPO
DUPUIS	MAXIMO ALTAVILLA
JOANA	NIETTA ZOCCHI

CAPÍTULO 21 (Resumo da parte já publicada)

MARIO e Jean foram conduzidos à presença dos Dupuis. Depois de cansativo interrogatório, Mario foi reconduzido à prisão e a criança teve permissão para ir até a casa da família Dupuis. Solange submete o menino a um prolongado série de perguntas. Pelas conclusões tiradas resolveram os Dupuis voltar à presença do Comissário para uma nova tentativa com Mario. O desfecho coroou as perspectivas e ansiedades de Solange. O garôto era o seu filho! A narração de Mario fôra verídica. Jean encontrara seus pais. Solange delira de alegria.

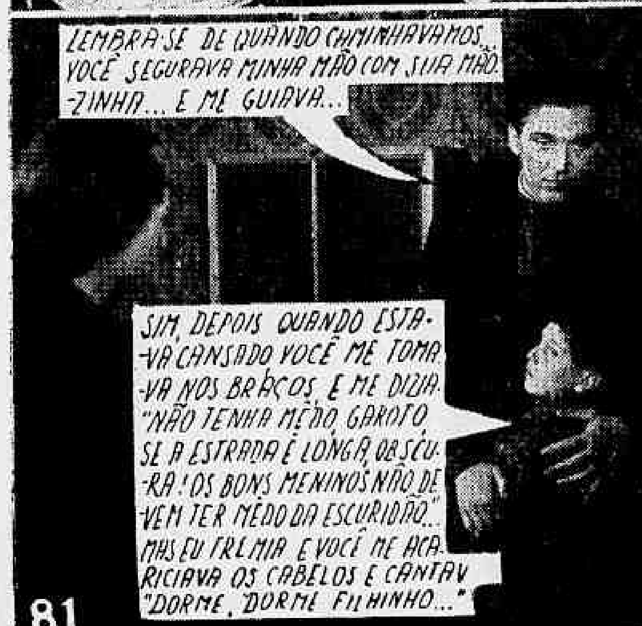
ENFIM TODOS OS PRESSENTIMENTOS DE SOLANGE NÃO A ENGANARAM: O GARÔTO É SEU FILHO, O SEU ADORADO JEAN! PAI E MÃE, FELIZES, ABRAÇAM-NO CHORANDO.

—o—



















A UMA ORDEM DO COMISSÁRIO, ZAIRA APARECE ACOMPANHADA POR UM OFICIAL, ENQUANTO TODOS OS PRESENTES SE AFASTAM DISCRETAMENTE PARA DEIXÁ-LOS SÓS.

—o—



















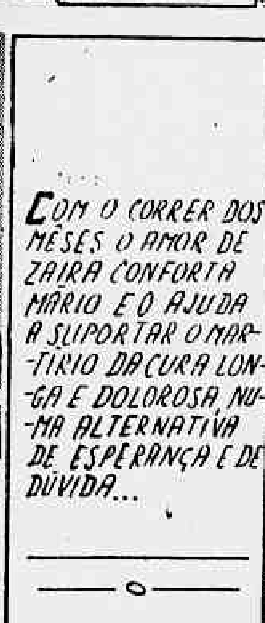
ZAIRA, TOMA MARIO PELAS MÃOS E O ACOMPANHA: UMA SIMPLES CERIMONIA DIANTE DE DEUS, NUMA IGREJINHA QUE AOS OLHOS QUE NÃO VÊM, APARECE LUMINOSA COMO UMA CATEDRAL CHEIA DE LUZ CELESTIAL...



DEPOIS DE ALGUNS DIAS, MÁRIO SE APRESENTA AO TRIBUNAL MILITAR QUE O ABSOLVE, CONCEDENDO-LHE O DIREITO DE VESTIR A FARDA DE QUE TANTO SE ORGULHA...



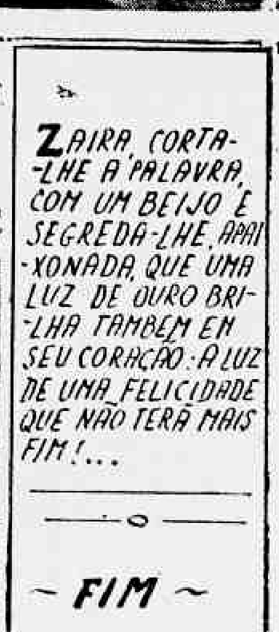












GAFIEIRA — «BOITE» DAS DOMÉSTICAS

(Cont. da pág. 57)

O «HOMEM BASTANTE» TOPA QUALQUER PARADA...

Assim raciocinando, o cavalheiro que por um motivo qualquer se viu contrariado, procura resolver seu problema pela fôrça. Ou interpela rispidamente a moça ou procura forçá-la à contradança. Não interessam as conseqüências do seu gesto. Êle é «homem bastante» para topar qualquer parada. E faz a pergunta junto aos que o acompanham: «Por que ela não quer dançar comigo? Sou igual aos outros, ninguém é melhor do que eu. Ela estava dançando com fulano, com beltrano e agora não quer dançar comigo. Pois vai dançar, e «o homem» dela que se meta e nos vamos ver.»

Para muitos, uma dama não pode se negar a uma dança. Se elas não pagam ingresso é para que dance com qualquer um. Além do mais, uma daquelas criaturas que se nega a acompanhar um dos freqüentadores da casa, fica como que marcada porque o que levou o contra não pode ser ofendido na sua dignidade de homem, porquanto dar um contra é querer fazer de um homem um palhaço. Isso é uma ofensa grave.

«MULHER UM BOCADO»...

São realmente poucas as damas que se negam a dançar, especialmente aquelas que não têm namorado Aquela, porém, que é «comprometida» sòmente dança com êle e com os amigos dêle, e assim mesmo sob uma serie de advertências. Êle, porém, não poderá dançar com as amigas dela. Aí a coisa muda inteiramente de aspecto. Não há reciprocidade de confiança. Não porque ela desconfie dêle. Ela é «mulher um bocado»... Não tem confiança alguma é nas suas amigas... Se porventura alguma se engraça, ou num gesto impensado dá margem a qualquer interpretação, a admoestação é imediata, e já acompanhada de ameaças. São elas que vão procurá-los, são elas que os esperam à hora da saída, e nos bondes quando regressam, são êles que dormem em seus ombros

AGARRE O SEU HOMEM...

Seria uma injustiça dizer que tôdas assim procedem. Essa concepção de feminilidade é peculiar àquelas que não compreendem que os encantos prendem muito mais. São justamente os mais rudes que usam a técnica do «agarre o seu homem».

Mas também vale ressaltar que, sendo bem maior o número de mulheres, elas, que sentem as mesmas reações, ficariam abandonadas se não recorressem a tal expediente. Levam vantagem na ação de presença, porém perdem sempre, porque entre êles, também, há os que sabem escolher e sabem compreender.

O «BELO BRUMEL» DOS MALANDROS

Outro aspecto interessante das «gafieiras» é o tipo característico do freqüentador, o elegante, aquêle que procura andar sempre ao rigor de uma moda particular, ou melhor explicando, o que se convencionou chamar a indumentária do malandro. Antigamente eram as camisas de malandro, já hoje é o traje completo: paletó bem comprido, quase atingindo a curva do joelho, tipo saco, geralmente jaquetão, caindo muito bem e muito largo. A calça, justa na cintura, larga na altura dos joelhos e bem estreita na bôca, são bem compridas, de molde a formar uma espécie de fole à altura do tornozelo. São as celebérrimas calças que o Comissário Padilha escolhe para fazer seus testes — se fôr tão estreita a ponto de não passar uma laranja ou uma maçã, pobre do seu dono — tem a calça cortada e sua cabeleira, quando não espichada no alisador, espichada à custa de muita gomalina, é posta abaixo com máquina -0. Os sapatos, antigamente com salto «carrapeta», isto é, bem altos, são agora baixos e bem largos, de sola batida, de bico fino e levantado, dos mais variados feitios e combinações mais exóticas, até camurça cinza e verde. A côr preferida, entretanto, é o vermelho, ou então couro de cobra.

Quanto às damas, a variedade é enorme, prevalecendo, geralmente, que elas nos perdoem, um mau-gôsto acentuado na combinação de côres e na escolha dos manequins quando são êles de iniciativa própria.

AH, OS VESTIDOS DAS PATROAS...

Elas, porém, procuram salvar a situação. Sabem e sentem que a «toilette» tem uma importância capital no seu êxito nos bailes. Já verificaram que quanto mais bem vestidas, mais requestadas são. Daí então dispensar especial cuidado às suas roupas, aos seus vestidos, sapatos e até jóias. Como, porém, atender êsse requisito principal se ganham pequenos ordenados? O recurso é recorrer para as patroas. Pedem os vestidos usados e encostados e fazem uma adaptação, recosturam, recortam, fazem milagres, mas aparecem com «toilettes» novas. E' preciso que assim façam porque umas tomam conta das outros e quando aparecem com o vestido da patroa, «emprestado» elas já conhecem e a notícia circula logo e então vem a zombaria, quando não um jeito qualquer para deixar uma marca do uso do vestido. E então vemos empregadinhas aflitas, não sabendo o que fazer porque o vestido da patroa está sujo ou foi rasgado «sem querer». Quantos brincos e quantos colares já foram dados para «guardar» sem que as donas o tivessem mais? E' que o «sabidão», conhecendo que a mocinha está usando uma jóia da patroa, geralmente jóias de relativo valor, se oferece para as guardar até chegar à casa, pois poderá se perder. E o resultado é que a menina de boa-fé entrega a jóia que nunca mais aparece, como ela também desaparece da casa da patroa por não poder responder pelo prejuízo.

O «SABIDÃO»

A êsses problemas acrescem os dramas resultantes dos abandonos, pois o «sabidão» que ficou com uma jóia para guardar, porque merecia muita confiança e merecia muito afeto, já não mais tem interêsse e sai a procura de nova prêsa, e de nova vítima.

A que foi abandonada inicia suas represálias, avisando as demais. Umas acreditam, outras não, dependendo do grau de simpatia que merece o espertalhão. Tecem-se então as intrigas, os disse-me-disse, surgem as ameaças e não raro atritos sérios.

O «SURURU»

Êsses problemas e êsses dramas passam-se como que nos bastidores, o grande público nem sempre tem conhecimento, e dança-se normalmente, sem que surjam os «sururus». As brigas são na saída, nas praças e nas ruas. E' tão freqüente assistir-se na praça da Independência a uma briga de mulheres! Quantas vêzes assistimos a discussões azedíssimas no bonde das

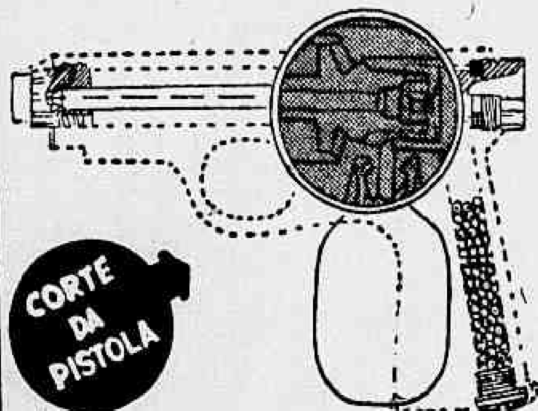
PISTOLA "PNEUMA-TIR"

Patenteada em todos os países

PISTOLA METRALHADORA!

Atira 500 balins sem necessidade de carregar!

Ar comprimido por novo processo!



Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantia contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.



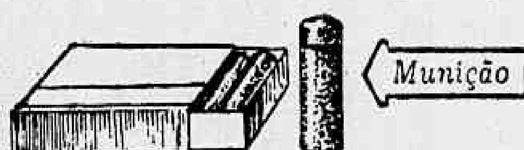
FABRICADA POR

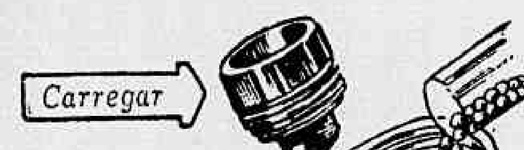
Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

RUA URUGUAIANA, 104

RIO DE JANEIRO

TEL.: 43-0766







Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com duas membranas sobressalentes:

Cr$ 250,00 pelo reembôlso postal

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes: Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA-TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

CORPO ESBELTO E FACEIRO

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu us constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

M U L T I F A R M A

Rua Direita, 191 — 6º andar

Remessas pelo Reembôlso.

SÃO PAULO

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precoce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

Respostas ao teste

1—Referente sabido
2—Bailéu
3—Árvore
4—Pronúncia viciada
5—1350
6—Bartolomeu de Gusmão
7—Forte, retumbante (De Stentor, herói grego)
8—20-11-1830
9—120
10—Miguel Barros
11—Iteron
12—Ao Distrito Federal
13—Trinta
14—Alemanha
15—João (O Batista).

HEMORRÓIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

HEMO-VIRTUS

VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO.

HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL

USAR DURANTE TRÊS MESES

LOTERIA FEDERAL de NATAL

24 de DEZEMBRO

PREMIOS MAIORES:

1 PREMIO DE CR$ 20 MILHÕES
1 Premio de Cr$10 Milhões
1 Premio de Cr$5 Milhões
1 Premio de Cr$3 Milhões
1 Premio de Cr$2 Milhões

Total dos Premios:

84 MILHÕES de CRUZEIROS

2 horas e 30 minutos da linha 13. O linguajar, então, é uma maravilha de «têrmos técnicos» na arte de passar descomposturas.

«GAFIEIRAS» EM DESFILE

Não obstante essa parte negativa, as «gafieiras» ainda prestam seu serviço porque, pouco a pouco, vai desaparecendo o espírito arruaceiro daqueles que a freqüentam, tanto que melhoraram consideràvelmente nestes últimos cinco anos.

Se você, leitor, tem espírito de repórter, curiosidade, ou — quem sabe? — vontade de ir conhecer de perto uma dessas «boites» de gente pobre, guarde esta listinha:

Tupi e Estudantino, na Praça da Independência; Flor do Abacate, na Rua do Catete, depois do Largo do Machado; Elite Clube, na esquina da Frei Caneca com Praça da República; Laje, no Pavilhão Mourisco; Dragão, na Rua dos Andradas; Elite, do Méier, na Rua Dias da Cruz; Banda Portugal, na Praça 11, e outras ainda cujos nomes nada mais nada menos são que apelidos postos pelos próprios freqüentadores, mas estão localizadas uma na rua Visconde de Maranguape, na Lapa, outra na esquina de Uruguaiana com Presidente Vargas, e mais uma no Tabuleiro da Baiana...

O CHAPÉUZINHO

(Cont. da pág. 46)

dade... Não se queixara um dia antes?

Afinal, que importava tudo aquilo para mim, u'a mocinha chamada Rosa, cujo mundo se resumia num minúsculo chapéu?

E quando cheguei, um pouco antes da hora do entêrro, de olhos inchados, os parentes do morto julgaram-me excessivamente emotiva! De resto, eu era muito jovem para me interessar assim, das amizades. Não sabiam que as minhas lágrimas foram usadas para orvalhar mamãe, que afinal, como sempre, consentiu no meu pedido, contanto que antes fôsse despedir-me do amigo morto. Ela estaria lá. Eu iria sòzinha à festa.

A manhã fôra tomada em cabeleireiro, banho demorado, nervoso, ansiedade. Só então, compreendi que com aquêle vestido claro e os mil cruzeiros na cabeça, eu não poderia me apresentar numa reunião de tristezas. Naquele tempo, um guardamento não era uma reunião mundana. Não se fazia «toilette» especial. «Prática», decidi por meu vestido prêto, mais discreto. O chapéu, eu o levaria na mão, discretamente! Tudo resolvido. «Maquillage» nova. Empoar o nariz, de novo. O vidrinho de perfume na bôlsa.

O nosso «chauffeur» me viu entrar no carro, sem saber o mundo de lutas e emoções pelo qual eu passara. Até que eu dizendo: — Para a Capela — êle tirou o chapéu respeitosamente...

Entrei no recinto, amedrontada com o silêncio reinante; silêncio sempre assusta a gente! A bôlsa debaixo do braço, como se carregasse um pão em Paris. O chapèuzinho — como jóia em escrínio, ou como se eu fôsse uma das «demoiselles» do casamento — carregado por minhas duas mãos, apaixonadamente, reverentemente, logo abaixo dos seios. E a pobre viúva, ao me ver, deixou todos, inclusive o próprio defunto, para se jogar nos meus braços, soluçando: «Eu sabia que não o esquecerias... Êle te queria tanto». E, tirando de minhas mãos o **buquê**, depositou-o, reverente, apaixonadamente, aos pés do morto...

E como sou poetisa, e não sei terminar sem rimas, «mesmo um conto», digo:

Até nos chapéus se encontra,
diferença, no conjunto,
uns enfeitam a cabeça,
outros... o pé do defunto!

INGRID BERGMAN...

(Cont. da pág. 29)

Falam mesmo que o seu mais próximo trabalho será feito dentro de argumentos a extrair da obra «Duo», de Colette. Trata-se de uma história de amor, papéis em que ela é estrêla de primeira grandeza, capaz de emocionar qualquer platéia. E assim teremos o prazer de vê-la em outros filmes, não se confirmando o vaticínio que muitos fizeram quando ela se casou: Ingrid não irá mais dedicar-se ao cinema. Viverá exclusivamente para o lar. Mas, como vemos, apesar de três filhos, todos miudinhos e lhe dando muito trabalho e cuidados, ela continua estrêla. E estrêla de primeira grandeza, cercada de três anjos.

O CÃO, ÊSSE AMIGO...

(Cont. da pág. 6)

O Brasil Kennel Club foi fundado a 10 de novembro de 1922 por um grupo de vinte e sete amigos do cão, entre os quais os Srs. Heitor de Mello, Celso Bayma e já então o Sr. Luís Hermanny Filho, grande benemérito da organização e criador entusiasta. Hoje tem como presidente o Sr. João Álvares de Assis, como vice-presidente o Sr. Lauro Salazar Regueira, como secretário o Sr. Ernesto Stessel e como tesoureiro o Sr. João Paulo Magalhães de Castro. O Sr. João Álvares de Assis, que é excelente criador de cockers inglêses, não inscreveu seus animais na exposição para evitar causar qualquer má impressão no caso de algum ser premiado, pelo fato de ser atualmente o presidente do clube.

Um apêlo deve ser feito a todos que gostam de cães, para que preservem a pureza da raça de seus animais. Não que o objetivo da medida seja racista no mau sentido, mas simplesmente o de conserver e se possível apurar as qualidades que caracterizam cada raça. Advertimos os menos entendidos que não existe preconceito de côr entre os cães: um campeão cocker spaniel negro, por exemplo, do mais puro azeviche, fará um promissor casamento cruzando com uma fêmea da mesma raça, dourada ou «silver buff» (um tom mais ou menos como louro **cendré**). O que positivamente nos parece um despropósito é vermos uma elegante mulher exigir com grande **sans façon** um dêsses atentados à eugenia canina, que são o resultado de mistura de raças, verdadeiros monstrengos, todos «trocados» de patas, corpo e focinho.

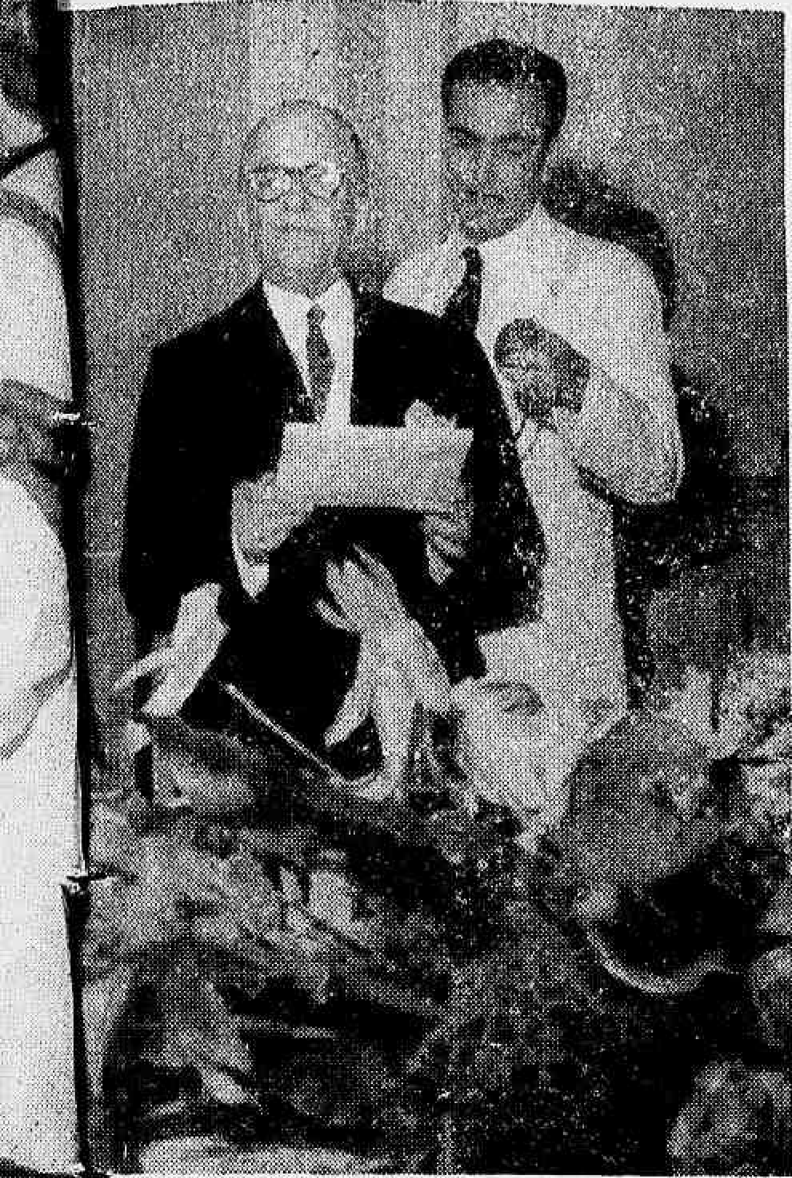




Ao alto — Personalidades francesas e brasileiras na Tribuna de Honra do Hipódromo, vendo-se, a contar da esquerda: ministro Osório Dutra, embaixador Gilbert Arvangas, general Martial Valin, ministro Pierre Montel, dr. Mário de Azevedo Ribeiro, ministro Nero Moura, sr. Amédée Brousset e ministro Luís Gallotti. À esquerda — Antes do banqueto, um momento de palestra entre o senador Assis Chateaubriand, general Martial Valin, ministro Pierre Montel e dr. Mário Ribeiro.

NO último domingo de outubro realizou-se, no Hipódromo da Gávea, a homenagem que, anualmente, o Jockey Club Brasileiro presta às nossas Fôrças Aéreas durante as festividades da Semana da Asa, e que, neste ano, teve um brilho excepcional, presentes que estiveram grandes nomes da aviação francesa, entre os quais o ministro do Ar da França, sr. Pierre Montel, acompanhado dos membros de sua comitiva. Compareceram o ministro da Aeronáutica, brigadeiro Nero Moura, e todos os oficiais generais das nossas Fôrças Aéreas sediados nesta Capital. A diretoria do Jockey Club Brasileiro, tendo à frente o seu presidente, sr. Mário de Azevedo Ribeiro, cumulou os homenageados das mais cativantes demonstrações de aprêço e simpatia, incansável em prestar tôdas as honras aos seus convidados. A festa constou de uma parte hípica, cujos páreos, em suas denominações, recordaram grandes vultos da aviação brasileira e francesa, culminando com um banquete servido no Salão das Rosas do Hipódromo Brasileiro. Ao «champagne», o presidente do Jockey, dr. Mário de Azevedo Ribeiro, saudou a aeronáutica brasileira na pessoa do ministro Nero Moura, estendendo essa saudação ao ministro do Ar francês, sr. Pierre Montel, terminando o seu discurso com as seguintes palavras: «Senhores! Em nome dos sócios do Jockey Club Brasileiro, levanto a minha taça pela felicidade dos nossos valentes soldados do ar, pela união franco-brasileira, pela grandeza da França e do Brasil». Em seguida, falou o ministro Nero Moura, que agradeceu aquela expressiva homenagem prestada aos nossos homens do ar, assim concluindo: «Senhor Presidente, ao encerrar minhas palavras, expresso os agradecimentos da Aeronáutica por nos ter sido proporcionada esta bela festa de cordialidade e congraçamento. Com todos os meus companheiros da Aeronáutica, faço votos para o engrandecimento e prosperidade desta benemérita instituição.» Por último, o sr. Pierre Montel, ministro do Ar da França, fêz uso da palavra, manifestando-se profundamente reconhecido pela maneira como a Delegação Francesa à Semana da Asa foi acolhida no Brasil, de onde partiam com tristeza.

FESTA DA AERONÁUTICA NO JOCKEY CLUB



r. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente
ckey, faz o oferecimento da homenagem à
a Aérea Brasileira e à delegação francesa.



O sr. Pierre Montel, ministro do Ar da França, agradece a delicadeza do gesto que teve o Jockey Club para com a delegação do seu País.



O ministro da Aeronáutica, brig. Nero Moura, exprime o reconhecimento da nossa Fôrça Aérea à homenagem prestada em sua honra pelo Jockey.

uma festa de rara distinção e cordialidade o banquete oferecido pela diretoria do Jockey Club Brasileiro ao ministro da Aeronáutica,
deiro Nero Moura, e alta oficialidade da Fôrça Aérea Brasileira, e à delegação francesa presente às festividades da «Semana da Asa».
ravura que estampamos mostra um aspecto geral da mesa do ágape, que foi realizado no «Salão das Rosas», do Hipódromo Brasileiro



Honra
Dutra,
Pierre
nédée
queto,
d, ge-
beiro.

a home-
Fôrças
o, teve
ão fran-
panhado
, briga-
sediados
seu pre-
as mais
ôdas as
páreos,
e fran-
pódromo
Ribeiro,
tendendo
o o seu
o Jockey
ntes sol-
Brasil».
siva ho-
or Presi-
ronáutica
gomento.
grandeci-
. Pierre
profunda-
da Asa

LUB

GAFIEIRA — "BOITE" DAS DOMESTICAS



O BELO BRUMEL DA GAFIEIRA — Ela ri, orgulhosa e êle sabe que é o tal. Note-se o laço da gravata duque de Windsor e a largura da lapela. Ao lado um casal alinhado. Êle muito «bacana» e ela tôda gos tosa. Um dos pares mais simpáticos do conhecido clube «Elite», numa peculiar e original performance

O QUE E' UMA GAFIEIRA E SUA NECESSIDADE ★ O ÚTIL E O DESAGRADÁVEL ★ AS ORQUESTRAS ★ OS "GEMEDORES", OS RESPONSÁVEIS E OS FREQÜENTADORES ★ CONCEPÇÃO DE MASCULINIDADE E DE FEMINILIDADE ★ TIPOS CARACTERÍSTICOS ★ SEUS DRAMAS E SEUS PROBLEMAS ★ VESTIDOS E JÓIAS DAS PATROAS

Fotos de TIBO

Texto de POTYGUAR DYMACAU

GAFIEIRA, denominação pejorativa aplicada aos bailes populares, é uma palavra que ainda não consta de todos os léxicos, figurando apenas nos mais novos dicionários, como sinônimo de «arrasta-pé, baile reles, o mesmo que bate-chinela, bate-coxa, bochinche, chinfrin, forrobodó, serra-osso, sorongo».

Pode ser considerado um vocábulo incorporado ao nosso idioma, dado que já consta do pequeno vocabulário ortográfico. O seu exato sentido, todavia, não pode ser encontrado só no dicionário.

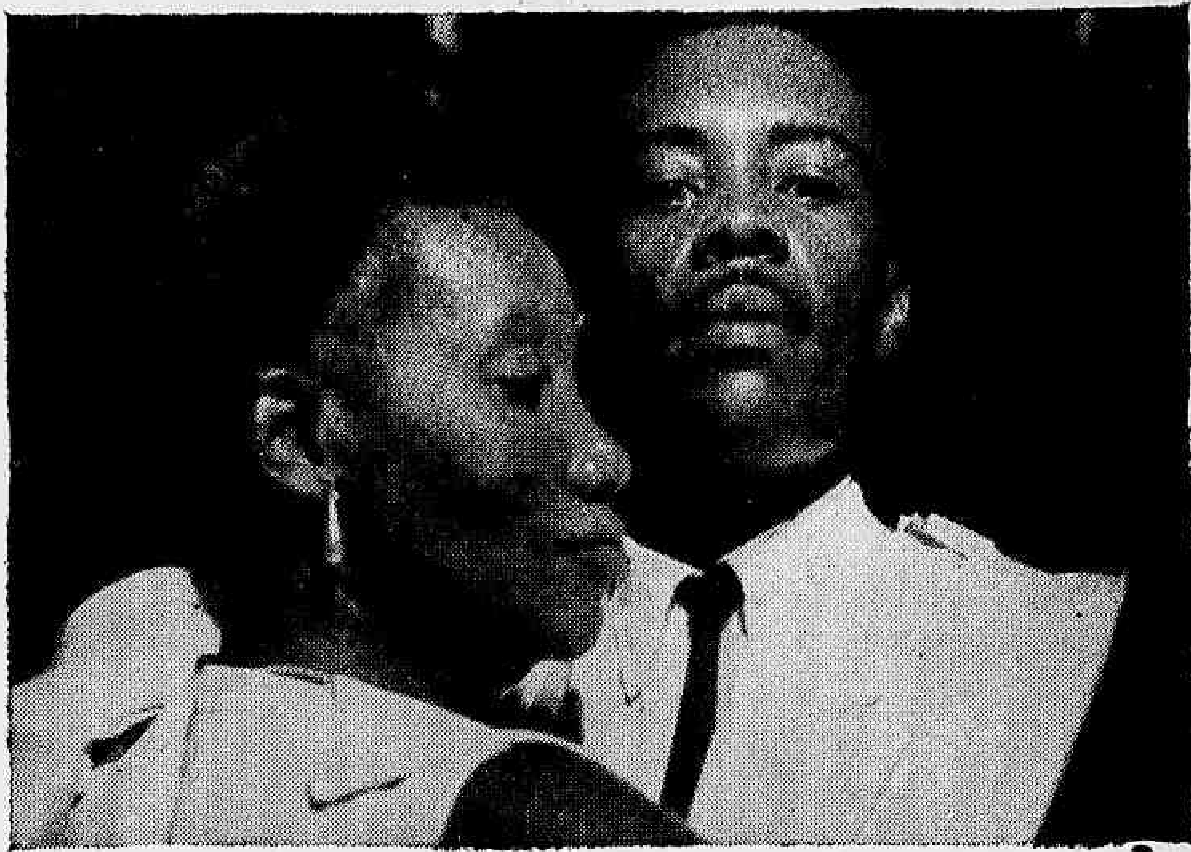
UMA «GAFIEIRA» VISTA DE PERTO

Vamos, pois, a algumas «gafieiras» para ver se os dicionários estão com os ponteiros acertados com a realidade. Uma «gafieira» que se preza está sempre situada em amplo salão de velho soalho de madeira de algum primeiro andar de prédio onde no Império talvez morasse algum Marquês famoso e on viscondessas e barões dançaram m nuetos e pavonas. São os mesmos ao pêso dos dançarinos, rangem e g mem e a gente fica sem saber se de saudade ou de protesto. Num «ap tado» há mesas; no fundo um tabl dá importância à orquestra — é bar.

Estudados os tipos que as freqüe tam, nêles verificamos uma catego social, se assim podemos classific



TAMBÉM HÁ OS «DIZ QUE... DIZ QUE» — Note-se os cabelos, a pintura das sobrancelhas. — «Ué, então nós também não sêmo gente?»



«CLOSE-UP» DE UM GRANDE PERFIL... — Observe-se, na fotografia que publicamos, o esmêro do penteado. E êle está com tudo...

Pesados e medidos os proveitos daqueles que as exploram, notamos que é um comércio honesto, porquanto se cobra ingresso acessível à bôlsa dos seus freqüentadores. E apenas os do sexo masculino pagam, pois inteligentemente dão livre ingresso às beldades. O lucro que porventura venham a dar, não chega para fazer ninguém milionário. No bar não se cobra «couvert» e as bebidas, preponderantemente cerveja e guaraná, são vendidas aos preços normais de qualquer clube, é que ajudam um pouco as despesas.

Poderíamos dizer, numa linguagem mais polida, sem menosprêzo pelas casas elegantes, de uma penumbra convidativa e bons «scotches», que uma «gafieira», apesar de tôda a claridade das suas lâmpadas, é uma «boite» de pobre, de operário, de domésticas, independentemente da côr de seu pigmento.

ELAS PRECISAVAM EXISTIR...

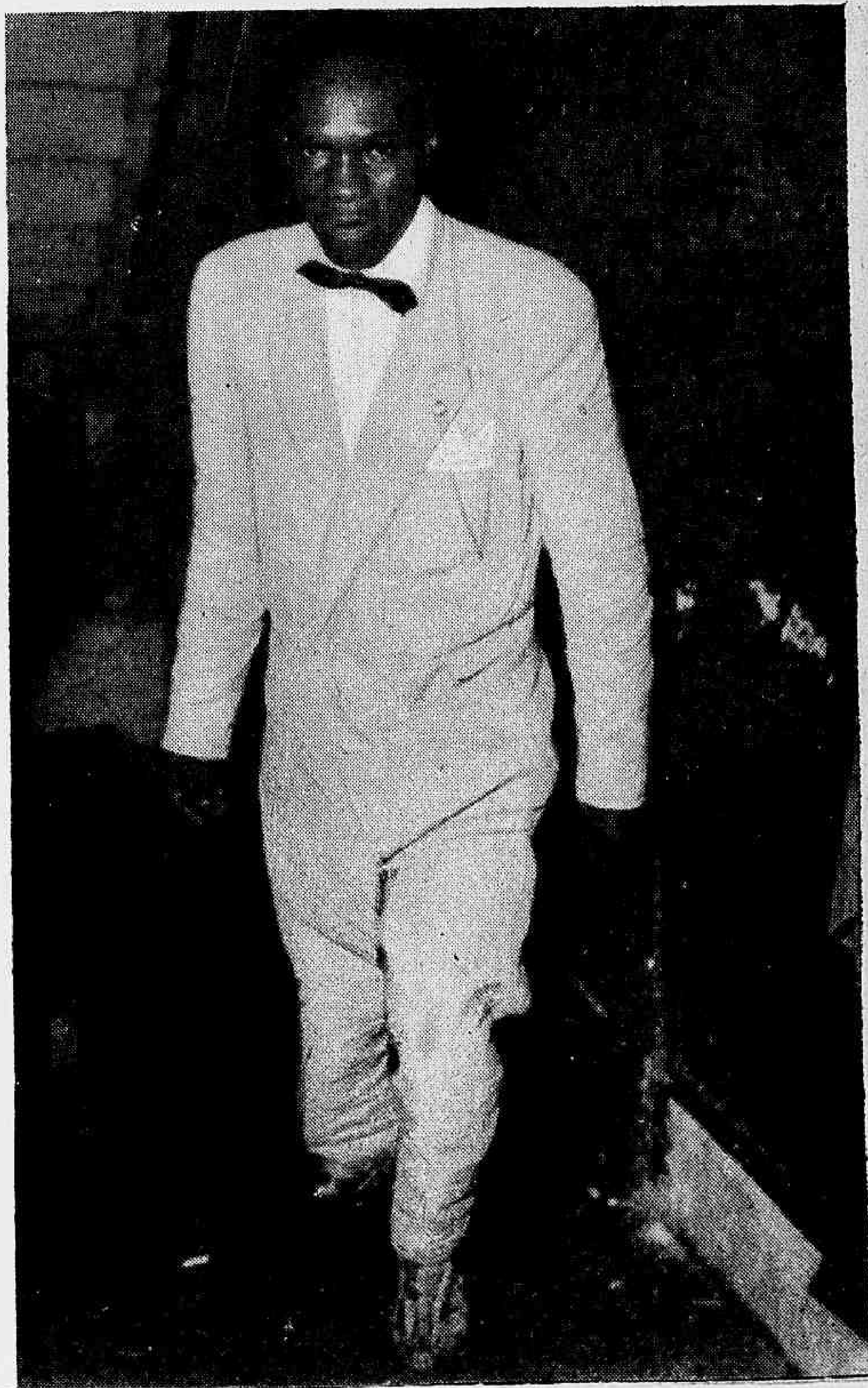
Num país como o Brasil, onde felizmente não há o preconceito arraigado de côr, de raça ou de religião, o principal fator determinante de desníveis sociais é a situação econômica. Alguns pruridos de perseguição ao negro, evitando seu ingresso em corporações, serviços e clubes, não constituem pròpriamente preconceito de raça, como também não o é, quando um negro diz: «êsse branco fêz isso, ou «êsse branco fêz aquilo», ou então, no modo muito comum de uma pretinha falar para um rapaz chamando-o de **branco azêdo**.

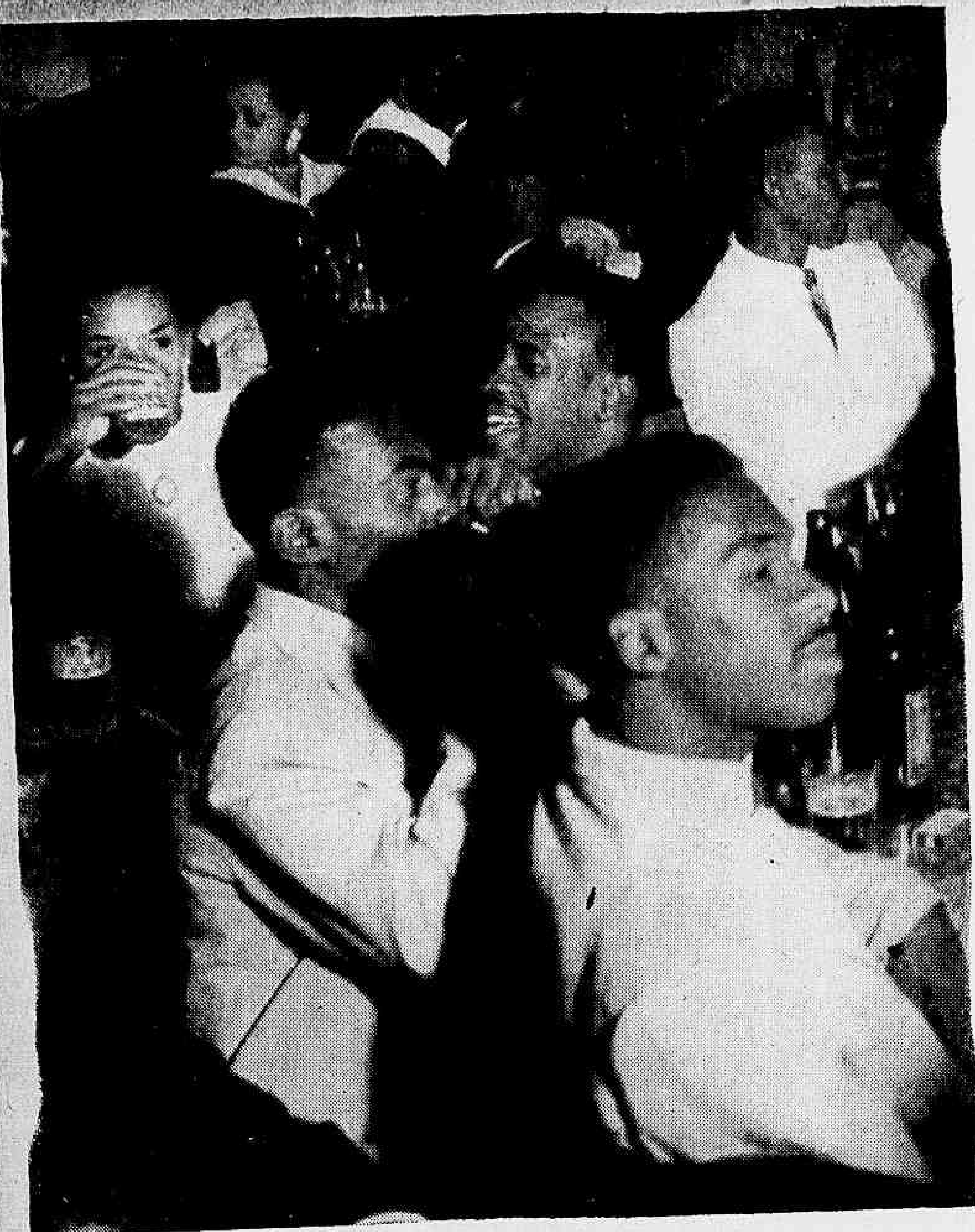
Os que freqüentam as grandes «boites» não têm preocupações financeiras ou epidérmicas. Mas as condições de vida de nossa pobreza envergonhada,

UMA DAS MUITAS GRÃ-FINAS da «gafieira» subindo a escada do «Estudantino», clube de danças localizado na Praça da Independência.

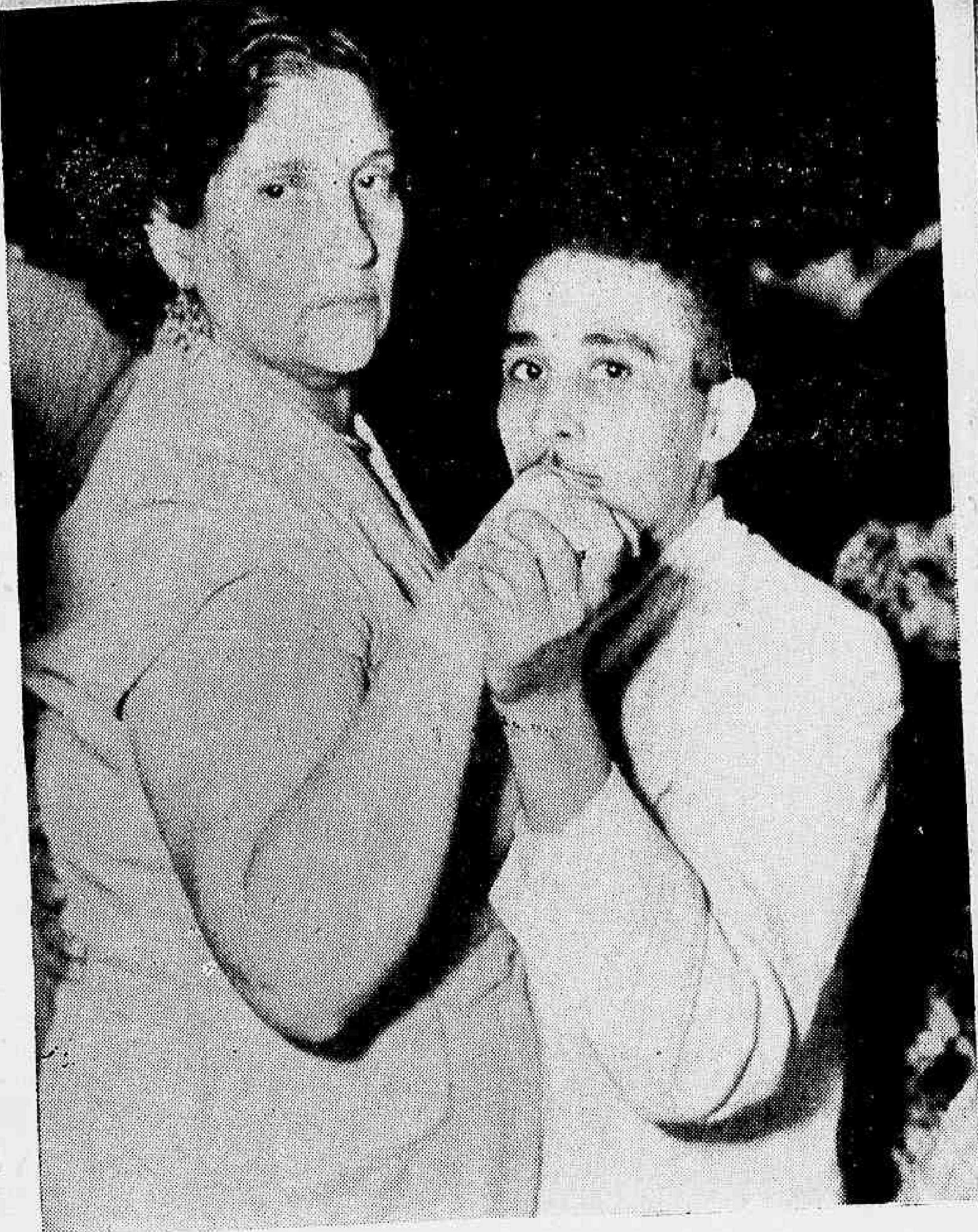


O GRÃ-FINO DA «GAFIEIRA» — Observe-se o laço da gravata como é comprido e estreito. Um «brumel das escurinhas», não há dúvida.





NO BAR ÊLES E ELAS tomam sua cerveja, fumam, conversam, trocam confidências e sofrem suas dores de cotovêlo, quando o ciúme aperta...



A MADAME TAMBÉM se diverte com o seu «brotinho», como se vê na fotografia acima. Na «gafieira» não existe preconceitos de raça...

a tão decantada classe média, não lhes permite enfrentar as despesas de uma noite numa «boite», num teatro ou num jantar mais requintado num restaurante mais elegante, sem esperar uma folguinha nos orçamentos. Daí as necessidades das festinhas nos clubes dos bairros e subúrbios. E grande número de homens e mulheres de côr, que por falta de recursos não pode freqüentar, nem mesmo êstes centros e a quantidade enorme de empregadas domésticas que, pela sua humilde condição, não teriam onde se divertir, não fôssem as chamadas «gafieiras».

E' aí que tôda essa gente, que não tem outro lugar para se divertir, vai para o seu bailezinho, para seus volteios, para fazer a «mesma coisa que as patroas fazem»... Como êsses rapazes de cabelo espichado poderiam dar vazão ao seu anseio muito humano, de vestir-se elegantemente, usando seu bom terno de linho, calçando seu bom sapato sob medida? Que oportunidades lhes são facultadas de «cochichar» ao ouvido de sua eleita, se nos bancos dos jardins, nos cinemas, a polícia vai ao cúmulo de considerar um simples namorico afronta ao pudor?

Assim, as «gafieiras», ao contrário do que muitos pensam, é um lugar de reunião de gente pobre, é verdade, porém com as mesmas finalidades que os clubes da alta sociedade, ajustadas às suas condições naturais.

Não julguemos, pois, precipitadamente as «gafieiras». Tomados em consideração os fatôres e as razões da sua existência e o objetivo das suas finalidades, elas são úteis à sociedade. E', note-se bem, uma solução privada, do problema que o Estado vem procurando resolver quando, por intermédio do Fundo de Recreação Popular, subvenciona pequenos clubes das zonas rural e suburbana.

O ÚTIL E O DESAGRADÁVEL

Não faremos a apologia da «gafieira», porque as consideramos necessárias, indispensáveis mesmo, como contribuição para solução de parte dos nossos problemas sociais. E' justamente onde reside sua grande utilidade. O homem é um animal eminentemente social e a sua sociabilidade não se traduz apenas ao fato de trabalhar numa fábrica ou numa obra, com outros homens, casar e ter família, residir na mesma cidade e se utilizar dos bens comuns. O fator diversão também faz parte da vida, notadamente em sociedade, e, quando se fala em sociedade, não se indaga da côr, não se indaga da condição econômica para se assegurar um mínimo de direitos e exigir um mínimo de obrigações.

Assim como tem porque se recomendar, também há o que reparar, guardadas as proporções, quer naquele, quer neste aspecto.

O BIOMBO

A precariedade das suas instalações é o principal aspecto material a merecer críticas, porquanto se algumas são em salões maiores, como o Elite Clube, a Banda Portugal, o Elite, do Méier, outras são acanhadas como o Estudantino, o Tupi, e uma situada na rua Maranguape, o Laje. Nestas, o bar se aperta em espaços exíguos, tornando difícil a locomoção. Notamos também que em algumas, Tupi e Estudantino, as janelas que dão para a rua têm uma espécie de biombo, como que procurando esconder aos olhos dos puritanos cá de fora os pecados que, lá dentro não existem. Não sabemos se é exigência da polícia ou se é conveniência dos donos, porque nem tôdas os têm. Há outros aspectos que serão abordados quando nos referirmos às orquestras, aos responsáveis, aos freqüentadores.

ORQUESTRAS E GEMEDORES

Pior que as instalações só as orquestras. E pior que as orquestras são os «crooners». Justifica-se, perfeitamente, que não sejam grandes orquestras, de músicos de categoria, uma vez que não há renda suficiente para convidar um Chiquinho, ou um Severino de



SAPATOS BICO FINO E CALÇAS DE BOQUINHA... — Assim como pelo dedo se conhece o gigante.. pelos pés se conhecem os dançarinos...



Um psicólogo que fôsse às «gafieiras» teria muito que dizer. Elas com os saltos mais altos, os mais alinhados Luís XV, inspirados no que vêem



NÃO SÃO APENAS OS POMBOS que arrulham, os namorados também... Lá na «gafieira» dizem que êle está «salivando a escurinha»...



ALGUMAS DAS ELEGANTES, como se pode observar, aguardam com certa impaciência que um cavalheiro as convide para uma contradança.

Araújo, um Carlos Machado. São conjuntos, que têm um responsável e mais meia dúzia de músicos. Um piano, um saxofone, um piston, um trombone, um baterista e um pandeirista, e o indefectível «gemedor», uns de voz roufenha, com veleidades a Bing Crosby, outro de voz «espremida», metálica, de micro-onda, o Pedro Vargas das «gafieiras», que se enlanguece todo quando canta seus boleros; outro, de voz estridente e chorosa, que abraça o microfone e faz trejeitos com a bôca («técnica de microfone») não pára mais de cantar quando lhe pedem uns números do repertório de Orlando Silva.

E assim vão êles, músicos e cantores, enchendo os ouvidos daquela gente paciente e resignada. Aquêles com a vibração aguda das notas dos seus instrumentos tocados não raro com mestria, porém sem sentido de conjunto, sem unidade de orquestração, e êstes com sua preferência sempre voltada para o novelesco dos sambas de letras passionais ou de romances impossíveis, quando não traduzindo as «vantagens» de um malandro. Em sua grande maioria, o melhor elemento dessas orquestras é sempre o baterista, mesmo porque já trás o ritmo no sangue. Mesmo assim, apesar dos pesares, dança-se.

NO REINADO DAS ESCURINHAS

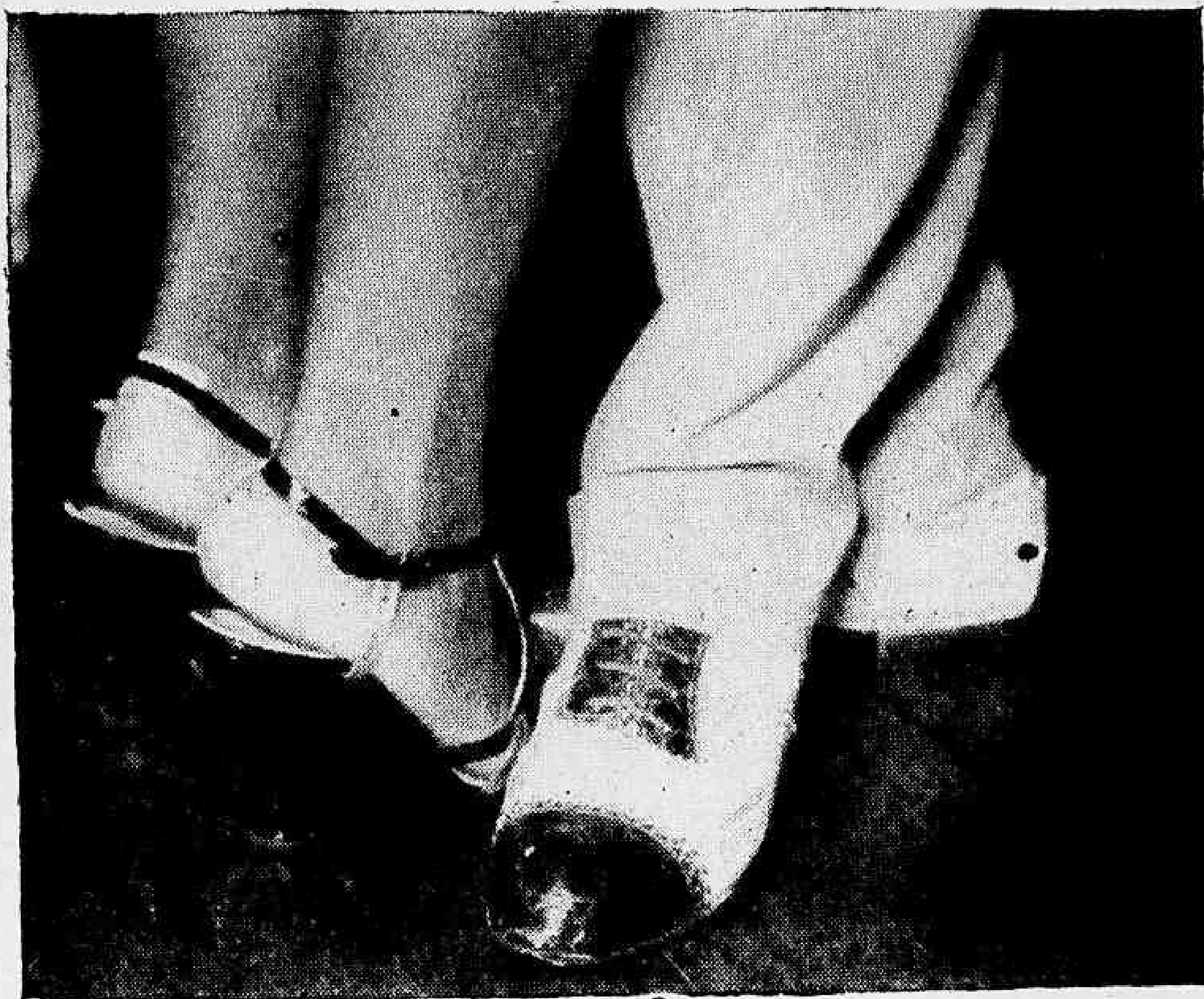
Embora sob o rótulo de clubes, as «gafieiras» têm, na realidade, um dono, «sócio proprietário», que responde por tôdas as despesas, e sente as dores de cabeça, quando um daqueles «moços bonitos» se acha no direito de fazer arruaças. Mas, já prevenindo, há um policiamento, discreto mas rigoroso. Há, em verdade, um comércio rendoso, em que alguns donos do negócio tiram uma série de proveitos, independentemente do lucro da atividade. Um dêles, um prêto alto, forte, um belo espécime da sua raça, com uns 45 anos de idade aproximadamente, é um verdadeiro «big shot» no reinado das «escurinhas». E o mais interessante é que, para «não dar mau exemplo», tem um especial cuidado com suas conquistas, salientando sempre que «são gentilezas da casa». Outros, não; são pura e simplesmente comerciantes; não vêem o dançarino ou a dançarina, vêem o que paga, querem é o ingresso, e daí nem sempre uma freqüência de todo satisfatória.

AS GRÃ-FINAS QUEREM VER COMO É

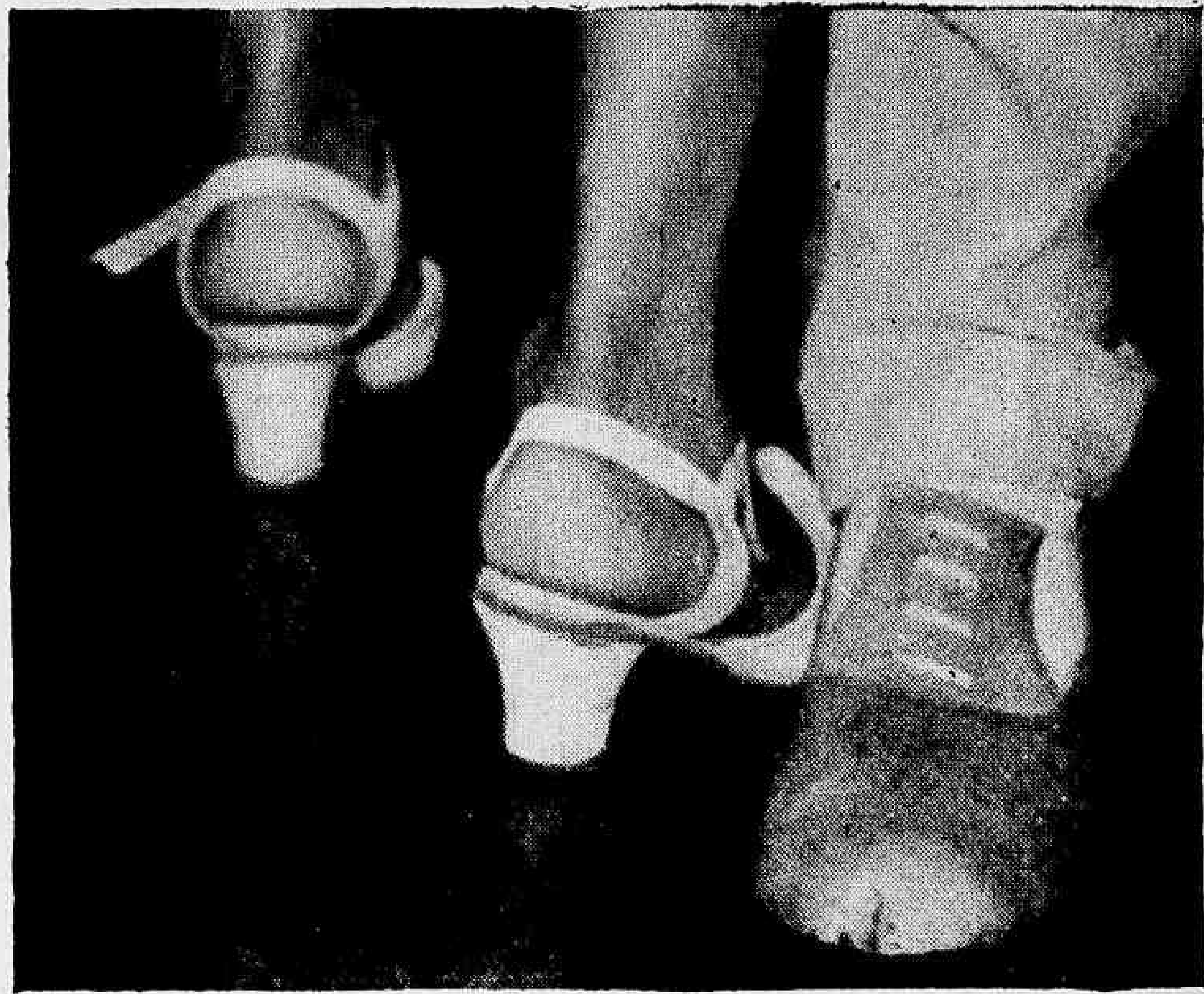
No entanto, não é difícil encontrar-se numa gafieira pessoas das mais variadas categorias sociais, se fôsse possível agrupá-las por categorias. Lá vemos a grã-fina, a título de curiosidade, para «ver como é»; vemos o rapazelho inconseqüente, que julga mais fácil um aprendizado numa boêmia menos custosa; vemos o operário, o trabalhador, o pobretão que quer dançar e sòmente dançar, não importando com quem, contanto que seja uma dama. Vemos a empregadinha que sabendo que a «madama» acompanhou o espôso para uma «boite», ou que a «filha da patroa» fala dos seus «flirts» e bailes, faz seus castelos e vai até à «gafieira» tentar concretizá-los.

Todavia, se o discernimento daqueles curiosos ou inconseqüentes, é um pouco mais capaz de aceitar ou compreender a situação e o ambiente, o mesmo não acontece com o freqüentador mais rude, que se considera ofendido, às vêzes, com uma recusa, ou então se julga no direito de dançar com uma dama qualquer que lhe agradou.

(Cont. na pág. 50)



de mais grã-fino nas patroas... Êles, sempre de bico fino, suprassumo da elegância, as calças largas em cima, terminando pela clássica boquinha



com a qual tanto implicava aquêle comissário, e que, para muita gente é de muita beleza e arte, e vão os pares a sambar, a xaxar, a divertir-se.

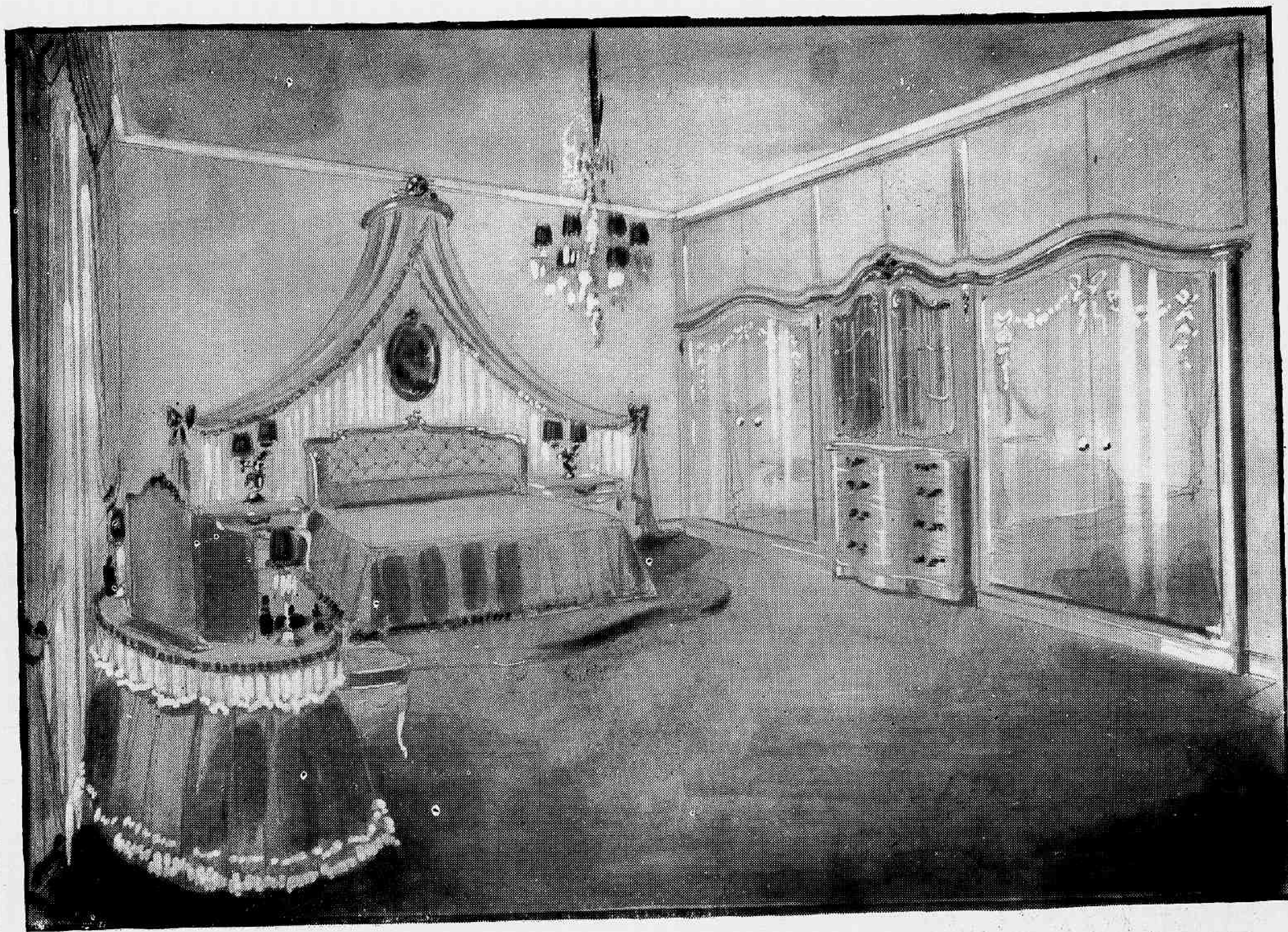
ÚLTIMO FLASH



FLORES PARA OS PRACINHAS

O Brasil não esqueceu aquêles que deram a vida pela pátria, e que estão sepultados em terras da Itália. A data de 2 de novembro, dedicada aos mortos, congrega o coração dos vivos para homenagear a memória dos mortos. Os nossos campos-santos se povoaram de visitantes com suas flores aos mortos queridos; também os que estão em Pistóia tiveram flores sôbre os seus túmulos, flores brasileiras mandadas do Rio para os nossos soldados, de avião. Esta fotografia registra o transporte, em caminhão, de Roma para Pistóia, de braçadas de flores do Brasil, "Aos que morreram pela liberdade do mundo". Assim, o Dia de Finados não passou despercebido entre as cruzes que assinalam os túmulos dos heróicos pracinhas, no cemitério de Pistóia. Estas flores levaram a mensagem piedosa do Brasil distante. — (Foto U. P.)

MÓVEIS e DECORAÇÕES



projeto da CASA NUNES



Visite as novas exposições

— preços ao alcance de todos —

Grupos Estofados

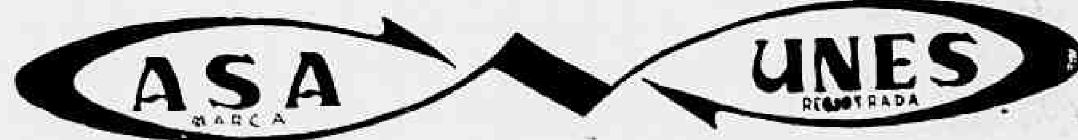
— especialidade de nossas oficinas —

Tapêtes Feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Tapêtes e Passadeiras

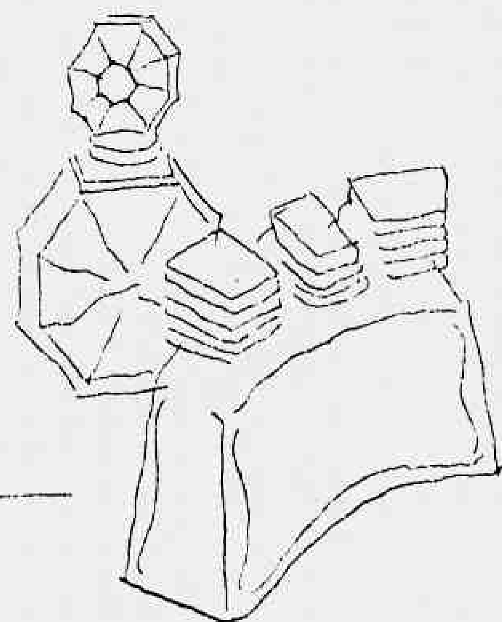
de forração, de tôdas as larguras, em côres lisas e com flores



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

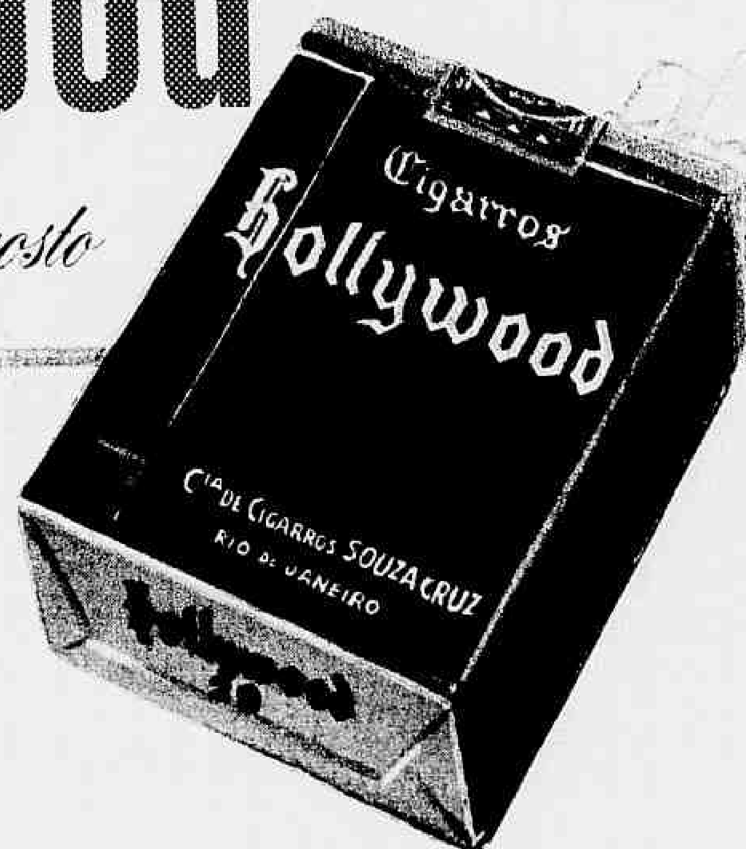
Uma legítima consagração...

O apurado bom gosto de uma elite consagrou os perfumes francêses como os mais finos e raros... Esse mesmo agudo senso de seleção, peculiar aos que se distinguem pela elegância, deu aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.



cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ